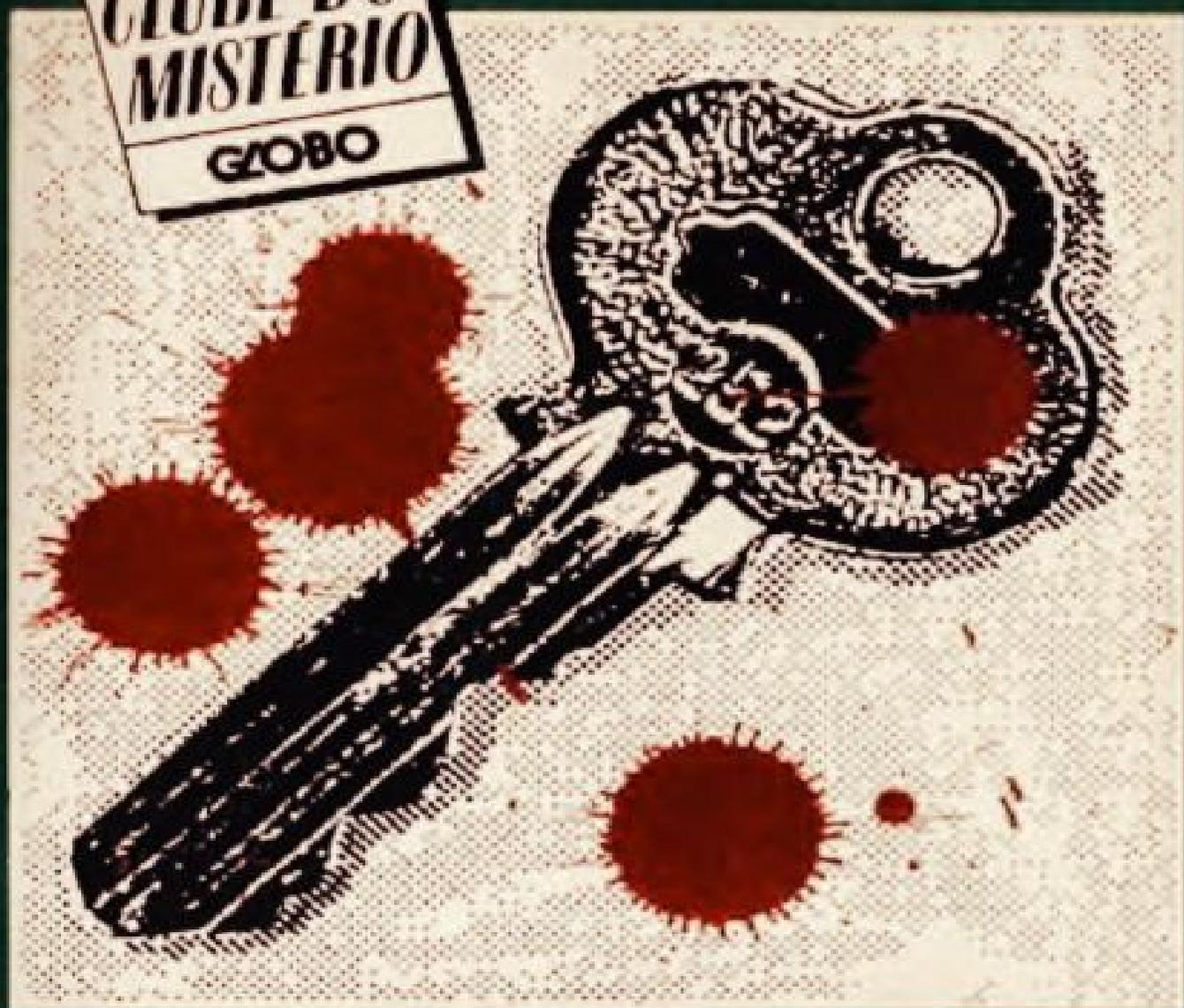


**CLUBE DO
MISTÉRIO**

GZBO



**EDGAR
WALLACE**

**A PISTA DO
ALFINETE NOVO**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



**EDGAR
WALLACE**
A PISTA DO
ALFINETE NOVO



Título original:

The clue of the new pin

Direitos desta edição, Editora Globo S.A., 1987.

Tradução: E. V.

Ilustração de capa: Carlos Matuck.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Composição: Lineart Ltda.

Distribuidor exclusivo para todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20263, Rio de Janeiro.

Editora Globo S.A.

Rua Itapiru, 1209, CEP 20251, Rio de Janeiro.

Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo.

· **Sinopse** ·

Uma atriz que tem suas joias roubadas mas não deseja denunciar o fato à polícia. Um chinês que guarda segredos comprometedores. Dois amigos inseparáveis, um dos quais herdeiro de grande fortuna. Todos acabam envolvidos numa trama diabólica, cujo desfecho é um crime insólito e aparentemente sem solução.

• 1 •

O restaurante de Yeh Ling tinha começado no final da Reed Street e se especializara em pratos chineses. Chegou depois ao coração da rua, adquiriu um aspecto rico mas singelo, um *chef* francês, garçons italianos capitaneados pelo popular Maciduino, o mais educado dos *maîtres d'hôtel* e, como o edifício possuía um telhado dourado, o estabelecimento recebeu o nome de Teto de Ouro. Tinha belas dependências revestidas de pau-rosa e com luzes suavemente veladas.

Um desconhecido nunca era introduzido nos reservados, mesmo que se apresentasse trajado de maneira impecável. O compartimento número 6 era o mais próximo da porta de serviço, ao qual se chegava por um labirinto de ruelas que conduziam ao velho edifício da Reed Street, cujo aspecto permanecia quase inalterado desde os dias dos primeiros esforços de Yeh Ling.

Também se dedicava Yeh Ling devotamente aos assuntos que se prendiam à construção de seu novo edifício em Shanford.

Na primeira segunda-feira de cada mês, Yeh Ling ia ao compartimento número 6, onde um homem já o estava esperando. No dia em que começa nossa história, ele entrou e foi logo dizendo ao homem, Jesse Trasmere: — Os lucros diminuíram esta semana, excelência. O tempo esteve muito bom e muitos de nossos clientes saíram da cidade.

Trazia uma caixa na mão e um grosso livro debaixo do braço. Retirou da caixa quatro pacotes de notas de dinheiro. Dividiu-os em duas partes: três pacotes para a direita e um para a esquerda. O velho pegou, resmungando, os três pacotes que estavam a seu lado.

— A polícia deu ontem uma batida — tornou a falar passivamente Yeh Ling. — Sempre desconfiam que os chineses têm salas de ópio.

— Bah! — exclamou Trasmere, manuseando o dinheiro — Está bem, Yeh Ling. — Introduziu as cédulas numa bolsa negra que tinha a seus pés e prosseguiu: — Lembra-se de um homem de Fi Sang que trabalhou para mim?

— O Pau-d'Água?

— Acaba de chegar — disse Trasmere.

Jesse Trasmere era um homem de traços duros. Tinha de sessenta a setenta anos. Compunha sua indumentária um traje que devia ter sido preto, hoje puído e amarelento, um colarinho de corte antigo e bordas desfiadas e uma gravata de laço, parecendo mais um cordão de sapato que deixasse cair abandonadamente suas pontas sobre uma camisa de cor indefinida. Os olhos eram azuis e duros, e o rosto, de feições rígidas, cheio de calosidades como a pele de uma lagartixa.

— Sim — confirmou ele. — E se apresentará aqui logo que lhe seja possível orientar-se na cidade. Yeh Ling, esse homem, é incômodo. E eu ficaria contente se o soubesse dormindo no Espaço da Noite.

Yeh Ling sacudiu a cabeça:

— Não posso matá-lo. Vossa excelência bem sabe que minhas mãos estão limpas de...

— Será que você tem a cabeça oca? Acaso assassino homens ou peço que os assassinem? Mesmo em Amur, onde a vida humana vale menos que nada, não fiz mais do que torturar o sujeito que roubou meu ouro. Não, o Pau-d'Água deve ser tratado de outra forma. Ele costuma fumar o Cachimbo da Experiência Divina. Você não tem sala de ópio porque eu não toleraria tal coisa. Mas conhece certos lugares...

Trasmere saiu e começou a andar com passo firme e regular, escolhendo cuidadosamente as ruas mais movimentadas. Às oito e meia estava em Peais Avenue, onde tinha sua residência. Em dado momento, um homem que passeava ociosamente pela rua caminhou a seu encontro.

— O senhor desculpe, Mr. Trasmere... Não se lembra de mim? Holland! Entrevistei o senhor há coisa de um ano, a propósito de suas divergências com a municipalidade.

— Bem, que quer agora?

— Nosso correspondente em Pequim nos enviou a proclamação original do general revolucionário Wing Su, ou Sing Wu. Esses nomes chineses são o diabo.

Tab Holland tirou do bolso uma folha de papel amarelo coberta de estranhos caracteres.

— Não pudemos pôr-nos em contato com nossos intérpretes e, sabendo que o senhor é uma autoridade nesse idioma, o chefe da redação lembrou-se de pedir-lhe a fineza...

Jesse tomou o papel de má vontade, prendeu a bolsa entre os joelhos e ajustou os óculos.

— "Wing Su Shi, pela graça dos céus, invocando humildemente seus antepassados, dirige-se a todos os homens do Império Chinês..." — começou.

Tab, caderno na mão, anotava rapidamente à medida que o outro traduzia.

— Muito obrigado, senhor — disse, quando o velho terminou a leitura.

— Bem. Nada mais, cavalheiro?

— Nada mais. Muito agradecido — falou Tab, tirando o chapéu.

Ficou olhando o velho, que prosseguiu seu caminho. Então era aquele o miserável tio de Rex Lander? Não parecia por certo um

milionário; mas, afinal de contas, os milionários raramente evidenciam sua riqueza.

Quando chegou ao jornal com seu serviço pronto, disse-lhe o redator de plantão: — Sinto muito, Tab. O repórter teatral faltou. Não poderia ir ver a atriz?

Tab suspirou, mas foi. Pouco depois, no teatro, travava-se o seguinte diálogo entre nosso repórter e a atriz Ursula Ardfern: — Holland, Somers Holland, vulgo Tab, do *Megafone*. O cronista teatral está doente, e ouvimos ontem certos boatos de boa fonte, de que a senhorita está para casar...

— E então resolveu vir indagar-me, não? Olhe, isso não fica bem para os senhores... Não, não estou para casar. Não acho que me vá casar algum dia. Os senhores não devem pôr essa notícia no jornal, pois do contrário todos julgarão que estou assumindo atitudes excêntricas. Mas... diga lá: sabe porventura quem é o feliz mortal?

— Isso é precisamente o que vim perguntar-lhe.

— Sinto-me confusa — continuou ela, dando um muxoxo. — Na verdade, não vou casar. Não diga que estou casada com minha arte, porque não estou, e faça-me o favor de não dizer também que há galanteios sérios entre um rapaz de posição e mim, porque também não há. É tudo quanto deseja saber?

— Quase tudo, Miss Ardfern. Lamento realmente havê-la incomodado. Sempre digo isso às pessoas que incomodo. Mas desta vez falo com sinceridade.

— Como obteve a informação? — perguntou ela, levantando-se.

Tab tomou involuntariamente uma expressão carrancuda, enquanto dizia: — De um amigo... de um amigo meu. É a primeira vez que ele me traz uma notícia falsa. Boa noite, Miss Ardfern.

Tab Holland não era homem de teatro nem tinha tratado com ninguém que pertencesse ao ambiente teatral. Era essa a segunda atriz que havia encontrado em seus vinte e seis anos de vida. E ela era um ser humano, inesperadamente humano.

Que era extremamente bonita, reconhecia-o sem surpresa. As atrizes deviam ser formosas, até mesmo Ursula Ardfern, que era uma grande artista, uma vez que se aceitasse o veredicto unânime da imprensa e a exigente e complicada opinião de Rex Lande, Tinha

senso de humor, graça, juventude e naturalidade. Tab teria ali permanecido indefinidamente, mas a atriz pôs fim à entrevista de forma inequívoca: — Boa noite, Mr. Holland.

Sobre a mesa de toailete ficava o estojo marrom, aberto, entrevisto fugazmente pelo rapaz, que não o esquecia. Estava cheio de belas joias, sendo que principalmente atraía a atenção de Tab um broche de diamantes, que tinha no centro um rubi em forma de coração.

A moça o acompanhou até a porta. Quando voltou, a criada, que a esperava no camarim, disse-lhe em tom preocupado: — Gostaria que não levasse essas joias. Mr. Stark, o tesoureiro, se ofereceu para guardá-las no teatro, em lugar seguro, e a senhora sabe que aqui temos guarda-noturno.

— Mr. Stark já insistiu muito nesse assunto — respondeu Miss Ardfern serenamente. — Mas prefiro levá-las comigo, depois que as uso no palco. Dê-me o casaco.

Pouco depois deixava o teatro pela porta lateral, na frente da qual se achava estacionado um pequeno carro. Miss Ardfern subiu no carro, deixou o cofre das joias a seus pés e pôs o motor em marcha.

Tab vira o carro partir. Se alguém lhe tivesse dito que ele era capaz de esperar à saída de um teatro para ver passar uma artista, só para vê-la fugazmente, ficaria indignado. E, no entanto, ali se achava às escondidas, mas tão envergonhado de sua debilidade que se apressou em desaparecer pela rua mais escura.

O apartamento de Tab ficava em Doughty Street. Detendo-se um instante para comunicar por telefone o resultado da entrevista, tomou o caminho de casa.

Ao entrar, um homem, presumivelmente dois anos mais moço do que ele, olhou-o por cima da poltrona em que estava.

— E... ? — perguntou ansiosamente.

— Rex, você é um espalhador de notícias falsas, um boateiro digno de figurar entre os basbaques da saída do teatro.

— Então ela não está para casar? — inquiriu Rex, com um suspiro. — Ouvi dizer...



Era um homem de aspecto infantil. Pele rosada. Rosto tão redondo que parecia o de um anjo. Ficava-lhe bem o apelido de Babe (bebê). Tinha hábitos sibaritas. Tab e ele haviam sido condiscípulos, e quando Rex viera para a cidade a cuidado de um parente, um tio — o ríspido Tosse Trasmere —, para se torturar nos estudos de arquitetura, haviam renovado a antiga camaradagem, e agora moravam juntos no mesmo apartamento.

— Que acha dela? — perguntou ele.

— Absolutamente encantadora! — disse Tab, que logo mudou de assunto ao ver um envelope em cima da lareira. — De quem é essa carta?

— Do tio Jesse. Escrevi-lhe perguntando se podia me emprestar cinquenta libras.

— E o que diz ele? Encontrei-o hoje na rua.

— Leia — convidou Rex Lander, sorrindo.

Tab tomou o envelope e tirou de dentro uma folha de papel grosso, escrito em pesada letra de colegial. — "Prezado Rex" — começou a ler. — "Seu trimestre vence somente no dia 25. Lamento, por conseguinte, não poder atender ao seu pedido. Deve viver com mais economia, lembrando que, quando herdar meu dinheiro, agradecerá a experiência que lhe haverá dado a vida econômica e que lhe permitirá empregar o grande cabedal que será seu de maneira mais judiciosa e previdente."

— É um avarento — disse Tab, atirando a carta sobre a lareira. — Alguém me disse outro dia que ele tem mais de um milhão. Onde o conseguiu?

— Penso que na China. Nasceu lá e trabalhou penosamente nas areias auríferas do rio Amur. Adquiriu depois propriedades onde se descobriu mais ouro. Não sei — acrescentou, coçando o queixo — o que devo pensar. Afinal de contas, pode haver algo de verdadeiro no que ele diz. É possível que o velho seja até um bom amigo que tenho ...

— De quanto em quanto tempo vocês se veem?

— Desperdicei uma semana com ele no ano passado — disse Rex, puxando pela memória. — Ainda lhe devo algo. A verdade é que se eu não gastasse em coisas supérfluas e não me desse tanto luxo poderia viver com meus rendimentos.

— Correm boatos de toda espécie a respeito do velho — disse Tab. — Um companheiro me contou outro dia que ele guarda o dinheiro em casa.

— É verdade que ele não tem conta nos bancos — falou o outro — e eu soube por acaso que guarda uma soma considerável de dinheiro em Mayfield. A casa é construída como uma prisão e tem um porão que bem se pode dizer que é a caixa-forte mais possante no gênero. Nunca vi esse porão, mas vi o velho descer lá. Não tem mesmo conta nos bancos. Paga tudo em dinheiro. E sabe-se que não é nada generoso. Por exemplo, há seis meses o casal que cuidava de Mayfield tinha o costume de dar as sobras da comida do dia a um parente mais pobre e ele o proibiu logo que soube. Quando estive lá no ano passado, ele conservava fechados todos os aposentos, exceto seu dormitório e a sala de jantar; esta também era usada como gabinete.

— Qual é a criadagem?

— Walters, o mordomo, e duas mulheres que vêm diariamente, uma para cozinhar e outra para fazer a limpeza. Mas a cozinha foi construída fora da casa e tem dimensões reduzidas.

— Mr. Trasmere deve ser de um trato admirável — disse Tab ironicamente.

— Não é precisamente jovial. Muda de cozinheira todos os meses. Há poucos dias encontrei Walters, que me disse que a nova era a melhor de todas que haviam aparecido.

Houve um silêncio prolongado. Depois Tab ergueu-se e sacudiu a cinza do cachimbo. — Ela é muito bonita — murmurou.

E Rex Lander olhou para o companheiro com ar desconfiado, porque sabia que, indiscutivelmente, Tab não estava se referindo à cozinheira.

▪ 3 ▪

Uma hora da tarde. Trasmere acabava de se levantar. Imediatamente vestiria seu puído traje preto para permanecer de pé e vigilante até a madrugada do dia seguinte. Nunca se metia na cama antes que as estrelas começassem a empalidecer, e também não permanecia nela além das duas da tarde. Às seis e meia em ponto, Walters ajudava-o a pôr o casaco; um leve se fazia calor, um pesado e forrado de pele se fazia frio. E Jesse Trasmere saía a pescar negócios. Mas, antes de deixar a casa, cumpria o ritual de costume: fechava segura e cuidadosamente as portas, encerrava o mordomo em seu quarto e saía para a rua. Às oito e meia em ponto estava de volta; invariavelmente jantava fora. Walters lhe servia uma xícara de café simples e às dez se retirava para seu cubículo, separado da parte principal da casa por uma pesada porta que Trasmere fechava sempre à chave.

Uma vez, nos primeiros dias de serviço, Walters protestou: — Suponha, senhor, que haja um incêndio na casa... — insinuou.

— Se a casa não lhe agrada, pode deixá-la. Estes são os hábitos de minha propriedade, e não há outros.

Toda manhã Walters achava a porta aberta. O criado não tinha oportunidade de descobrir nada a respeito do amo além do que este lhe permitia ver e ouvir. Walters estava ansioso por saber o que havia no porão. Ao que parece, Trasmere possuía uma só chave, que devia conservar pendurada no pescoço durante a noite e bem oculta em suas roupas durante o dia, de modo que as buscas de Walters não davam resultado.

Certa manhã, ao levar ao patrão a água que este usava para fazer a barba, achou-o desmaiado. Trasmere sofria periodicamente desses colapsos. Perto havia uma barra de sabão de barba e Walters era um homem de recursos...



Quando voltou a si, Trasmere indagou: — Veio alguém esta manhã?

— Não, senhor.

— Pôs no jornal o aviso de que saio da cidade por dois ou três dias?

— Sim, senhor.

— Chegará um homem da China; não quero vê-lo — explicou.

Em certas ocasiões era comunicativo com o criado, mas Walters, que o conhecia perfeitamente, não cometeu o erro de fazer perguntas. — Não, não quero vê-lo. Foi meu sócio há vinte ou trinta anos. Jogador, beberrão, ordinário. Perdeu-se porque... Bem, se ele vier, você não deve deixá-lo entrar. Se fizer perguntas, não lhe responda. Você não sabe de ninguém.

O velho Jesse permaneceu mais de meia hora sentado, a refletir, depois que Walters o deixou. Então dirigiu-se para sua velha escrivaninha e abriu-a. Tirou papel, um recipiente com nanquim, um pincel e começou a escrever. Os intrincados caracteres chineses apareceram com rapidez mágica. Apanhou um cilindro de aço da grossura e do comprimento de um lápis. Com uma das extremidades fez pressão no papel e, ao retirar o cilindro, apareceram dois caracteres chineses dentro de um círculo vermelho.

Era esta a sua hong, a sua rubrica; mil comerciantes, de Xangai a Fi Chen, pagariam os cheques que levassem essa marca misteriosa, ainda que se tratasse de somas astronômicas. Depois que o papel secou, o velho dobrou-o em pequenas pregas e dirigiu-se para a lareira apagada.

Fora, na escada, Walters esticava o pescoço com profundo interesse, para ver o que acontecia. De sua posição, e através da bandeira da porta, dominava pelo menos uma terça parte da peça. Mas agora Jesse estava fora de sua vista, e, embora o criado

fizesse os maiores esforços, nada podia ver. Somente percebeu que, ao reaparecer, Trasmere já não tinha o papel na mão.

Tinha sido um transtorno para os projetos do velho que o navio-correio da China tivesse feito uma viagem recorde, chegando trinta e seis horas antes do tempo marcado. Trasmere não lia jornais, e não ficara sabendo do fato.



Walters demorou algum tempo antes de acudir ao chamado da campainha, pois estava ocupadíssimo em seu quarto com um assunto que absorvia toda a sua atenção. Quando abriu a porta, deu com um homem desconhecido, de cara amarelada, parado no umbral. Vestia um velho traje que parecia não lhe pertencer; camisa e colarinho sujos; sapatos cambaios. Com as mãos sumidas nos bolsos da calça, o chapéu amarfanhado atirado para a nuca, recebeu a pergunta e o deferente gesto de Walters com um ar de insolência. Estava bêbado.

— Por que diabo me deixa esperando na porta da casa de meu amigo Jesse? Hein?

— Mr. Trasmere não está. Qual é seu nome, cavalheiro?

— Wellington Brown. Wellington Brown, de Chei Fu. Esperarei aí dentro.

— Mr. Trasmere me deu ordens rigorosas para não deixar entrar ninguém na sua ausência.

O rosto de Wellington Brown se crispou ainda mais de ira. — Oh! Eu vou entrar!

A luta foi breve, porque Walters era robusto e Wellington Brown um homem de quase sessenta anos. Foi arrojado contra a parede e teria caído no chão se Walters não o amparasse. — Não tive intenção de machucá-lo — disse Walters, penalizado.

O intruso ergueu o braço. — Ajustarei contas com seu patrão... lembre-se bem, lacaios!

• 4 •

Naquela noite, às nove em ponto, soou longamente a campainha da porta do apartamento de Tab Holland.

— Que é que há? — perguntou ele. Estava em mangas de camisa, lutando pela vida.

Rex Lander saiu do dormitório. — Vá ver quem é, Babe, que estou ocupado.

Lander tremeu. Sempre acontecia isso quando lhe pediam um esforço físico, por menor que fosse. Abriu a porta, e Tab, ouvindo uma voz forte e desconhecida, aproximou-se. No corredor se via um vulto barbudo e dominante, que falava energicamente.

— Quem é que está enganado? — indagou Tab.

— Todos, senhor — exclamou o visitante —, todos estão enganados! Um homem, um cavalheiro, não pode ser roubado ou assaltado... — Refletiu por um momento e acrescentou: — impunemente...

— Traga-me para dentro esse arenque defumado — disse Tab.

Wellington Brown entrou cambaleando. Estava abominavelmente embriagado.

— Qual dos senhores é Rex Lander? Sou Wellington Brown, de Chei Fu, que vive da misericórdia de um velho salafrário! Um pensionista! O que ele me paga é uma insignificância diante do que me roubou! Posso dizer-lhes muito do velho Trasmere...

— Trasmere, meu tio?! — exclamou Lander com espanto.

— Posso dizer-lhe algo a respeito dele. Fui seu contador e secretário. Sei de muitas... Direi tudo!

— Será melhor que se acalme... — disse Rex friamente. — Por que veio aqui?

— Porque o senhor é sobrinho dele. Essa é a razão. E ele me roubou... me roubou! Arrebatou o pão da boca de crianças inocentes! Arrebatou o pão dos órfãos e também me roubou,

expulsando-me do Sindicato do Comércio Manchuriano. Expulsou-me dizendo: "Morra!"

— E que fez você? — perguntou Tab em tom sarcástico.

O homem olhou-o irritado. — Quem é este? — perguntou.

— Um amigo meu — respondeu Rex. — Você está em casa dele. E, se o que veio fazer aqui foi falar mal de meu tio, pode ir dando o fora.

Wellington Brown pôs o dedo indicador no peito do jovem e, entrecerrando os olhos, disse: — Seu tio é um salafário! É muito mais do que isso: um ladrão!

— Fora! — gritou Babe Lander, empurrando-o para o corredor.

— Quem é esse sujeito? — indagou Tab, depois que o homem os livrou de sua presença.

— Eu é que vou saber? — disse Rex Lander. — Nunca me enganei a respeito das antigas relações do tio Jesse. Ao que parece, esse homem é pensionista do velho, e deve haver algo de verdade quando diz que foi roubado. Não posso imaginar meu tio fazendo obras de caridade! De qualquer modo, vou vê-lo amanhã e perguntarei o que há.

— Você não o verá — replicou Tab. — Nunca lê as notícias da vida social? Seu tio está fora da cidade.

Rex sorriu.

— Olhe que o velho tem recursos quando não quer ser visto...Foi por causa de Wellington que pôs a notícia na coluna social.

Às onze horas Tab terminou seu trabalho, enviou-o à redação por um mensageiro pontual e, pegando o cachimbo, estendeu-se placidamente em sua poltrona. — Agora sou um homem livre até segunda-feira de tarde...

Nesse momento, soou o telefone e Tab ergueu-se com um suspiro. Falavam da redação. Quando voltou, contou a Rex que um cavalheiro polaco tinha sido preso, fugido e, entrincheirando-se em casa, resistia à polícia com o auxílio de água fervente num grande tacho. Estava louco, pelo visto.

— Vai? — perguntou Rex com indiferença.

— Claro que vou, seu grandessíssimo camelo!

— Creio que todos os assuntos são inventados na redação — disse impassivelmente o jovem arquiteto. — Quanto a mim, nunca acredito no que leio nos jornais ...



Mas Tab já tinha saído. Ficou com os policiais até que conseguiram dominar o demente. Eram duas da madrugada quando ele e Carver, o chefe dos detetives, refaziam as forças num restaurante contíguo à chefatura de polícia. Já passava das três quando Tab tomou o caminho de casa, percorrendo as ruas solitárias. Ao atravessar Park Street ouviu o ruído de um carro em marcha, que passou rente a ele. O carro já tinha sobre Tab a dianteira de uns cem metros quando um pneu estourou. Uma mulher desceu e examinou a roda. Ao que parecia, viajava sozinha, pois pegou ela mesma a caixa de ferramentas e, deixando-a sobre o calçamento, tirou um macaco. Tab desceu e atravessou a rua. A única pessoa que se divisava naquele momento era um ciclista que tinha parado e examinava as rodas de seu veículo.

— Posso ser útil em alguma coisa? — perguntou Tab à dama.

Esta se ergueu sobressaltada. — Miss Ardfern! — exclamou o rapaz, atônito.

A moça pareceu contrariada, mas, dominando-se, disse com um sorriso: — Oh! É Mr. Tab!

Miss Ardfern nada disse enquanto o rapaz levantava o carro. Depois explicou: — Estou fora um pouco tarde, venho de numa reunião.

Havia bastante luz: Tab percebeu que a atriz estava vestida com simplicidade e que seus sapatos eram ordinários e já muito usados. Alguém poderia dizer que se achava pobremente vestida. Dentro do carro via-se uma caixa negra e quadrada. Talvez ela tivesse mudado de vestido... mas era surpreendente que uma pessoa trocasse de roupa antes de voltar de uma reunião!

• 5 •

"Ursula..." — murmurava Tab ao despertar, às onze da manhã. Rex, que havia saído, acabava de voltar.

— O amigo de meu tio apareceu de novo — disse ele. — Não o ouviu? Chegou conciliador e de olhos baixos, mas não deixou de ameaçar tio Jesse.

— O que veio fazer esse diabo?

— Só Deus sabe! Persuadi-o a sair da cidade nesta mesma semana. Ele me prometeu. Mas reconheço que seus juramentos me impressionaram. Ele me disse que matará Jesse Trasmere se o velho não lhe conceder uma reparação.

— Um homem que bebe é perigoso — ponderou Tab. — Se não temos de nos preocupar com um inocente lunático, não devemos esquecer que não há nada mais temível do que um homem embriagado. Carver e eu falamos ontem a esse respeito e ele concordou comigo. Você deve prevenir seu tio.

— Vou visitá-lo hoje mesmo.

Antes da hora do lanche saíram juntos. Tab tinha de ir à redação e encontrar-se depois com Carver para almoçarem. Depois de deixar o restaurante, Tab falou sobre o estranho e suas ameaças.

— Conhece pessoalmente o velho Trasmere? — indagou Carver.

— Vi-o duas vezes. A primeira foi na casa dele, quando fui entrevistá-lo a propósito de uma complicação sua com a municipalidade. Rex Lander, que mora comigo, é seu sobrinho. Ouvi muita coisa a respeito do velho.

— Lander é o herdeiro?

— Rex o espera fervorosamente. Mas diz que o tio Jesse é capaz de deixar todo o dinheiro a algum hospital ou manicômio. Por falar em Trasmere, ali vai o criado dele. E parece que com pressa!

Um táxi passou rapidamente, conduzindo Walters, que era seu único ocupante. O fato que chamou vivamente a atenção dos dois

homens foi estar o mordomo de Trasmere sem chapéu e com uma expressão muito preocupada.

— Que será que aconteceu? — disse Carver.

— Walters...o criado do velho Trasmere — replicou Tab —, parece apavorado.

— Walters — repetiu o detetive, pensativo. — A cara não me é estranha, nem o nome... Ah, sim! É Walter Felling!

— Walter o quê?

— Felling. Escapou-me há dez anos. É um ladrão incorrigível. Então ele é criado do velho Trasmere, hein? É sua especialidade. Entra para o serviço de pessoas endinheiradas, até que um dia se apodera de joias e valores do patrão e bate a bela plumagem. Verificou o número do carro?

Tab fez um gesto negativo. — A questão é verificar se está fugindo ou se dá cumprimento a algum recado urgente do patrão. Temos de procurar Trasmere de qualquer forma.

A casa de Trasmere não estava muito longe. Foram a pé. Mayfield, a morada do velho, era a residência mais feia de uma rua famosa por suas construções. Feita de horríveis tijolos amarelos, sem ornamento de espécie alguma, erguia-se quadrada e chata em meio de um "jardim" nu.

— Não é precisamente o palácio do Príncipe Encantado... — observou Tab, ao abrir o portãozinho de ferro.

— Vi coisas mais bonitas — admitiu Carver. — Admito.

Deteve-se. Naquele instante abriu-se com violência a porta do edifício e apareceu Rex Lander, que saía da casa com passo apressado. Seu rosto estava lívido e os olhos desvairados. Tab ficou paralisado de espanto.

— O que é que há? — perguntou, nervoso.

E pôde adivinhar o drama no olhar de Babe Lander e nas palavras que este conseguiu balbuciar: — Meu tio... Entrem...Vejam...

Carver correu para a casa e entrou pela porta da sala de jantar, que estava aberta. A sala achava-se vazia, mas junto da lareira abria-se uma porta pequeníssima. — Onde está ele? — indagou o detetive.

Rex só podia fazer um sinal: apontava para a estreita abertura. Começava ali uma escadinha de pequenos degraus de pedra que dava para uma passagem mais estreita ainda e limitada por outra porta então também aberta. O corredor era iluminado por três globos de luz distribuídos ao longo do teto, e impregnava o ar um cheiro acre de pólvora.

— Que é isto?! — exclamou Carver.

Apanhou umas luvas velhas que estavam caídas no cisão e guardou-as no bolso. Olhou para Rex Lander, que, sentado no degrau mais alto, tinha ocultado o rosto nas mãos.

— Creio que é desnecessário interrogá-lo — disse Carver em voz baixa. — Onde estará o tio?

Tab percorreu a passagem e deteve-se diante de uma porta que havia do lado esquerdo; era de reduzidas dimensões, pintada de negro e colocada muito para dentro da grossa parede. Não tinha trinco nenhum; somente um buraco de fechadura quase imperceptível. A certa altura da porta percebia-se uma placa perfurada, sem dúvida para fins de ventilação. O rapaz empurrou a porta, mas esta se achava fechada a chave, o que o induziu a espiar através dos orifícios da chapa de ventilação. Viu uma espécie de cova abobadada, que parecia ter uns três metros de largura por dois e meio de altura; as paredes ásperas estavam cobertas de estantes e gavetas de aço.

Uma forte luz irradiava do teto, e Tab pôde notar os menores detalhes daquele interior. No canto mais afastado do quarto havia uma ampla mesa, mas o olhar do moço se deteve somente em um vulto que jazia ao lado dela. Um rosto estava voltado para a porta. Era o rosto de Jesse Trasmere, morto.

▪ 6 ▪

Tab cedeu o lugar ao detetive e esperou enquanto este observava.

— Não há vestígios de luta... mas, a julgar pelo cheiro, houve disparo de arma de fogo — disse ele. — Que é aquilo sobre a mesa?

Tab tornou a espiar. — Parece uma chave — respondeu. Empurraram a porta, mas esta resistiu ao esforço de ambos.

— A porta é muito pesada e a fechadura demasiadamente forte para nós — disse Carver por fim. — Vou telefonar para a chefatura de polícia, Tab. Trate de levar para fora seu amigo.

— Acho que ele não estará em condições de falar por algum tempo. Venha comigo, Babe — disse Tab bondosamente, tomando o outro pelo braço. — Saíamos desta atmosfera insuportável.

Rex deixou-se conduzir até a sala de jantar, onde o amigo quase o deitou sobre uma poltrona. Carver telefonou, regressando muito antes que Rex pudesse narrar os fatos com alguma coerência. Seu rosto permanecia pálido; o rapaz não podia dominar o tremor dos lábios e assim ficou um bom tempo até que pudesse contar a seus pacientes amigos tudo quanto havia visto.

— Vim nesta tarde porque fui chamado — disse ele. — Tio Jesse me escreveu dizendo que viesse para tratar do pedido de um empréstimo que eu lhe tinha feito. Primeiramente se negara, mas, como aconteceu muitas vezes, ficou com pena no último momento, porque no fundo não era mau homem. Quando apertei o botão da campainha, a porta se abriu instantaneamente e Walters saiu... Walters é o mordomo de meu tio.

O detetive fez um sinal de assentimento. — Walters parecia terrivelmente agitado e tinha uma pequena bolsa preta nas mãos. "Eu ia justamente saindo, Mr. Lander", disse ele.

— Ele ficou surpreso ao vê-lo?

— Mostrou-se alarmado — continuou Rex. — Ocorreu-me que meu tio estivesse doente e perguntei isso ao criado. Respondeu que Mr. Trasmere se achava bem e que o mandava dar um recado urgente. A conversa não durou mais de um minuto porque Walters desceu correndo os degraus e alcançou a rua antes que eu pudesse me refazer do aturdimento.

— Ia sem chapéu? — perguntou Carver.

Rex fez uns sinal afirmativo. — Permaneci um momento no hall, pois sabia que meu tio não gostava de receber ninguém que não fosse devidamente anunciado. O senhor compreende, Mr. Carver, que a situação era um pouco delicada para mim. Eu vinha na qualidade de solicitante e, assim sendo, não queria pôr em perigo as cinquenta libras... Entrei no quarto de meu tio. Ele não se achava ali; mas vi aberta a porta que dá para a caixa-forte, que eu conhecia; meu tio não devia estar longe. Fiquei ali até que senti um cheiro de fumaça, pólvora, ou qualquer explosivo, o que me alarmou muito. Depois de alguma hesitação, pois sabia que meu tio detestava ser espiado, desci rapidamente a escada; dirigi-me à porta da abóbada, que achei fechada a chave; bati na placa de ventilação sem obter resposta. Então resolvi espiar. Foi horrível... — disse o rapaz, estremecendo. — Subi o mais depressa que pude, na intenção de chamar a polícia. Foi então que dei com vocês...

— Enquanto esteve aqui, não ouviu algum ruído que fizesse suspeitar da presença de outra pessoa? Há por aí algum criado?

— Somente a cozinheira... — disse Rex.

Carver saiu à procura da mulher. Mas a cozinha estava fechada e deserta. Parecia que naquele dia a cozinheira estava de folga.

— Farei uma inspeção na casa — informou Carver. — Venha comigo, Tab. Já que você está metido no assunto, convém seguir até o fim.

O percurso não durou muito. Havia duas peças utilizadas por Trasmere, e a terceira estava fechada a chave e provavelmente desocupada. Um corredor conduzia ao quarto de Walters, aposento maior do que os comumente destinados aos criados e que sem dúvida antes era um quarto para hóspedes; estava pobremente mobiliado e dava a impressão de que a rápida partida de Walters

não fora preparada. Pendiam algumas roupas de cabides colocados atrás da porta; outras se achavam no guarda-roupa; sobre a mesa se via uma taça com vestígios de café. Carver introduziu um dedo no líquido, que ainda estava morno. Numa extremidade da mesa havia um pano que encobria um objeto volumoso. Ao removê-lo, o detetive assobiou significativamente. Na borda da mesa estava ajustada uma morsa e, em cima, espalhadas, diversas limas e outras ferramentas. Carver afrouxou a ferramenta e observou o objeto que ela prendera. Era um fragmento de aço, de forma singular. O homem devia ter estado trabalhando ali recentemente, porque a limalha de aço cobria a base da ferramenta.

— Então o amigo Walters estava fabricando uma chave! — disse Carver. — Veja o molde de gesso! É uma velha habilidade dele. Suponho que tomou o molde em cera ou sabão e depois se pôs a trabalhar.

Observou com curiosidade o objeto na palma da mão e continuou: — Isto nos vai evitar muito trabalho, porque, a menos que me engane, é esta a chave do tesouro.



Minutos depois a casa foi invadida por detetives e fotógrafos da polícia. Traziam todo o aparelhamento. Tab aproveitou a chegada deles para acompanhar Rex até em casa. Antes de saírem, Carver chamou-o à parte. — Teremos de manter-nos em contato com Mr. Lander — disse. — Ele poderá lançar muita luz sobre o crime. Já mandei aviso a todas as estações para que prendam Felling. Quem é Wellington Brown?

— É o homem que ameaçou Trasmere. Falei dele a você enquanto jantávamos.

Carver tirou do bolso um par de luvas velhas.

— Mr. Wellington Brown esteve no corredor subterrâneo — disse tranquilamente — e foi bem indiscreto em deixar ali as luvas. Seu nome está marcado dentro delas.

— Atribuiu a ele o crime? — perguntou Tab.

— Foi ele ou Walters. De qualquer modo teremos de prendê-los como suspeitos, mas não posso dar minha opinião antes de entrar na caixa-forte.

Tab escoltou o amigo até o apartamento e voltou rapidamente a Mayfield. Esse era o gracioso nome que Trasmere tinha dado àquele aleijão arquitetônico. — Não encontramos armas de espécie alguma — disse o detetive, a quem Tab foi encontrar sentado à mesa da sala de jantar, debruçado sobre um mapa da casa. — Pode ser que haja indícios na abóbada e, se assim for, é porque se trata de um suicídio. Falei por telefone com o governante dos Mortimer, os construtores da casa e com os próprios construtores. Dizem que existe somente uma chave da caixa-forte. Trasmere tinha mandado fazer de vinte a trinta fechaduras por serralheiros diferentes. Ninguém sabe qual foi posta em uso, e dizem os construtores que houve ordens tão rigorosas a esse respeito que ninguém conseguiu se apossar de uma duplicata, sendo difícil, impossível, creio eu, que o assassino tenha entrado sem o auxílio da própria chave de Trasmere. Mas logo saberemos disso. Já tenho o melhor operário da cidade trabalhando na chave inconclusa que encontramos no quarto de Felling, e diz ele que o trabalho está tão adiantado que poderemos abrir a porta hoje mesmo.

— Então não pode utilizar-se dela como está?

— Fiz uma tentativa. Mas o serralheiro afirma que não se poderá introduzir a chave na fechadura tal como a achamos.

— Será então um caso de suicídio? Quer dizer que o velho Trasmere foi para a abóbada e, fechando-se lá, fez o disparo?

Carver deu de ombros. — Se o revólver estiver lá, sua hipótese está certa, embora seja difícil atinar com a causa do suicídio.



Às quinze para as onze, naquela noite, três homens se achavam diante da porta da caixa-forte.

O operário introduziu a chave e abriu a porta. — Deixe como está — disse ele.

E o serralheiro, sem dúvida aborrecido porque não lhe haviam permitido lançar um olhar ao local da tragédia que mal tinha vislumbrado, recuou e começou a recolher as ferramentas.

— Vamos! — disse Carver, dando um suspiro e calçando um par de luvas brancas que tirou do bolso.

Tab acompanhou-o. — Chamei novamente o médico. Estará aqui em poucos minutos — anunciou Carver, enquanto observava o corpo estendido aos pés da mesa. Aproximou-se desta. No centro havia uma chave. Mas o que fez com que o detetive soltasse uma exclamação foi o fato de que metade da chave estava manchada de vermelho. O viscoso líquido havia escorrido pela mesa.

— Sangue... — sussurrou o detetive, apanhando o objeto com o maior cuidado. Já não havia dúvidas. Embora o cabo estivesse limpo, a outra parte estava imersa em sangue. — Isto afasta a hipótese de suicídio — disse Carver.

O que primeiro procurou foi a arma que tinha dado morte ao velho. Não se achava rastro dela. Introduziu a mão por baixo do corpo flácido. Tab estremeceu ao ver a cabeça do defunto pender brandamente sobre o ombro. — Nada por aqui...

Seus dedos ágeis revistaram o corpo inanimado. Não havia nada de importância. Carver ergueu-se e ficou pensativo, com os punhos nos quadris, observando aqueles olhos, horríveis.

— Ele estava aqui, de pé, quando fizeram fogo... Como simulação de suicídio, convenhamos que é pouco hábil... ainda mais que não se encontra a arma. O velho foi morto pelas costas.

Se houvesse alguma dúvida a respeito, logo se dissiparia depois que o legista fez um ligeiro exame.

— Foi morto à distância de dois metros — disse ele. — Não, Mr. Carver, é impossível que se trate de suicídio. Não há vestígio da deflagração da pólvora. Ademais, a bala entrou justamente sob o ombro, e a morte deve ter sido instantânea. É impossível que o ferimento tenha sido causado pela própria mão da vítima.

Chegaram novamente os fotógrafos da polícia e, depois que se retiraram, deixando a atmosfera carregada com as explosões do

magnésio, os dois homens puderam continuar a busca. As primeiras gavetas estavam quase cheias de dinheiro. Havia pouco ouro, mas grande quantidade de notas de dinheiro de diversos países. Apenas duas das gavetas se encontravam fechadas a chave, e só uma continha documentos. Na maior parte eram contratos de arrendamento, recibos pintados em delgados papéis com caracteres chineses (descobriram isso porque alguns deles tinham a tradução escrita no verso). Um grosso envoltório atado com elástico ostentava um velho rótulo: Correspondência comercial, 1899.

Tab tirou de uma gaveta um manuscrito dobrado. — Aqui está o testamento!

Carver pegou o papel. A caligrafia era pesada, como que escrita pela mão de uma criança. Fazia pouco que Tab a conhecia. Depois das frases convencionais, o testador entrava em matéria:

Lego todas as minhas propriedades e efeitos a meu prezado sobrinho Rex Percival Lander, filho único de minha falecida irmã Mary Catherine Lander, nascida Trasmere, e o nomeio único executor desta minha vontade.

Como testemunhas firmavam Mildred Green, cozinheira, e Arthur Green, serviçal, ambos domiciliados em Mayfield.

— Creio que esses dois são os criados que o velho despediu há uns seis meses quando descobriu que eram gatunos. O testamento deve ter sido feito poucas semanas antes de sua retirada. O primeiro sentimento de Tab foi de satisfação, porque afinal de contas seu companheiro estava rico. O pobre Rex nunca teria imaginado que entraria na posse da herança de forma tão trágica. Carver depositou novamente o documento na gaveta e reencetou o exame da porta, que Tab havia interrompido.

— Esta não é das fechaduras que se fecham de um golpe — disse o detetive. — O assassino não pode ter cometido o crime e fugido logo depois de fechar a porta com violência. É necessário usar a chave por dentro ou por fora. Se se pudesse atribuir a morte a suicídio, a solução seria simples. Mas não se trata de suicídio. O assassino fez fogo, a porta foi fechada e a chave voltou para cima da mesa. Mas como? — Carver apanhou a chave e procurou introduzi-la em um dos orifícios da chapa de ventilação: a ponta da

chave mal entrava. — Deve haver alguma outra entrada na abóbada — concluiu ele.

As paredes eram maciças. Não havia janelas nem chaminés. O soalho era ainda mais consistente que as paredes. Num último e desesperado esforço para desvendar o mistério, Carver requereu a presença de um perito para examinar o ventilador. Era construído de aço, da espessura de seis milímetros, e estava fortemente embutido na porta. Não teria sido possível removê-lo de forma alguma e, mesmo que o fosse, só o menor dos anões poderia passar através da abertura.

— Mesmo admitindo que a placa de aço possa ser removida — prosseguiu Parker —, teríamos de levar a sério aquele conto de Poe e admitir que foi introduzido aqui dentro um macaco amestrado.

— Temos a teoria da chave em duplicata.

— Que afasto — continuou Carver. — Tenho certeza de que não se usou nenhuma outra chave. Se fosse possível obtê-la, Felling, ou Walters, teria sido bastante esperto para deitar-lhe a unha. Ele devia estar certo de que não existia outra chave, pois do contrário não se daria ao trabalho de fabricar uma.

— Então você acha que a chave usada foi esta? — perguntou Tab, apontando para cima da mesa.

— Não apenas acho como também afirmo. Olhe!

Abriu a porta de modo que a luz desse em cheio no buraco exterior da fechadura. — Está vendo essas pequenas gotas de sangue? Essa chave foi usada do lado de fora, onde deixou marcas, e depois jogada para o interior do quarto.

Moveu a porta e Tab viu claramente as manchas que o detetive apontava.

— Essa porta foi aberta por dentro depois que velho foi assassinado, e então fechada outra vez.

— Mas como pôde a chave voltar para a mesa?

— Por enquanto, só Deus sabe. Deixemos as outras gavetas para amanhã.

Carver saiu do aposento e fechou a porta com a chave nova, que depois guardou no bolso.

— Minha cabeça rodopia... — disse Tab.

E foi então que viu o alfinete.

• 7 •

De seu lugar divisou com clareza o reflexo prateado e brilhante que a luz dava àquele objeto. Deteve-se subitamente e apanhou-o.

— Que é isso? — perguntou o detetive.

— Parece-me um alfinete — respondeu Tab.

Era um alfinete ordinário, niquelado, de uns quatro centímetros de comprimento. Não era reto, mas um pouco curvo; e, fora esse detalhe, não se lhe notava nenhum outro de importância.

— Deixe-me ver — disse Carver.

Tomou-o com a mão enluvada e foi colocar-se debaixo de um dos focos de luz.

— Não creio que tenha qualquer significado — prosseguiu —, mas vou guardá-lo.

Colocou com cuidado o alfinete dentro de uma caixa de fósforos, onde também havia depositado a chave.

— Vamos, Tab — e, dizendo isto, saiu alegremente da casa, seguido pelo outro.

— Você tem agora a oportunidade da sua vida — continuou Carver —, mas deve seguir alguma pistas que encontramos.

— Não sei se achamos alguma... a menos que o alfinete seja um indício...

— Não faça caso dele — respondeu Carver gravemente.



Quando voltou para casa, Tab encontrou a sala de estar iluminada e Rex Lander cochilando vestido, em cima de um divã.

— Esperei até as três — bocejou Rex. — Prenderam Walters ou algum outro?

— Separei-me de Carver há dez minutos e ainda não havia notícia de prisão. Suspeitam de Brown, cujas luvas foram achadas

no corredor.

— Brown, o homem da China? Meu Deus!

— Tenho boas notícias para você, Rex. Encontramos o testamento de seu tio. E um testamento hológrafo.

— Diz que o encontraram? — perguntou Babe com indiferença.
— Temo que agora não me interesse. Para quem é o dinheiro? Para a Sociedade Protetora dos Animais?

— É para um jovem arquiteto gorducho — disse Tab com uma carca — e já vejo nossa sociedade em bancarrota. Pode ser que eu vá lhe fazer uma visita quando você for rico, Babe, se é que então vai me reconhecer...

— Não penso no dinheiro. Outras coisas me preocupam...

Tab dormiu quatro horas e, ao despertar, viu que Rex tinha saído. Quando voltou, já estavam à venda as edições dominicais dos diários com a reportagem do crime. Tab chegou à redação. Ainda não se encontrava lá o chefe de reportagem, mas o rapaz levou os melhores dados a respeito de Walters e Brown. Dirigiu-se para Mayfield, onde Carver não se encontrava, e o sargento de guarda lhe vedou a entrada. Carver era solteiro e morava numa pensão; para lá se dirigiu Tab, surpreendendo o detetive no momento em que se barbeava.

— Não, não há notícia de Felling. E Brown foi perdido de vista. E Brown é mais difícil de ser achado porque é um desconhecido. Em comparação, a busca de Walters é brinquedo de criança, e, no entanto, ninguém ainda o encontrou, o que não deixa de me surpreender porque conhecemos seus refúgios e companhias habituais. Foi chamado com urgência o motorista do táxi, para que depusesse, e o homem informou que deixara Felling na estação central. Detiveram-se no caminho para comprar um chapéu, ao que parece.

— Já formou outra teoria, Carver?

— Há várias teorias, todas mais ou menos fundamentadas.

— Não pensou ainda que o disparo possa ter sido feito através de um dos orifícios do ventilador?

— Ocorreu-me isso depois que deixei você. Voltei ao local do crime para certificar-me. Mas não existe nenhum dos vestígios que

teria deixado uma pistola de calibre suficientemente pequeno colocada em um dos orifícios. E ainda mais: a bala que o médico encontrou no cadáver é tão grossa que não poderia ter passado por nenhum dos orifícios da chapa de ventilação. Não, o crime foi cometido na própria abóbada.

Tab empregou o tempo em investigações independentes, uma delas relacionada com a cozinheira, que aliás já fora visitada pela polícia.

— Era dia de saída para mim — informou ela. — Mr. Trasmere disse que ia para o campo; mas penso que não foi. Eu nunca via Mr. Trasmere. Todas as ordens vinham por intermédio de Walters, e, por assim dizer, nunca estive dentro de casa, a não ser uma vez em que faltou a arrumadeira e tive de ajudar Walters a fazer a limpeza do quarto do patrão. Lembro-me dessa manhã porque encontrei uma tampa pequena, ou coisa que o valha... Eu a guardei. Se o senhor quiser ver... Muitas vezes fiquei pensando para que servirá isso...

— Uma tampa?

Dirigiu-se para outro aposento e voltou com a "tampa", que era de celuloide e semelhante às que as datilógrafas usam para cobrir as teclas.

— Mr. Trasmere tinha alguma datilógrafa?

— Que eu saiba, não.

— Tem certeza de que ninguém ia durante o dia escrever a correspondência de seu patrão?

— Plena certeza, de outro modo Walters teria me contado.

— Conhece os Green?

— Mrs. Green foi cozinheira antes de mim, e eu a vi só uma vez, no dia em que entrei. Ouvei dizer que tinham ido para a Austrália.

— Green e a mulher tinham alguma coisa contra Mr. Trasmere?

— Bem, eles ficaram muito sentidos por terem sido tratados como ladrões, especialmente quando o patrão os revistou.

Quando Tab chegou à redação, disse-lhe o chefe de reportagem que havia uma notícia de interesse: uma artista, Ursula Ardfern, havia perdido suas joias.

— Ursula Ardfern? Não é pessoa capaz de ocultar as joias para conseguir uma publicidade fácil. Onde as terá perdido?

— É uma história de certa maneira curiosa — disse o redator, ajeitando-se na cadeira e colocando as mãos na nuca. — Quando se dirigiu no sábado ao teatro, para o espetáculo da tarde, Miss Ardfern entrou numa agência do correio para comprar selos e pôs o estojo de joias a seu lado, no balcão. Quando estendeu a mão para agarrá-lo, verificou que tinha desaparecido. Isto se passou tão repentinamente e em tão breve espaço de tempo que a moça até chegou a duvidar da integridade de suas faculdades mentais, acreditando que na realidade não levara consigo a caixa. Voltou a seu apartamento do Hotel Central e revistou todos os cantos. Em tudo isso se havia passado o tempo e estava quase na hora da função; Miss Ardfern dirigiu-se apressadamente para o teatro. Enfim, para abreviar a história, só hoje pela manhã ela resolveu comunicar o fato à polícia.

— Ah, sim?

— É uma moça que detesta publicidade dessa espécie e sem dúvida quis assegurar-se de que não se tratava de um extravio momentâneo antes de entregar o caso às mãos da polícia.

— Você a conhece, hein?

— Conheço-a como um repórter conhece muita gente, desde o ministro de Estado até o carrasco — disse Tab mas, se você não achar inconveniente, eu me encarregarei desse assunto. No caso Trasmere não haverá nada a fazer até a noite. Ela mora no Central, não é?

O outro fez um sinal afirmativo. No Hotel Central, Tab encontrou um obstáculo. Miss Ardfern não recebe visitas — informou o empregado, que, por outro lado, não sabia com certeza se a moça se achava no hotel.

— Quer levar meu cartão?

O homem respondeu enfaticamente que ele não levava cartão de ninguém. Que Tab se dirigisse à suprema autoridade. Por sorte, o repórter conhecia bem o gerente; mas naquela ocasião Crispi não estava disposto a satisfazer-lhe o pedido.

— Miss Ardfern é muito boa cliente nossa, Holland —disse-lhe ele —, não podemos incomodá-la. Entretanto eu lhe digo, com a maior reserva, que ela não está no hotel.

— Onde se acha?

— Foi embora esta manhã de carro com destino ao seu cottage no campo. Sempre passa lá o domingo e a noite. Sei que não quer ver nenhum jornalista, porque voltou esta manhã a propósito para me dizer que o pessoal não devia responder a nenhuma pergunta a respeito dela.

— Onde fica esse cottage? Vamos, Crispi! Diga logo... — quis persuadi-lo Tab — e na próxima vez em que houver um roubo no hotel eu hei de lhe dedicar uma página inteira.

— Isto é uma extorsão... — protestou Crispi. — Temo não poder dizê-lo, Holland. Mas se procurar no guia Hertford...

Na primeira livraria que encontrou, Tab começou a procurar nas páginas do guia. Sob o nome de Ardfern, Ursula, figurava Stone Cottage, perto de Blisville Village. A distância que os separava era de uns setenta quilômetros. Tab cobriu a distância com uma rápida motocicleta em uma hora justa. Desceu, abriu o portão do jardim e começou a caminhar pelo pequeno e gracioso parque que rodeava Stone Cottage. À sombra de uma árvore divisou uma figura tranquila e branca; um corpo de mulher que se ergueu nervosa ao ouvir o ruído do portão. — Isto é muito malfeito, Mr. Tab — disse Ursula Ardfern em tom de repreensão. — Pedi a Crispi encarecidamente que não dissesse onde eu estava.

— Crispi não disse. Encontrei o endereço num guia — replicou Tab alegremente.

— Suponho que o senhor veio para me submeter a um interrogatório a respeito de minhas joias — disse ela. — Com uma condição lhe permitirei fazer as perguntas que desejar.

— Qual a condição? — sorriu Tab.

— Aproxime essa cadeira — respondeu ela. — Agora sente-se. — E, quando o repórter se sentou, a atriz prosseguiu. — A condição é esta: o senhor se obrigará a dizer que não me lembro de que joias foram roubadas, mas que desejo me sejam devolvidas em troca de uma boa recompensa; que não são tão valiosas como todos pensam e que não estão seguradas contra roubo.

— Tudo isto cumprirei fielmente — disse Tab. — Sou homem honesto e tenho palavra.

— Agora lhe direi, para seu governo — continuou ela —, que se não tornar a ver essas joias serei uma mulher feliz.

Tab olhou-a, boquiaberto. — Por que não foi antes à polícia?

— Porque não... — foi a resposta evasiva.

— Não se lembra de quem estava de pé a seu lado?

— Não me lembro de nada, exceto que comprei dez selos.

— Qual é o valor das joias? — insistiu Tab.

A atriz encolheu os ombros. — Não posso dizer nem isso.

— Têm alguma história?

— O senhor é muito insistente, Mr. Tab — disse-lhe ela sorrindo com os olhos, enquanto seu rosto permanecia sério. — E agora que me surpreendeu em meu retiro, vou mostrar-lhe meus pequenos domínios.

Levou-o pelo jardim e pelo pequeno bosque de pinheiros situado no fundo da casa, conversando sem cessar; e então, depois que mostrou ao visitante que seu quarto era bem arejado, conduziu-o a um grande e agradável living de muito bom gosto, embora não estivesse ricamente mobiliado — um fresco refúgio para o repouso.

Ele tinha chegado às duas da tarde e já eram cinco quando, com pesar, se dispôs a ir embora. Toda aquela tarde estiveram falando de livros e assuntos banais, e como ela não fizesse menção do crime que tinha ocupado o pensamento de Tab até havia poucas horas, para ele Mayfield era já coisa remota, e o crime um motivo de desgosto.

— Como é que o senhor chama esta espécie de narrativa? — explodiu o chefe quando recebeu das mãos de Tab as duas folhas manuscritas.

— Sob o ponto de vista literário — disse Tab — é do gênero clássico.

— E, sob o ponto de vista jornalístico, é uma molecagem — replicou o chefe. — A única coisa que você descobriu é que ela admira Bernard Shaw e isto talvez a polícia já saiba...

Tab resmungou algo, mas, tomando um papel e um lápis, se dispôs a dar um ponto final ao caso Trasmere.

Na volta encontrara muito poucas novidades a esse respeito. Walters e Wellington Brown estavam ainda em liberdade, pelo que se viu obrigado a urdir uma pequena novela sobre a vida de Trasmere; material que não lhe faltava, visto que nos últimos tempos viera a conhecer detalhes interessantes por intermédio do próprio Rex.

Durante todo o dia não tinha visto o novo milionário. Ao regressar naquela noite a sua casa, achou-o dormindo e não quis incomodá-lo. Sentia-se terrivelmente cansado e mais ansioso por repousar a cabeça no travesseiro familiar do que conversar a respeito de Ursula Ardfern. Na realidade, não estava preparado para tratar desse tema.

— Estive andando à toa por aí... — disse Rex, na manhã seguinte quando foi interrogado sobre seus movimentos do dia anterior. — Passei muito mal à noite e hoje me levantei cedo. Quando fui ao seu quarto, você estava dormindo como um porco. Sabe que li seu relato no Megafone? Está claro que sabe que roubaram as joias de Miss Ardfern.

— Claro que sei — replicou Tab. — Ontem estive com ela.

Rex lhe prestou toda a atenção. — Onde? — perguntou ansiosamente. — Que acha dela, Tab? Quero dizer... fora do palco. É bonita?

— Como! — exclamou Tab. — Será que anda de amores com ela?

O rosto infantil de Rex ficou vermelho. — Chega! — replicou, alvoroçado. — Estou apaixonado por ela. Vi-a, creio, cem vezes, ainda que nunca lhe falasse. Para mim, é a mulher perfeita; o seu rosto é belo; sua voz, a mais formosa de quantas tenho ouvido! Proponho-me conhecê-la em breve.

— Meu querido Babe disse Tab com indulgência —, essa jovem não é das que amem ou se casem... — Mas uma recordação fê-lo interromper-se. E continuou: — Por que não? Você agora é milionário, Babe!

Rex corou novamente e Tab deixou escapar um assobio. — Acha seriamente que está muito interessado nela?

— Adoro-a! — disse Rex numa voz que mais parecia um suspiro. — Alarimei-me tanto quando ouvi um amigo dizer que ela ia se casar, que tive de mandar que você fosse vê-la...

Tab o interrompeu, estalando uma gargalhada alegre. — Então este foi o motivo por que me encomendaram aquela difícil missão, hein? Que "úrsulo" você é, rapaz! Foi para tranquilizar seu coração ferido que enviaram um especialista em crimes a uma sala de espetáculos para implorar que o deixassem entrar no camarim de uma atriz! — Ficou sério por um instante e prosseguiu: — Creio que esta não é uma demonstração de amizade de sua parte, Rex — disse serenamente. — Em primeiro lugar, creio que Ursula Ardfern não é partidária do casamento, a menos que sua grande fortuna possa tentá-la... Ademais... — Interrompeu-se.

— Quê? — perguntou Rex impaciente. — Qual é o outro impedimento que vê?

— Não sei se me é permitido dizer...

— Vejo que você considera uma atriz como a pior classe de mulher que um homem possa encontrar. Já ouvi antes todas essas barbaridades. Pobre tio Jesse! Quando lhe falei disso, ele botou espuma pela boca. Foi então que me disse que se propunha deserdar-me totalmente. Falou coisas horríveis sobre as atrizes.

Tab ficou silencioso, com as ideias um tanto embaralhadas. Que lhe importava, no fim das contas, que Rex Lander tivesse êxito em suas pretensões relativas à jovem?

Quando Carver bateu à porta, Tab estava no quarto.

— Falei com alguns dos *grandes* — disse o primeiro — e convencidos de que você me será útil. Em primeiro lugar, horroriza-os até a ideia de que um jornalista busque informações no próprio local, mas terminei por persuadi-los. Estou a caminho de Mayfield e subi para levá-lo... Quero ver as gavetas que não revistamos no sábado.

Tab o escutava indeciso. Para seguir ativamente a polícia, devia de certo modo abandonar a redação. Ademais não lhe seria possível usar a informação que recolhesse, senão da maneira mais leve e ambígua. Mantendo-se alheio ao caso, poderia publicar as notícias a seu gosto, mas não assim, intervindo na investigação, porque nesse caso corria o perigo de violar segredos. Não havia tempo de consultar o chefe... Refletiu um instante.

— Irei — disse por fim. — Isso significa, é claro, que me permitirão publicar as mesmas notícias que os jornais da noite... mas eu levarei alguma vantagem.

Perto já da casa, Carver rompeu o silêncio. — Tenho algo a lhe mostrar, depois — disse o detetive. — Nossos homens estiveram no correio toda a noite investigando a correspondência de Mr. Trasmere. Parece que ele teve muita nos últimos dois anos. Provavelmente a encontraremos nas gavetas que nos falta revistar. A maior parte do pessoal dos telégrafos esteve ontem ausente do trabalho e apenas esta manhã nos inteiramos de um telegrama que foi recebido em Mayfield dez minutos antes da fuga de Walters.

Quando se acharam a portas fechadas no gabinete do velho, Carver tirou o telegrama do bolso. Tinha sido posto no correio central e dizia:

Lembre-se 17 de julho, 1913.

Polícia de Newcastle irá procurá-lo três em ponto.

Não havia assinatura.

— Esta manhã estive procurando nos arquivos dos jornais — continuou Carver — para descobrir a que se referia essa data. Descobri que no dia 17 de julho de 1913 Walters foi enviado a Newcastle por sete anos; declarara o juiz que, se o levassem novamente a sua presença, ele lhe daria prisão perpétua.

— Então o telegrama foi despachado por algum amigo de Walters? — sugeriu Tab.

Carver fez um gesto afirmativo. — Foi entregue cinco minutos antes de ele desaparecer, isto é, exatamente às cinco para as três. Falei com o rapaz que entregou o despacho; diz que o próprio Walters o recebeu.

— Terá relação com a fuga?

— De certo modo podia ter, embora isso não signifique necessariamente que Walters seja inocente no crime. O telegrama pode ter chegado imediatamente depois do crime e feito com que Walters se decidisse a fugir. Se ele era responsável pelo assassinato, havia fortes razões para que fugisse, pois a chegada da polícia e o encontro do cadáver lhe teriam sido fatais.

— Alguém viu Wellington Brown entrar na casa?

— Ninguém — respondeu o detetive. — A que horas chegou, só Walters poderia dizer.

Dobrou o telegrama e guardou-o cuidadosamente, abrindo depois a porta que do estúdio dava para o corredor. Desceu a escadinha e, detendo-se apenas para apertar o botão da luz, seguiu seu caminho para o local do crime.

Uma por uma, as gavetas foram esvaziadas; procederam a um detido exame de seu conteúdo. Havia dinheiro de todas as partes: bilhetes de banco, letras do tesouro, dinheiro em forma de dracmas gregas e liras italianas. Algumas das gavetas não continham senão esses valiosos papéis, outras guardavam também pequenos pacotes de correspondência dirigida a Trasmere, das remotas cidades do norte da China. Todos os pacotes estavam numerados, geralmente à tinta verde, e nenhum desses documentos lançou luz sobre a tragédia. Na última gaveta acharam a correspondência de

data mais recente. Na maior parte eram cópias da correspondência escrita a máquina, evidentemente dirigida pelo velho a diversas corporações com que tinha relações; e essas cartas foram lidas uma a uma.

— Onde foram escritas estas cartas? — perguntou Carver. — E quando?

Ao que parecia, o velho não tinha secretária. Até aquele momento Tab tinha esquecido o objeto de celuloide que parecia pertencer a uma máquina de escrever. Recordando-se disso, fez referência ao mesmo. — Mas ele costumava sair todas as noites às seis e meia e regressava às oito e meia — acrescentou. — Provavelmente ia a alguma dessas casas em que trabalham datilógrafas especializadas nesse serviço, depois do expediente nos escritórios.

— É possível — concordou Carver. — Aqui não há nada. Enviei aos tradutores alguns papéis que parecem importantes... Não acho que seja necessário fazer o mesmo com os documentos comerciais de 1899. — Tornou a pôr os papéis na gaveta com o maior cuidado. — E isto é tudo — terminou.

Tab estava de pé, apoiando o ombro no marco direito da porta e fazendo tamborilar ociosamente os dedos no fio de aço, quando sentiu que algo cedia. Olhou atentamente e descobriu que a fenda correspondia a um dos suportes da nova gaveta. Estes estavam colocados em um lugar que lhes teria sido impossível observar do ponto em que estavam. O detetive se apressou a puxar a gaveta.

— Opa! — exclamou. — Que história é essa?

Tirou primeiro uma pequena caixa, obra de um artífice chinês. Era ela esquisitamente trabalhada em madeira e envernizada com laca verde. Abriu-a, achando-a vazia. — Aqui, nada... Algum objeto curioso dos que ele guardava — disse Carver.

O segundo objeto que tirou era um estojo de cor marrom e, colocando-o sobre a larga borda da gaveta, abriu-o. Tab reconheceu o estojo antes mesmo de ver o prendedor que aderira ao forro da tampa, com seu rubi em forma de coração.

— Estas são as joias de Ursula Ardfern — disse. ele, olhando para o companheiro com olhos arregalados.

— As joias foram roubadas pela manhã? — perguntou o detetive incredulamente.

Tab fez um sinal de assentimento, e Carver pegou uma cruz de esmeralda, observou-a de todos os lados e depositou-a outra vez no cofre.

— Na manhã de sábado... — disse em voz baixa. — Sim, recordo os fatos com exatidão. E três ou quatro horas depois que Miss Ardfern perdeu suas joias, Trasmere foi assassinado neste quarto. Neste momento as joias estavam aqui, porque desde então ninguém entrou ou saiu desta casa depois do crime, exceto o assassino, possivelmente; em outras palavras, no espaço de duas horas as joias foram roubadas, trazidas a Jesse Trasmere e guardadas em sua caixa-forte... Por quê? — perguntou o detetive num remate, olhando fixamente para o jornalista. — Li nos jornais desta mesma manhã.

Tab Holland nada podia dizer. Carver alisava o cabelo e coçava a nuca com ar irritado. Prosseguiu: — Em outras circunstâncias, a gente teria dito que Trasmere era um sujeito que negociava com ladrões. Conheci certas pessoas que pareciam incapazes de fazer isso e, no entanto, operavam como compradores do produto de roubos, fazendo assim grandes fortunas; conheci indivíduos que secretamente se dedicavam a emprestar dinheiro sob a garantia de joias, não só a atrizes mas também a gente de alto coturno. Para compreender o fato de Miss Ardfern não ter feito logo a denúncia, temos agora a clara explicação de que ela entregara o estojo com as joias a Trasmere como caução de empréstimo. Em todo caso, não importa que tivesse havido essa transação. A única coisa que devemos esclarecer é se ele era homem que se dedicava a receber objetos roubados.

Dirigiu um rápido olhar para as negras gavetas que se alinhavam a seu redor e sacudiu a cabeça. — Todas as probabilidades estão contra essa teoria — disse. — Trasmere era homem demasiadamente rico para sujeitar-se a esse risco. Além do mais, teríamos achado outras coisas estranhas. Não é possível que ele atuasse como comprador de um só bando de ladrões e num só

de seus roubos. Você está absolutamente certo de que estas joias são as de Miss Ardfern?

— Tenho absoluta certeza de que este é o estojo dela. Provavelmente tem no Departamento de Polícia uma descrição completa das joias perdidas — disse Tab. — Então esclareceremos em seguida esse pequeno mistério.

Carver permaneceu ao telefone durante um quarto de hora, tomando nota todo o tempo, e depois que largou o fone voltou para o lado de Tab. — Sem ter visto detidamente o conteúdo do cofre — disse — tenho certeza de que essas são as joias de Miss Ardfern. Ela descreveu à polícia todas as peças. Façamos um inventário.

Puseram, então, mãos à obra, e pouco depois evidenciaram que o cofre era o que pertencia a Ursula Ardfern.

— Vá procurá-la, Tab — disse Carver. — Leve a caixa vazia; é melhor tomar precauções extremas. Veja se ela reconhece o cofre.

Poucos minutos antes da chegada de Tab, Ursula viera ao Hotel Central e, como retirara a ordem contra os jornalistas, recebeu Tab imediatamente. Tomou a caixa das mãos do rapaz com suavidade e, sem deixar transparecer no rosto nenhuma expressão de espanto, disse:

— Sim, é minha. — Levantou a tampa. — Onde estão as joias?
— perguntou com rapidez.

— Com a polícia.

— A polícia?

— Isto foi achado na caixa-forte de Jesse Trasmere, o velho assassinado na noite de sábado — disse Tab. — Tem alguma ideia de como podem ter ido parar lá?

— Nenhuma! — exclamou a atriz com ênfase. — Não conheci Mr. Trasmere.

O tema parecia repugná-la. Tab explicou-lhe que estava se ocupando com afinco do crime.

— Onde achou isto? — perguntou a jovem. — Numa gaveta. O curioso é que reviramos todas as gavetas, todos os papéis, sem encontrar nada importante. Só de forma acidental descobrimos este cofre.

— O senhor revistou todos os papéis? — repetiu ela mecanicamente. — Que espécie de documentos havia? Muitos?

— Uma grande quantidade — disse Tab, surpreso de que, logo depois de ter demonstrado sua aversão pelo assunto, Ursula tornasse a trazê-lo à baila voluntariamente. — Faturas velhas e contas, cópias de cartas... toda sorte de coisas. Nada de verdadeira importância. Por que pergunta?

— Certa vez tive uma amiga, uma moça que estava interessada em Mr. Trasmere — respondeu. — Ela me disse que ele guardava certos documentos relacionados a sua família. Não, não recordo o nome. Era uma atriz que conheci numa tournée.

— Nos papéis não há nada que se relacione senão com negócios — afirmou Tab.

Percebia agora que a jovem estava aliviada. Sentiu, mais do que viu, que ela recobrava o autodomínio. Provavelmente tudo isso se devia à imaginação dele, se bem que fosse certo que sua imaginação não o enganara até então.

— Quando a polícia se dispõe a entregar minhas joias? — perguntou ela em tom jovial.

— Temo que ela as retenha até que se cumpram todos os processos legais. Como a senhora sabe, esses inquéritos judiciais...

— Oh! — exclamou Miss Ardfern com ar de contrariedade. E voltando ao assunto do crime: — Tudo parece tão misterioso e terrível! Por que o senhor se ocupa do caso, Mr. Holland? Um dos jornais diz que somente a mão de Mr. Trasmere podia ter fechado a porta com a chave, e ainda se fala em alguns deles que deve ser suicídio. E quem é o Brown que estão procurando?

— Um aventureiro procedente da China, que em certa ocasião foi secretário do velho Trasmere.

— Um secretário? — disse ela rapidamente. — Um homem... Como sabe disso?

— O próprio Brown me disse. Vi-o na véspera do crime. Parece que Trasmere tratou-o mal e o manteve afastado durante muitos anos, dando-lhe dinheiro.

Ela mordeu o lábio, pensativa.

— Por que terá voltado? — disse, falando consigo mesma. — Poderia ter vivido confortavelmente com a pensão. Suponho que fosse uma pensão de importância... — acrescentou logo. — Isso é tudo que o senhor tinha a tratar comigo?

— Creio que a senhora terá de ir à chefatura de polícia para reconhecer o estojo de joias — disse Tab. — Sem dúvida lhe perguntarão como ele chegou ao poder de Mr. Trasmere.

A moça não respondeu e Tab retirou-se com um inexplicável sentimento de inquietude. Ao regressar para junto de Carver, encontrou o enérgico detetive rastejando sobre o assoalho da casa-forte. Ao ouvir os passos de Tab, olhou por cima do ombro. — O sábado foi chuvoso ou seco? — perguntou.

— Fez um tempo muito bonito.

— Então isto tem de ser mancha de sangue — disse, mostrando o assoalho.

E Tab se ajoelhou ao lado do amigo. No chão de concreto havia uma mancha meio apagada em forma de meia-lua. — É a borda de um salto, e de um salto de borracha — falou Carver —, o que prova que alguém entrou na abóbada depois de o velho ter sido morto; provavelmente veio ao lado do corpo para observar o efeito do disparo e, ao fazer isso, o salto de seu sapato se sujou de sangue. A borracha explica por que Trasmere não ouviu os passos. Não pude encontrar outro rastro.

— O que nos traz novamente ao caso da chave em duplicata?

— Não houve tal chave; você pode afastar essa ideia por completo — disse Carver, erguendo-se e limpando os joelhos. — Estudei o assunto conscienciosamente com os fabricantes, e, ainda que eles assegurem ter as melhores fechaduras e se inclinem a ser pouco lisonjeiros com respeito aos concorrentes, dizem que o fabricante desta chave é digno de confiança, que o assunto esteve em mãos de homem honrado e que não foi feita nenhuma segunda chave. Não só isso, mas também afirmam que não se conservou o molde. De fato, a fechadura foi violentada aqui pelo técnico da fábrica por exigência nossa. Devo vê-lo amanhã, mas já me avisou por telefone que podemos abandonar a possibilidade da existência de uma segunda chave.

— Mas Walters a estava fazendo...

— Walters não tinha terminado seu trabalho; e ainda que o tivesse feito, não poderia obter uma chave capaz de abrir essa fechadura, por mais habilidoso que fosse. Não; a chave manchada de sangue é a que abriu a porta. Mas ainda essa é a chave que o velho levava presa o pescoço por uma correntinha de prata. Depois que o corpo foi revistado, achamos em suas roupas os restos da corrente. Além disso, há manchas de sangue dentro e fora do quarto. O mais importante no caso é que depois do crime a porta ficou fechada a chave por dentro e por fora. Depois da morte de Trasmere, seu assassino esteve fechado com ele no quarto durante uns instantes. Se eu não soubesse que isso é absolutamente

impossível, diria que a fechadura foi corrida na última vez do lado de dentro e a chave posta sobre a mesa, e que o assassino desapareceu por alguma porta secreta: Já estamos certos, entretanto, de que essa porta não existe.

— Bateu no teto?

— Examinei tudo...teto, paredes, chão, porta — disse Carver. — Um fato que pode ou não ser importante é que entre o assoalho e a parte inferior da porta existe um espaço de mais ou menos três milímetros. Se a chave tivesse sido encontrada no solo, não haveria nenhum mistério no caso porque, é claro, o criminoso a teria introduzido sob a porta e feito correr até a metade do compartimento com um golpe de dedos. Esse é o caso: o centro da questão reside em uma insignificância.

Começou a contar nos dedos, puxando-os um a um de sua mão fechada:

— Trasmere é encontrado morto no sótão, cuja porta se achava fechada a chave. O criminoso é Brown, que o tinha ameaçado, ou Walters, que o tinha roubado. No interior do sótão fechado achamos a única chave que podia tê-lo aberto ou fechado. Note isto particularmente: Trasmere foi morto pelas costas.

— E que importa isso?

— É que no momento de fazer fogo Trasmere estava desprevenido. Não se achava na expectativa de um disparo ou de uma punhalada. E agora podemos juntar à situação, que está suficientemente embaralhada, o descobrimento de um cofre pertencente a uma conhecida atriz, o qual tinha sido roubado no mesmo dia do crime. Estes são os fatos que podemos levar ao conhecimento do juiz. Não me parecem grande coisa.

Realmente, "não pareceu grande coisa" ao júri que uma semana mais tarde se contentou em reproduzir o veredicto dado a respeito da morte premeditada de uma ou de várias pessoas desconhecidas. Acrescentou uma nota que continha sua enérgica expressão de descontentamento ante a ineficácia da polícia.

No dia da audiência, Ursula Ardfern desmaiou duas vezes no curso de seu depoimento, e foi conduzida a seu apartamento no Hotel Central em estado de marasmo.

Na frente de Mayfield ficava a casa de John Fergusson Stott, que, além de ter sido vizinho do finado Jesse Trasmere, foi patrão de seu sobrinho.

— E já é bastante desagradável, querida — dizia ele ter de viver na rua onde se passou essa lúgubre cena. Não posso permitir que se trate do assunto.

Era um homem pequeno, gorducho e calvo, em cuja indumentária se viam chocantes detalhes de riqueza.

— Elina disse... — começou a obediente esposa.

Stott agitou a mão e fechou os olhos:

— Mexericos de criadas? — perguntou. — Não nos metamos nestes negócios. Não posso permitir que meu nome apareça nos jornais. Teríamos a casa cheia de repórteres. E de policiais também.

Sentou-se judiciosamente ocupando seu lugar diante da janela e dirigiu para a rua escura um olhar penetrante. Numa das mais altas janelas de Mayfield divisava-se uma luz que ia e vinha. Deteve-se. A polícia estava dando buscas.

De súbito a luz desapareceu por longo tempo e o homem se voltou para a esposa:

— Que disse Elina? Chame-a.

Elina era uma moça conversadora, talvez a mais linguaruda de todas as criadas do bairro, onde desempenhava um papel importantíssimo.

— Asseguro-lhe, senhor, que me aterroriza falar disso... Nunca suspeitei que ia me ver envolvida em um caso como este! Mas acontece que nos últimos quinze dias tive dor de dentes... Em geral me sentava à janela até que a dor passasse. Naturalmente vi tudo o que acontecia na rua. Na primeira noite que estive sentada ali, parou na frente da casa um pequeno carro. Desceu uma senhora...

— Uma senhora?

— Sim... devia ser uma mulher — admitiu Elina. — Abriu o portão e guiou o carro até o jardim. Achei aquilo esquisito, porque Mr. Trasmere não tinha garagem e sei que não tinha hóspedes.

— Até onde foi o carro?

— Até dentro do jardim. Há muito lugar para canteiros, não é exatamente um jardim, mas algo como um pátio. Creio que ela deteve o carro na frente da casa e apagou todas as luzes. Bem. Depois subiu os degraus e abriu a porta. Na primeira noite havia luz no corredor e vi que ela tirava a chave da porta antes de fechá-la. Fazia poucos minutos que a mulher tinha entrado, quando apareceu na rua um homem que vinha de bicicleta. Saltou dela e a apoiou na sarjeta. Chamou minha atenção sua maneira de caminhar, passos curtos e cuidadosos. Estava fumando um cigarro.

— Para onde se dirigias? — perguntou Stott.

— Somente até o portão e se inclinou sobre ele, fumando. Terminava um cigarro, atirava-o fora e começava a fumar outro; vi-lhe o rosto... era um chinês.

— Bom Deus! — exclamou Stott.

— Então apareceu o agente de polícia que faz a ronda, que mandou o chinês embora; mas, depois que ele passou, o outro apareceu novamente e tornou a apoiar-se no portão, até que a porta de Mayfield se abriu. Aí correu até a bicicleta e se foi depressa na direção oposta àquela de que tinha vindo. Em poucos instantes, a mulher tirou o carro, desceu, fechou o portão novamente e se foi no seu carro. Outra vez apareceu o chinês pedalando como um louco, e parecia que queria alcançar o carro.

— Extraordinário! — exclamou Stott. — Isso aconteceu uma só vez?

— Aconteceu todas as noites, sexta-feira foi a última — disse Elina, impressionada. — A mulher do carro, o chinês e tudo o mais. Mas no domingo à noite vieram dois chineses e um deles entrou no jardim, permanecendo ali longo tempo. Vi que o outro era chinês porque caminhava daquela maneira tão curiosa. Não vieram de bicicleta, mas sim num carro que se deteve na extremidade mais afastada da rua.

Elina havia terminado sua narrativa, e lamentava ver terminada a missão de "informante".

— A polícia esteve tirando coisas da casa o dia todo — informou a observadora —, caixas *etc.* A moça que vive na casa do guarda-noturno me disse que ontem foram embora dali. Estiveram de guarda na casa desde a noite do crime.

— Muito extraordinário! Muito importante! — disse Stott. — Mas creio que é um assunto que não nos interessa. Vá dormir, Elina.

Horas depois, mal havia Stott apoiado a cabeça no travesseiro, quando soou um chamado à porta do quarto de dormir.

— Sou eu... Elina, senhor... Lá estão eles!

— Que é que há, Elina, para despertar-me a esta hora da madrugada? — perguntou Stott em tom irritado.

— Lá estão eles... os chineses. Vi um entrando pela janela — disse a moça, enquanto seus dentes batiam, chocalhavam com sério perigo para a panaceia do dr. Billbery.

— Espere um momento até que eu apanhe minha bengala.

Stott tinha sempre junto da cama um pesado pau de cana. Não tinha nenhuma intenção de se aproximar de Mayfield, mas a companhia do bastão lhe inspirava a confiança de que tanto necessitava.

Com toda precaução a moça levantou o caixilho da janela, abrindo-a sem ruído, e permitindo-lhes ver a misteriosa residência fronteira.

— Lá está um... — sussurrou Elina.

Uma pessoa estava de pé, na sombra. Ao cabo de meia hora de vigilância, abriu-se a porta de Mayfield e saiu de lá um homem que se uniu ao que estava fora. Juntos começaram a andar; e isso foi a última coisa que deles viu Stott.

— Muito importante! — disse gravemente o velho. — Agradeço que me tenha chamado, Elina. Não me esquecerei deste momento, enquanto for vivo. Mas você, Elina, não deve dizer palavra a respeito do que se passou. Os chineses estão sempre sedentos de sangue. Pôr você dentro de um barril crivado de pregos e fazê-la rodar por uma colina os preocupa-, ria tanto como me preocupa dar um nó no cordão dos sapatos.

Assim, Maple Manor guardou seu terrível segredo, e ninguém soube da visita de Yeh Ling à casa da morte e de sua busca à procura da caixinha de laca onde Jesse Trasmere guardava dobrada uma fina folha de papel, escrita em caracteres chineses pela própria mão dele, Yeh Ling.

O repórter encontrou a carta na redação do jornal:

Estimado sr. Holland: seria uma amabilidade sua se me viesse visitar em Stone Cottage. Prometo-lhe notícias quase sensacionais, se bem que ache que elas perderão muito de sua importância porque meu nome não deverá misturar-se com elas.

Tab ficou encantado com a ideia de partir imediatamente. Na manhã seguinte estava de pé às seis. Irritou-o pensar que não era decente apresentar-se na casa da artista antes do café.

Ursula estava reclinada no mesmo lugar onde o repórter a viu em sua primeira visita a Hertford; mas desta vez não se ergueu, limitando-se a oferecer-lhe sua mão fina e branca.

— Sente-se, Mr. Tab.

— Mr. Tab me agrada muito mais do que Mr. Holland — disse o repórter. — Isto é a glória. Por que ficar no calor da cidade, morrendo de insolação?

— Porque as cidades nos pagam nossos salários — respondeu ela secamente. — Mr. Holland, quer fazer algo por mim?

— Está claro que sim... Como?

— Quer vender-me algumas joias? São as que encontraram na casa do pobre Mr. Trasmere.

— Vender joias?. — perguntou ele, pasmo. — Por quê? Estará a senhora...

Calou-se bruscamente. — Não estou muito pobre — respondeu Miss Ardfern com calma. — Tenho bastante dinheiro para viver sem tornar a trabalhar; minha última temporada foi um grande êxito, e os lucros foram grandes...

— Então por que vende suas joias? Pretende comprar outras?

— Não. Meu plano é este: quero vendê-las pelo que valem e pedir-lhe que se encarregue de distribuir o dinheiro da forma

caritativa que o senhor achar melhor. Entendo muito pouco de esmolas e do valor que têm. Sei apenas que em alguns casos se fazem coletas para instituir pensões de caridade. Mas o senhor deve conhecer bem o assunto.

— Está falando sério? — insistiu o jovem quando pôde recobrar a voz.

— Completamente — respondeu a moça, movendo a cabeça com expressão grave. — Creio que valem de doze a vinte mil xelins. Não estou certa...— E com ar de desafio, que a Tab pareceu desnecessário, acrescentou: — São minhas, e farei com elas o que quero. Desejo vendê-las e que o dinheiro seja distribuído.

— Certamente, satisfarei seus desejos — respondeu Tab mas é uma quantia grande demais para distribuir.

— Maior ainda será para guardar — disse ela com calma. — Tenho outro favor a pedir-lhe: o senhor não deve publicar que sou a doadora. Pode mencionar a pessoa como a de uma mulher de negócios, retirada, ou como o senhor quiser, exceto uma atriz. E está claro que meu nome não deve ser mencionado. Vai proceder assim?

O jornalista fez um gesto de assentimento. — Eu as tenho aqui — continuou ela. — Guardava-as no hotel e ontem mandei meu mensageiro especial buscá-las. E, agora que terminamos esse assunto, vamos entrar para almoçar.

Durante a refeição a conversa tomou um caráter mais pessoal.

— Tem muitos amigos? — perguntou a moça.

— Somente um — respondeu Tab sorrindo. — E agora está tão rico que mal posso chamá-lo de amigo. Não é que Rex não goste...

— Rex?

— Rex Lander — disse Tab. — Por sinal, ele está ansioso por ser apresentado à senhora. É um dos seus mais fervorosos admiradores — terminou o repórter, sentindo que estava se portando nobremente e experimentando um verdadeiro regozijo diante de seu próprio desinteresse.

— Quem é ele? — perguntou Ursula.

— O sobrinho do velho Trasmere. — Então o rapaz é muito rico, hein? É claro que deve ser. Único sobrinho de Mr. Trasmere.

— Leu no jornal?

— Não; uma simples conjectura minha... ou alguém que me falou no caso... Não leio nenhuma espécie de notícia sobre crimes ou tribunais. Estive muito doente. Deve ser bastante rico — continuou, voltando ao assunto. — É parecido com o tio?

Tab sorriu.

— Não se pode conceber pessoas mais diferentes uma da outra. Rex é... é... mais gordinho — ajuntou devagar — e um camarada preguiçoso. Mr. Trasmere, pelo contrário, era muito delgado e, para sua idade, sumamente ativo.

— Onde se acha Rex agora?

— Foi para a Itália, a conselho médico. Partiu ontem — disse Tab, e instantaneamente pareceu desaparecer o interesse da atriz.

— Gostaria de conhecer a verdadeira história de Mr. Trasmere — continuou Tab. — Deve ter vivido uma vida muito interessante. De certo modo é curioso que não tenhamos encontrado em sua casa reminiscências de sua estada na China, com exceção de uma pequena caixa de laca, que estava vazia. Todo chinês me fascina.

— Corno assim? — inquiriu a jovem olhando o interlocutor com viveza. — Também me encantam esses homens por sua bondade.

— A senhora os conhece? Já morou na China?

Ursula fez um gesto negativo.

— Conheço um ou dois — respondeu ela. — Quando a serviço, vim pela primeira vez à cidade...

— Não entendo bem essa palavra "serviço"... Que quer dizer com isso? Suponho que não se refira a serviço doméstico... A senhora não foi cozinheira ou coisa que o valha... não é mesmo? — perguntou, pilheriando.

— Eu era uma espécie de criada; descascava batatas e lavava pratos — disse ela com calma. — Tinha então apenas treze anos. Nessa idade e antes de ir para a escola, conheci um chinês cujo filho estava muito doente. Hospedava-se na casa onde eu me achava. A patroa não era pessoa muito humanitária, e, conto se tratava de um chinês, temia que o pobre rapaz tivesse alguma misteriosa enfermidade oriental que lhe pudesse transmitir. Eu o atendi como pude. O pai era muito pobre; trabalhava de camareiro

em um restaurante típico, mas ficou-me para sempre agradecido. Um homem realmente extraordinário... Desde então vejo-o sempre.

— E o pequeno?

— Oh! Melhorou. O pai lhe deu remédios apropriados. Creio que sofria de febre tifoide e somente os cuidados o podiam curar. Agora está na China e é uma personalidade importante. O pai fez meu pequeno jardim, este que o senhor vê.

Tab tinha vindo de trem, e da estação o separava um extenso caminho. Deixou-se estar por bastante tempo e então teve de sair apressadamente para alcançar o último expresso da tarde. Tinha caminhado uns cem metros, quando viu vir em sua direção um homem coberto de pó. O modo esquisito desse homem andar, as largas roupas que vestia, o enorme chapéu de abas largas enterrado até as orelhas atraíram a atenção de Tab antes que pudesse distinguir as feições do desconhecido. Quando o fez, ficou surpreso. O caminhante era um chinês e levava nas mãos um pacote chato.

O oriental se desviou da estreita estradinha que seguia. Sem pronunciar palavra, desdobrou um delgado papel e exibiu uma carta. Era esta dirigida a Miss Ursula Ardfern, Stone Cottage, e sobre o papel do pacote Tab viu uma quantidade de sinais chineses que supôs seria o endereço para o mensageiro.

— Diga-me! — pediu o chinês laconicamente. Era evidente que sabia pouco inglês.

— Aquela casa, à esquerda — informou Tab, apontando para o cottage da amiga. — Como veio de tão longe, meu chinês?

— Muito bem! — respondeu o homem, e, tomando a carta, dobrou-a com o maior cuidado e seguiu a trote.

Tab ficou admirado e não tirou os olhos do desconhecido. Por que curiosa coincidência, pensava, eles tinham estado a falar de chineses meia hora antes?

Teve de correr; mal alcançou o trem, este já se punha em marcha.

O inexorável e eternamente descontente chefe da redação não se deu por satisfeito com a narrativa de Tab a respeito da

entrevista com a atriz.

Stott pagou a sua despesa no Toby, luxuoso café onde se reunia todas as tardes com outros abastados homens de negócios. Ao sair, alguém lhe tocou no braço. O velho virou-se e viu um homem alto, de rosto longo e expressão melancólica.

— Desculpe-me. E Mr. Stott, creio.

— Esse é meu nome, mas não tenho o prazer...

— Meu nome é Carver. Sou inspetor da polícia e necessito que me diga o que se passou na frente de Mayfield antes e depois do crime.

O rosto de Stott se alterou.

— Essa criada andou batendo com a língua nos dentes — disse, lamentosamente. — Já sabia que ela não podia ficar com a boca fechada.]

— Não sei nada de sua criada, senhor — disse Carver com seu tom taciturno... — Só sei que estive sentado no Toby os últimos três dias, e ouvi muito... Pareceu-me que o senhor era o mais informado sobre o assunto, mas talvez eu me tenha enganado...

— Não direi nada — declarou Stott com firmeza. O detetive suspirou.

— Sim. Não me apressaria a fazê-lo, no seu caso. Certamente vai ser difícil explicar ao juiz por que guardou um silêncio tão longo... Isso parece muito suspeito, o senhor sabe, Mr. Stott?

— Suspeito! Eu! Deus do céu! Venha a meu escritório, Mr. Carver... Suspeito! Eu sabia que este caso me ia ser fatal.



Quando Tab telefonou aquela noite para a estação de polícia, cumprindo um dever que sua profissão lhe impunha, Carver inteirou-o das novidades.

— Se esse pobre homem tivesse tido a coragem de telefonar à polícia quando a moça lhe contou pela primeira vez sua descoberta, teríamos engaiolado os pássaros. Como estão agora as coisas, não há necessidade de exercer vigilância na casa. Quem será a mulher? Isso me confunde. Quem pode ser a mulher que, noite após 'noite, guardava o carro no jardim de Trasmere e se introduzia na casa levando uma caixa negra quadrada?

Tab não respondeu. A identidade da mulher não era mistério para ele. Tratava-se de Ursula Ardfern.

Os indícios iam se acumulando um a um. Recordou como a tinha encontrado, de madrugada, nas ruas desertas, trocando um pneu, vestida de roupas simples. Dentro do carro havia uma caixa negra, quadrada, mas...

Ursula trabalhando ao lado de chineses? Ursula cúmplice, nessas furtivas correrias, dessas explorações à meia-noite em Mayfield... Era incrível...

— A razão de terem penetrado logo depois de termos abandonado a casa é inexplicável — disse Carver naquele momento. — Só posso supor que esperavam, encontrar algo que tivesse ficado esquecido.

— Em Mayfield não há nada agora?

— Apenas o mobiliário e um dos objetos que tiramos e levamos de volta, e um deles é a caixa de laca verde. Na realidade, isso foi levado ontem. Mr. Lander pensou em fazer leilão da mobília, e julguei que antes de partir teria posto o assunto nas mãos de um agente.

Tab se dirigiu para o escritório particular de Carver e ali estiveram sentados, falando até além das onze horas, tempo em que a conversação foi violentamente interrompida pela campainha do telefone.

— Chamam o senhor... — disse o sargento de sua mesa. Um segundo depois, Carver ouvia a voz de Stott.

— Eles estão aqui agora! Estão entrando! A mulher abriu a porta. Acabam de entrar!

— Quem? É Stott? Fala de Mayfield? — perguntou Carver rapidamente.

— Sim! Vi-os com meus próprios olhos. O carro da mulher está do lado de fora.

— Desça sem demora e tome nota do número — disse Carver brevemente —, procure um policial e conte-lhe tudo; se não o encontrar, detenha o senhor mesmo a mulher.

Os dois homens saíram e entraram no primeiro táxi que acharam à mão, começando uma corrida desenfreada através da cidade, desembocando por fim na tranquila avenida em que Mayfield estava situada, justamente no momento em que se divisava a luz traseira do carro que deixava a rua pela outra extremidade.

Stott estava de pé na calçada, apontando com gestos histéricos o ponto onde o carro tinha desaparecido.

— Foram-se... não pude achar a polícia; foram-se!

— Eu vi... — disse Carver. — Tomou nota da chapa do carro?

Stott fez com a cabeça um gesto negativo e deixou ouvir um grunhido.

— ...toda coberta de papel negro... — disse apenas.

Carver correu pelo cimentado do jardim, abriu a porta e acendeu as luzes. Nada, ao que parecia, tinha sido tocado; nem sequer a porta do sótão. Na sala de jantar, entretanto, via-se a lareira, que era uma larga e funda cavidade revestida de ladrilhos vermelhos, unidos com cimento amarelo. Um radiador elétrico tinha substituído a estufa e Curvem já havia feito nele um cuidadoso exame. E agora, ao primeiro relance, descobria que sua inspeção fora imperfeita. Um dos ladrilhos se achava fora do lugar; encontrava-se sobre a mesa, com sua tampa de aço levantada. Carver o observou pensativamente.

— Isto sim é que está bom — disse. — Parece um ladrilho, não é mesmo? Veja essa artística decoração de cimento a seu redor! E não é toda de cimento, mas sim de aço. Na realidade, este deve ser o verdadeiro cofre secreto da casa. Devo fazer mais averiguações sérias junto aos construtores.

O recipiente estava vazio, contendo apenas um desses elásticos que se usam para prender papéis em rolo. Encontraram outro sobre a mesa.

— Nessa caixa devia estar algo importante que foi tirado; provavelmente um rolo de papéis, ou melhor, dois, como parece.

Passeou o olhar pelo quarto.

— E a caixa de laca verde desapareceu — falou. —Sei que estava aqui, porque com minhas próprias mãos a deixei sobre a lareira.

Abriu a porta que dava para a escada secreta e se convenceu de que ninguém tinha conseguido entrar no quarto subterrâneo.

Naquela manhã, muito cedo, Tab fez uma visita a Stone Cottage. A caseira lhe disse que a moça tinha regressado à cidade. Tab foi procurá-la no Hotel Central.

Nunca tentara uma averiguação, profissional ou privada, com tanta má vontade.

Quando entrou no quarto de descanso de Ursula, percebeu que ela conhecia o motivo de sua visita.

— O senhor lamenta ter de vir ver-me, não é verdade? — perguntou a jovem sem nenhum rodeio.

O rapaz fez um gesto afirmativo.

— De que é que se trata?

— Alguém foi ontem à noite a Mayfield acompanhado de um chinês. Retiraram-se no momento preciso da chegada da polícia — disse Tab com certa aspereza. — E isso não é tudo: este alguém habitualmente visitava Trasmere entre onze da noite e duas da madrugada; isso se passou durante um tempo considerável.

Ursula fez um gesto afirmativo. — Eu lhe disse que não conhecia Mr. Trasmere — falou ela impassivelmente. — Foi a única mentira que lhe disse. Conheci Mr. Trasmere muito bem, mas tive razões pelas quais seria fatal para mim revelar minha amizade com ele. Não; uma mentira não... Duas... — terminou, sublinhando suas palavras com um movimento dos dedos:

— A outra se relaciona com o estojo de joias perdido — disse Tab secamente.

— Sim.

— Na realidade, a senhora não perdeu...

A moça sacudiu a cabeça. — Não. Não houve perda nenhuma. Eu soube sempre onde estava o cofre; mas me atemorizei... e, aguilhada pela urgência, tive de tomar uma resolução... Não posso dizer-lhe o porquê das coisas. Está claro que nada sei do crime... O senhor também pensa assim, não é verdade?

Tab fez um sinal de assentimento. — Só soube disso no domingo de manhã, quando me dirigia a Stone Cottage — continuou ela. — Foi apenas por casualidade que comprei um jornal na rua, e então tomei uma decisão. Fui diretamente à chefatura de polícia com a história do estojo perdido. Sabia que se achava no sótão e devia encontrar alguma explicação para isso...

— Como o cofre foi parar naquele lugar? — inquiriu Tab, compreendendo ao mesmo tempo a inutilidade de sua pergunta.

— Isso faz parte de outra história — sorriu ela francamente.

E depois mudando de assunto: — Recorda-se de me haver falado do seu amigo?

— Rex? — perguntou o rapaz, surpreso.

Ela fez um gesto afirmativo e acrescentou: — Foi para Nápoles, não é verdade? Recebi uma carta dele, escrita a bordo.

Tab sorriu.

— Pobre Rex! Que deseja ele? Sua fotografia?

— Mais do que isso — continuou Ursula com calma. — O senhor não deverá pensar mal de mim se revelo o segredo de Rex. Por outro lado, devo proceder assim, desde que aceitei sua colaboração, seu auxílio. Mr. Lander me deu a honra de pedir que me case com ele... Seria penoso mostrar-lhe a carta, mas me pede que lhe responda na última coluna do Megafone. Diz que tem em Londres um agente que lhe transmitirá a notícia pelo rádio. Fiquei realmente admirada...— terminou ela.

— De que fosse eu o agente? Não. Nada disso!

Ela deixou escapar um suspiro.

— Alegra-me — disse sem dissimulação. E apressou-se a acrescentar: — Quero dizer, estimo que não esteja metido nisso.

— Pretende publicar o anúncio?

— Já o enviei. Aqui está a cópia.

Foi à escrivaninha e voltou trazendo uma folha de papel. Tab leu.

Rex: O que pede é inteiramente impossível. Jamais lhe darei outra resposta. — U.

Tab pegou o chapéu. — Quanto ao outro assunto, Miss Ardfern — disse —, poderá falar-me dele quando julgar oportuno, se é que esse momento vai chegar. Mas deve compreender que a polícia muito provavelmente seguirá seu rastro; em tal caso eu lhe poderei servir em algo. No pé em que está o caso, sou apenas um observador...

Estendeu-lhe a mão com um sorriso.

Já na porta, Tab fez uma última pergunta: — O que havia na caixa? Na caixa que parece um ladrilho da chaminé...

— Papéis. Só sei que havia papéis escritos em chinês. Não sei o que contêm.

— Poderiam eles... proporcionar algum indício sobre o crime?

Ela sacudiu a cabeça negativamente. Tab não insistiu.

Sobre Wellington Brown não existia nenhum prontuário policial satisfatório. No barco que o trouxera da China, um companheiro de viagem tinha tirado fotografias de diversos grupos de passageiros, em um dos quais aparecia o rosto de Brown, muito pouco iluminado e com expressão vaga. Com esse elemento e com as referências trazidas por Tab se obteve uma descrição aproximada, que foi logo difundida pela polícia.

Walter Felling, aliás, Walters, foi menos afortunado. Tendo estado na cadeia, sua ficha e seus retratos de frente e de perfil foram impressos e distribuídos profusamente. Viu-se obrigado a fugir da caçada de que era objeto, mantendo-se na expectativa dentro de uma dessas espeluncas onde os delinquentes fugitivos cozinham a pele durante noites e dias quentes e intermináveis. No mais alto compartimento desses refúgios abarrotados de hóspedes, ficava mais fraco a cada dia, porque o medo da morte se apossara de seu coração. Apesar das referências fidedignas que dele se tinham, era duvidoso que fosse reconhecido pela polícia mais "olho de lince", porque sua barba tinha crescido consideravelmente e a dúvida e o terror conseguiram cavar um buraco em suas outrora gordas bochechas, convertidas agora em sulcos e cavidades que lhe mudavam as linhas do rosto. Ele conhecia a lei e sua fatal predisposição para dar por suficiente qualquer prova fragmentária que parecesse acusar de crime um homem. Sua fuga significava a

confissão de delito; assim, seria levado à presença de qualquer juiz, que com a maior frieza e sem perigo de se arrepender usaria contra ele os detalhes acusatórios.

Em algumas noites, especialmente as chuvosas, deslizava para a rua e percorria-as. Pareciam-lhe sempre cheias de policiais. E o mísero retornava a seu esconderijo para passar uma nova noite de preocupações, durante a qual o mais leve ruído da escada ou qualquer rumor de vozes no quarto inferior faziam-no precipitar-se para a porta.

Walters regressara à cidade, que lhe parecia o refúgio mais seguro. No campo teria sido perseguido e sua liberdade seria de curta duração. Evitando os bairros onde bem o conheciam e os amigos cuja lealdade era duvidosa, certa noite veio à ruidosa Reed Street, com a aparência de um maquinista sem trabalho.

Adquiriu todos os jornais que lhe foi possível e em cada um leu as referências ao crime. O que tinha a ver com ele Wellington Brown? A aparição desse homem no caso o desorientava. Recordava-se muito bem do visitante procedente da China. Então ele também era fugitivo? Era um alívio para a carga de suspeitas que o aniquilava.

Numa noite em que tinha saído para tomar ar, um chinês, com seu típico caminhar, passou-lhe ao lado. Nele Walters reconheceu Yeh Ling. O dono do Teto de Ouro era em toda a cidade um dos poucos chineses que raramente vestiam traje europeu. O fugitivo o conhecia — Yeh Ling fora a Mayfield em diversas ocasiões vestindo um pesado traje de lã inglesa, e isso não provocava surpresa, porque a associação de Trasmere com o Extremo Oriente era bem conhecida. Yeh Ling devia tê-lo visto, porque passou a seu lado no momento em que a clara luz de um foco elétrico iluminava o rosto de Walters. Mas não deu mostras de reconhecê-lo; e o fugitivo abrigou a esperança de que o chinês estivesse absorto em seus pensamentos. Não obstante, dirigiu-se depressa para sua habitação, submergindo no escuro quarto que o ocultava e ficando nervosamente atento a cada ruído.

Se soubesse que Yeh Ling o tinha visto e identificado, não dormiria durante toda a noite. O chinês o seguira até o final de

Reed Street. Introduzindo-se de repente numa ruela, deteve-se diante de uma escura loja e bateu na porta lateral, que se abriu imediatamente. Por ela o chinês sumiu, numa penumbra profunda e malcheirosa. Alguém lhe disse algumas palavras em linguagem sibilina e ele respondeu no mesmo dialeto. Dirigiu-se então, sem necessidade de guia, para uma vacilante escada pela qual subiu ao quarto dos fundos. A mobília era constituída apenas por um largo divã no qual estava sentado um velhinho chinês ocupado em esculpir uma imperfeita figura de marfim que segurava entre os joelhos.

Yo Len Fo — disse Yeh Ling —, o homem está bem?

— Está bem, excelência. Esteve dormindo toda a tarde depois de fumar três cachimbos. Bebeu somente o uísque que o senhor mandou.

— Quero vê-lo — disse Yeh Ling, deixando algum dinheiro sobre o divã.

O velho o recolheu, fazendo reverências, e, colocando de lado com o maior cuidado a figurinha de marfim, dirigiu-se pela outra escada para um compartimento iluminado por uma pequena lâmpada de azeite. Sobre um velho colchão jazia um homem, vestido tão-somente de camisa e calça; seus pés estavam nus. Ao lado da cama havia um caixãozinho, sobre o qual se viam um cachimbo, uns copo meio vazio e uns relógio.

Wellington Brown olhou o visitante com a maior indiferença.

— Vem fumar?

— Não fumo, Hsien — disse.

O outro riu estupidamente.

— Hsien? "O Desocupado", hein? Cômico, muito cômico... Que é que há?

— É tarde... — disse Yeh Ling.

— Procure o velho Jesse amanhã... — balbuciava sonolento Brown. — Haverá grandes negócios...

Yeh Ling levantou-se e tomou uma das mãos do velho. O pulso estava fraco mas regular.

— Ainda bem — disse, voltando-se para o artista do marfim. — Este quarto tem de ser arejado todas as manhãs. Não deve vir

outro fumador, compreende, Yo Len Fo? Ele deve ser conservado aqui.

— Nesta manhã quis sair — informou o encarregado do estabelecimento.

— Permanecerá por muito tempo. Conheço-o. Quando estava em rio Amur deixava a casa por três meses. Que haja sempre um cachimbo pronto... Ele há de obedecer!

Desceu a escada com passo suave.

Enquanto se, encaminhava para a porta secreta do Teto de Ouro, dirigiu por cima do ombro um olhar furtivo. Foi suficiente para ele. O homem, que tinha permanecido parado à entrada da ruela, o seguia. Agora o via bem, andando na calçada fronteira. Era uma figura suspeita. Yeh Ling deslizou até seu gabinete privado e dali para a porta da rua; curvou-se para observar pela fresta da porta.

O homem se havia detido no outro lado da rua. A luz que irradiava a parte mais movimentada do passeio batia sobre suas costas; mas o rosto permanecia na sombra.

— Não é um policial — murmurou Yeh Ling.

Vendo que o vulto se fundia na sombra, chamou seu minúsculo servente.

— Siga aquele homem de boné. Você o verá do outro lado da rua.

Quinze minutos mais tarde voltou o chinês, informando que tinha sido despistado. E Yeh Ling não se surpreendeu. Mas estava certo de que o homem suspeito não era policial nem repórter.

No exercício de seus deveres profissionais, Tab Holland tivera contato em duas ocasiões com o dono do Teto de Ouro. A primeira vez por causa de um pequeno escândalo que prejudicou o restaurante, e a segunda por ocasião de uma série de mortes que se atribuíram a intoxicações por alimentos lá fornecidos.

Tab viu em Yeh Ling um homem taciturno, à força de parecer reservado, e que falava por monossílabos; uma pessoa das mais desagradáveis.

Não sabia dele senão que se tratava de um chinês que conseguira êxito em seu negócio com o restaurante. Pediu a Jaques que lhe desse informações. Sabia que, se o chefe do noticiário não tivesse nada a dizer, significava que Yeh Ling era o homem menos interessante do mundo. Jaques era uma "mina de informações".

— Yeh Ling? Sim... um bicho raro. Um chinês educado... Tem um filho que estuda na China. O arquiteto Stott lhe dirige o trabalho; é uma espécie de templo chinês com grandes pilares de cimento. Chamam-lhe "O Pilar das Gratas Memórias" e "O pilar dos Corações Agradecidos". É assim que vai batizá-los. Stott pensa que isso é demasiadamente pagão e teme que o bispo não aprove. Sim, Tab, você tem de ver esse lugar. Ainda não está construído, porque Yeh Ling não emprega no trabalho senão chineses. O secretário da União de Construtores foi falar-lhe a respeito disso, e Yeh Ling disse que também seus antepassados tiveram uma associação que se opunha a aceitar trabalhadores não taoistas.

— Mas... como faria você para encontrar Mr. Stott?

— No mesmo local da construção — disse Jaques. — Vá ver esse templo, ou coisa que o valha, Tab.

Quando teve o primeiro dia de folga, Tab pegou sua motocicleta e dirigiu-se para Sterford. Tinha uma remota esperança de ver Ursula (a casa dela estava a uns doze quilômetros além da Sterford Hill) e não tinha se enganado ao supor que a jovem se encontrava

em sua casa de campo. Numa carta recente anunciara ela uma possível viagem, ajuntando que se fosse necessário mandaria chamá-lo.

Tab passou o cercado que separava o novo lar de Yeh Ling do caminho e ficou olhando com interesse a tarefa dos homens de blusa azul. Sua atividade era notável. Conduziam de um lado para outro ladrilhos e argamassa, ou trabalhavam no jardim, já em formação, ou continuavam levantando paredes. Moviam-se rapidamente, sem descanso, absortos em sua ocupação.

Ninguém parecia dar pela presença de Tab. Este se adiantou mais ainda e ninguém lhe impediu o passo. Um magote de trabalhadores enchia o caminho, e um deles disse algo que fez os companheiros soltarem uma dessas gargalhadas feitas de gritinhos, tão peculiares aos homens do Oriente. Tab perguntou consigo qual seria o motivo dela.

Ao regressar à estrada, viu um carro parado à beira do gramado e seu coração deu um pulo, porque quem guiava o carro era Ursula.

— Qual sua opinião a respeito disso? — perguntou ela.

— Vai ser de certo modo maravilhoso... Que lhe parece ter um vizinho chinês? Ah! Tinha esquecido que gosta dos chineses...

— Sim! — disse ela brevemente. — Há vizinhos piores do que Yeh Ling.

— A senhora o conhece?

Esperou que a jovem negasse ou respondesse com evasivas.

— Muito — disse com calma. — É o proprietário do Teto de Ouro. Frequentemente faço refeições lá. O senhor também o conhece?

— Ligeiramente — respondeu Tab, voltando-se para olhar o edifício em construção. — Deve ser rico!

— Não sei! A gente na verdade nunca sabe de quanto dinheiro precisa para fazer uma coisa dessas. A mão de obra é barata, e parece uma espécie de construção muito simples.



Transcorreu uma semana, uma semana monótona para Tab Holland, porque não achou desculpa ou motivo aparente para um novo encontro.

Uma semana desastrosa para o refugiado Walters. Raramente apareciam nos jornais notícias referentes ao crime, e ele encontrou um homem que se ofereceu para conseguir-lhe trabalho como mordomo, no estrangeiro.

Uma semana de agitados sonhos para um homem que jazia num catre no alto da loja de Yo Len Fo.

Mas, para o inspetor Carver, uma semana de trabalho excepcional, embora os jornais não registrassem suas atividades. A casa onde Tab ocupava um apartamento tinha sido primitivamente uma residência particular, e depois, com pequenas modificações, transformou-se em edifício de apartamentos. A cada plano da escada correspondia a porta de um dos quatro andares; e, como a casa possuía uma entrada comum, o proprietário arranjara as coisas de modo que a porta da rua tivesse uma chave igual para todos os ocupantes dos diversos andares.

No sábado à noite, Tab soube que ficaria só em casa; os outros três vizinhos passavam sempre o fim de semana fora da cidade. O inquilino do andar mais alto era músico. Mas abaixo morava um jovem casal que se ocupava em trabalhos literários; a seguir ficava o apartamento de Tab, e o andar térreo estava alugado para um homem de profissão desconhecida, embora o julgasse relacionado com uma agência de publicidade. Este último se achava em casa raramente. O repórter o havia visto apenas uma vez.

Na noite de sábado aconteceu que em seu clube se realizava o clássico jantar anual. Tab vestiu-se e saiu cedo, passando umas horas de discreta distração e regressando à casa à meia-noite e meia. A primeira vista, nada de anormal se notava, exceto que as luzes do dormitório se achavam acesas, embora ele as tivesse apagado antes de sair.

A primeira impressão que o repórter teve foi de que isso se devia a seu próprio descuido. Recordou-se, porém, claramente, que antes de fechar a porta apertara o botão do comutador. Entretanto,

essa porta estava aberta, bem como a do quarto que fora de Rex.
As luzes acesas...

Tab sorriu. Ele, que tinha investigado em tantos casos de furto, nunca imaginou que seria favorecido com a visita desses aventureiros da meia-noite. Dirigiu-se para o quarto de Rex, acendeu a luz e bastou uma olhadela para descobrir que alguém havia estado ali muito ocupado durante sua ausência. Seu companheiro tinha debaixo da cama duas pequenas malas que não levara consigo na viagem. Uma delas se achava agora aberta sobre a cama. Fora forçada com uma talhadeira que Tab reconheceu como sua e devia ter sido tornado da caixa de ferramentas que estava guardada na cozinha. A fechadura estava saltada e o conteúdo da mala espalhado sobre a colcha. A outra mala não tinha sido tocada. Tab não pôde descobrir se o ladrão teve êxito em sua busca, porque ignorava o que a mala continha. Suspeitou de que o larápio não lograra atingir o objetivo visado, porque nada se via, exceto alguma roupa íntima em desuso, um pacote de cartas que ao primeiro relance Tab percebeu serem de Jesse Trasmere, e uns poucos instrumentos de desenho.

O repórter entrou em seu próprio quarto; ali estava tudo em ordem; e começou nas demais salas uma minuciosa revista, que não lhe proporcionou nenhum rastro sobre a identidade do misterioso visitante. Chamou então Carver pelo telefone e teve a sorte de encontrá-lo.

— Gatunos? É justo, Tab. — disse a voz de Carver. — Vou até aí em seguida.

O detetive compareceu dentro de dez minutos.

— Se isto tivesse acontecido durante o dia, encontraríamos uma explicação muito simples — disse Tab —, porque a porta principal fica aberta até as nove da noite, e o inquilino que sai ou entra mais ou menos a essa hora fecha-a com a chave. Deixamos aberta para evitar subidas e descidas pela escada; mas essa porta estava fechada quando cheguei em casa.

— Por que teria sido simples penetrar de dia nos apartamentos?
— perguntou Carver.

Tab explicou que cada corredor da escada dava para uma janela de onde era possível passar para a cozinha, caso o intruso fosse bastante ágil e ousado.

— Não entrou por lá, eu acho — disse Carver depois de inspecionar a cozinha. — Não; o ladrão abriu a porta como um cavalheiro. Sabe se Mr. Lander tinha na mala algo digno de ser roubado?

Tab sacudiu a cabeça. — Estou perfeitamente certo de que nada havia. Rex nada tinha de valor, exceto o dinheiro que obteve com a herança do tio, logo antes de partir.

Carver tornou ao quarto de Rex e esvaziou a mala, revisando tudo, peça por peça.

— Havia algo no fundo. Imagino só o que ele não guardava nesta caixa...

Pegou uma caixinha de madeira com tampa corrediça. — Aqui está o mistério — prosseguiu, tomando-a de cima da cama. — Pode comunicar-se com Mr. Lander?

— Ele chegará de Nápoles em poucos dias; eu lhe telegrafei, mas não creio que tenha deixado aqui algo que merecesse o interesse do ladrão — disse Tab.

Regressaram à sala de estar e Carver ficou longo tempo sentado em cinta da mesa. — Sabe o que penso? — falou de súbito. — Você acha que estou lhe dando trabalho demais com uma coisa que não vale a pena!

— Neste momento estou pensando no seguinte: que o homem que se introduziu neste apartamento é o mesmo que matou Jesse Trasmere!

— Você está pilheriando — disse Tab, surpreso.

Mas Carver sacudiu a cabeça. — Você tem às vezes certos arroubos... Na realidade, seu instinto atrofiado reaparece por instantes. Mas você não o aproveita, porque o anula com o que chama lógica e raciocínio. E meu instinto me diz que a mão que abriu o cofre de Mr. Lander foi a que fez sucumbir Trasmere.



Na manhã seguinte, o ocupante do andar inferior subiu ao apartamento de Tab enquanto este estava se vestindo. — Espero que minhas reclamações de ontem não o tenham aborrecido — disse o visitante com ar contrito. — A verdade é que eu estive de viagem noite e dia sem dormir, e naturalmente me incomodei um pouco quando ouvi aquele barulho em cima da minha cabeça. O senhor deixou cair alguma caixa ou algo parecido?

— Para ser exato, direi que não deixei cair coisa alguma. Na verdade, o ruído que o senhor ouviu foi produzido por um ladrão.

— Um ladrão? — perguntou o outro espantado. — Ouvi um barulho que me despertou, tirando-me da cama. Gritei, julgando que se tratava do senhor.

— Que horas eram?

— Foi entre dez e dez e meia.

— Decerto a mala caiu quando ele procurava colocá-la em cima da cama — deduziu Tab. — O senhor não o viu por acaso?

— Ouvi-o sair mais ou menos quinze minutos depois que gritei. E eu já estava arrependido da minha irritação. Abri a porta para lhe apresentar desculpas...

— E não o viu?

O homem fez um gesto negativo. — Fechou a porta rapidamente, no momento em que eu chegava ao corredor. A única coisa que vi foi a mão, no fio da porta; tinha luvas negras. Naturalmente pensei que era o senhor, embora as luvas negras me parecessem estranhas em um homem jovem, mesmo no caso em que estivesse de luto; e, achando que o senhor devia estar zangado comigo, não pensei mais no caso.

Tab contou tudo a Carver assim terminou o episódio de sábado. A surpresa de domingo foi mais agradável, ainda que não menos inquietante. A noite já ia avançada e Tab lia à luz de um abajur, quando a campainha da porta da rua soou insistentemente, o que significava que ela já estava fechada. Deixando o livro de lado,

desceu e abriu a porta, ficando assombrado porque o visitante era Ursula Ardfern; seu carro se via mais além, atrás dela.

— Estou a caminho do hotel — explicou ela. — Posso entrar?

Tab viu as dez malas de roupa acomodadas na parte traseira do carro, e isso o fez sentir a longa distância que o separava de Ursula. — Faça o favor de passar — disse ele precipitadamente. — Temo que este quarto esteja incomodamente cheio de fumaça.

Dirigiu-se para a janela para abri-la, e ela o deteve.

— Não, por favor! — disse a moça. — Estou nervosa e sinto que perderei os sentidos diante do menor motivo. Até vou morar outra vez no Central, embora na verdade não possa custear essa extravagância.

— O que aconteceu?

— Stone Cottage está assombrado!

— Assombrado!

— Não se trata de fantasmas, mas sim de algo muito humano... um misterioso indivíduo de negro. A mulher que me acompanha o viu no jardim na noite passada; eu mesma o vi da janela e o provoquei. Foi visto também por outras pessoas, passeando pela estradinha do jardim. Agora me diga honestamente, Mr. Tab Holland, se estou sendo vigiada pela polícia.

Era a ideia que tinha ocorrido a Tab. — Não creio — disse o rapaz. — Carver não disse nada e, além do mais, nunca deixou entrever que tenham suspeitas da senhora.

Era um assunto delicado falar com Carver a respeito da espionagem policial projetada. Em primeiro lugar, Tab não queria inteirar o detetive de que Ursula Ardfern se julgava vigiada. Propôs-se dizer a seu melancólico companheiro, na primeira oportunidade, que tinha visto Miss Ardfern. Assim, mencionou-lhe o nome da amiga como por casualidade, contando, depois, a história do perseguidor.

— Não se trata de gatuno — disse Carver sem titubear. — Os ladrões não deixam que sua presença seja percebida, não alarmam as pessoas que se propõem roubar. Ela se queixou à polícia?

Tab não podia dizer nada com firmeza a esse respeito, mas suspeitava de que ela não o tivesse feito.

— Talvez tudo não passe de uma coincidência — falou Carver — e que o tal homem de negro não tenha nada a ver com o assassinato de Trasmere. Mas estou intrigado. Você diz que vai até lá? Que diria Miss Ardfern se eu também fosse?

Tab enviou a Ursula uma nota ligeira transmitindo-lhe a sugestão de Carver; e recebeu uma resposta em que o convite se fazia extensivo ao detetive.

Depois de madura reflexão, Tab pensou que no fim das contas não era má ideia a de ter Carver com ele. Para a moça surgira, assim, uma oportunidade de fazer amizade com um homem que, em certas circunstâncias, seria difícil de contentar. Ela não tinha muitos amigos, pensava Tab, e achava-se já quase satisfeito com a ideia, quando o detetive entrou apressadamente na estação, alguns minutos antes de partir para Hertford o último trem.

Quando chegaram, a noite tinha caído, e, de acordo com o combinado, fizeram a ampla caminhada sem falar e um atrás do outro, ocultando-se nas sombras e avançando sempre sem encontrar uma só alma. Quando chegaram à larga estrada onde

estava situado Stone Cottage, procederam com a maior precaução. Mas não havia ninguém à vista. Não foram observados.

Ursula esperava-os de pé ao lado da porta da rua para lhes dar as boas-vindas.

— Deixei todas as cortinas baixadas — disse — e a presença do inspetor Carver é muito providencial, porque minha companheira teve de ir para casa... Adoeceu-lhe a mãe. Espero que o senhor não se julgue no rol das damas de companhia — falou sorrindo a Carver.

— Sobretudo porque a senhorita anda em companhias vulgares — replicou o detetive com seriedade. — Onde mora ela, a mãe de sua criada?

— Em Felbrough. A pobre Margaret só teve tempo de alcançar o último trem.

— Como soube que a mãe estava doente? — perguntou o inspetor. — Recebeu um telegrama?

Ursula fez um gesto de assentimento.

— Ao cair da tarde?

— Sim — disse a moça surpresa. — Por que pergunta?

— O telegrama chegou a tempo para que alcançasse o trem da cidade; a tempo, também, para o trem de Felbrough. Por isso perguntei. Não viu o homem na noite passada?

— Só cheguei pela manhã — respondeu a moça, controlada. — Acha que Margaret tenha sido chamada... por alguém... mediante um estratagema?

— Não sei — disse Carver. — Na minha profissão fazemos sempre as piores suposições, e geralmente estamos no caminho certo. A que horas costuma a senhora deitar-se?

— No campo, às dez.

— Então, quer subir a seu quarto às dez? Acenda a luz e, depois de um tempo razoável, apague-a. A seguir, se quiser, pode descer, mas deve estar disposta a andar no escuro; e se quiser falar deverá fazê-lo em voz muito baixa. — Um sorriso estranho iluminou o rosto do detetive. — É possível que amanhã possamos achar que procedemos agora um pouco loucamente, mas prefiro ser louco a perder a oportunidade de me encontrar com o homem de negro.

A conversação decaía. Estavam sentados em silêncio ao redor da mesa, cada um absorto em seus próprios pensamentos. De súbito, Ursula disse:

— Estou tentada a fazer uma confissão pela metade, Mr. Carver. Não sei se me teria ocorrido fazê-lo no caso de não me encontrar com o senhor. — As confissões truncadas são coisas irritantes — confessou Carver —, assim não sei se em seu lugar eu o faria, Mias Ardfern, em especial sabendo que estou inteirado de todos os fatos a que se refere a confissão.

— O senhor sabe? — perguntou a moça.

Carver respondeu afirmativamente.

— A senhora me diria — começou ele — que tinha o costume de ir à casa de Trasmere todas as noites e deixar-lhe suas joias, ainda que não fosse esse o objeto da visita. A senhora ia lá — prosseguiu o detetive sem olhar para a interlocutora — para trabalhar como secretária. Todas as cartas que Jesse Trasmere dirigia para o exterior eram escritas pela senhora em uma máquina portátil marca Corona, cujo número é 29754; essa máquina tem uma tecla sem cobertura e a letra r defeituosa.

Durante um segundo gozou diante da consternação da moça e, depois, continuou:

— Visto isso, a senhora se propunha a me dizer que atamente com Yeh Ling, o proprietário do Teto de Ouro, fez uma visita a Mayfield numa noite em que pouco faltou para que fossem presos...

Tab ficara mudo. Ursula Ardfern, secretária do velho! Uma das mais famosas artistas de Londres atuando como amanuense de um misantropo estúpido! Era incrível. Uma onda de sangue afluindo ao rosto da moça mostrou que Carver dizia a verdade.

— Como sabe? — murmurou ela.

— Na polícia temos pessoas muito hábeis — disse secamente.

— Mas... — interrompeu a jovem, com voz aguda — sabe o senhor... O senhor sabe de algo mais? Por que fomos lá naquela noite?

— A senhora foi para mostrar a Yeh Ling onde o velho guardava alguns de seus documentos secretos, no falso ladrilho da chaminé.

Foram com a esperança de encontrar alguns papéis que se referiam à senhora, mas não tiveram resultado satisfatório. Só duvido de uma coisa... Também Yeh Ling foi logrado?

Ursula sacudiu a cabeça.

— Eu o suspeitava — falou Carver, e prosseguiu: — Já imagino o que havia na caixinha de laca, e também suspeito que esta tenha um compartimento secreto. Estou dizendo a verdade?

Ursula fez um leve gesto negativo. — Não. Yeh Ling pensou que os papéis estavam na caixa e eles se achavam no oco do ladrilho.

— A senhora tem a chave de Mayfield — disse Carver. — Creio que será melhor me entregar. Do contrário lhe advirão sérios incômodos.

A atriz saiu do quarto sem replicar, voltou e deixou nas mãos do detetive a pequena chave Yale que Carver examinou rapidamente, guardando-a depois no bolso.

O inspetor consultou a hora:

— São dez horas, Miss Ardfern — disse com seriedade cômica. Ursula fez um movimento para a porta. — Estas luzes devem ser apagadas antes que a senhora saia daqui; as coisas precisam ser feitas na ordem, recordando-se que o homem de negro está espiando de algum lugar.

Ela estremeceu.

Foi Tab que apagou a luz.

— Creio que devemos fechar as cortinas — disse Carver em voz baixa, puxando os pesados veludos que pendiam sobre a janela.

A luz daquela bela noite estrelada permitia distinguir as linhas do portão pequeno do jardim.

— Isso é admirável — disse ele, acomodando-se perto da janela. — E se você quer fumar, Tab, mantenha o cachimbo fora de vista.

Tab resmungou alguma coisa e deixou o cachimbo em cima do cinzeiro. Dez minutos mais tarde, Ursula reuniu-se a eles.

— Posso ficar? — murmurou. — Usei as luzes do dormitório o mais convincentemente possível.

Conversaram durante uma hora, e Tab se sentia já com sono quando Carver o interrompeu com um assobio no meio de uma frase. Olhando para fora, viu no portão um escuro vulto. Era

impossível distinguir mais que uma silhueta. Parecia um homem de altura desmesurada, mas isso podia ser devido, sem dúvida, a uma ilusão. Tinha um chapéu grande e de abas largas, que parecia preto; mas não puderam ver mais. Esperaram em silêncio enquanto o homem abriu o portão e se introduziu sem ruído no jardim.

Tinha andado a metade do caminho que levava a casa, quando surgiu um novo vulto repentinamente, como que brotando do chão; e então, antes que o homem de chapéu grande pudesse voltar-se, o outro atirou-se sobre ele.

Quando abriram a porta da rua, os dois vultos haviam desaparecido. Carver seguiu para o portão, mas tropeçou.

Seus pés bateram num corpo mole que estava atravessado no caminho; virou-se, dirigindo para o corpo misterioso a luz de sua lanterna.

O homem que tinha a seus pés era Yeh Ling!

O chinês estava inconsciente e Carver olhou em torno para procurar o segundo visitante. Correu à porta e viu o caminho deserto. Uma vez no meio da calçada, moveu-se primeiro numa direção e depois em outra. De súbito avistou seu homem correndo sobre os seixos. Lançou-se em sua perseguição.

Uns cem metros além da casa havia um caminho. Carver pouco depois chegou a tempo para ouvir o ruído de um motor em marcha e ver vagamente o vulto de um grande carro que partia em alta velocidade.

Regressou a casa, encontrando Yeh Ling no quarto de Ursula, sentado com a cabeça entre as mãos.

— Este é o segundo homem; não é o cavalheiro de chapéu grande — disse Carver. — Agora, Yeh Ling, fale-nos de suas ações. Como se sente?

— Muito aturdido — disse Yeh Ling, ante a surpresa de Tab pelo tom e acento de voz próprios de um homem culto. Seu inglês era impecável.

O chinês olhou a jovem com ar de censura. — A senhora não me disse que estes cavalheiros viriam, Miss Ardfern, quando me escreveu.

— Quando lhe escrevi, ainda não tinha notícias de que viriam, Yeh Ling — respondeu ela.

— Se eu tivesse estado aqui um pouquinho mais cedo teria sabido — prosseguiu ele. — Mr. Carver, temo que com o acontecido eu lhe tenha estragado a noite. — Seus olhos pardos inexpressivos olhavam temerosos para o detetive.

— Compreendo! Também estava de guarda, não é mesmo? — perguntou Carver de bom humor. — Parece que todos fizemos uma boa confusão. Viu o homem?

— Não o vi — disse Yeh Ling. — Mas senti-o... —Tocou a cabeça.

— Não viu a cara dele? — inquiriu Carver.

— Não, estava coberta. Minhas mãos o agarraram, e temo ter perdido minhas forças — disse o chinês à moça, num tom queixoso —, porque houve um tempo em que em Harvard eu era o esportista mais destacado, quando os estudantes chineses ainda constituíam algo assim como uma curiosidade...

— Harvard? — exclamou Tab com surpresa. Por Maomé! E eu que pensava...

— Os atos demonstram o que digo — continuou Yeh Ling. — Sou apenas consequente. A senhora esteve sob meu cuidado pessoal durante sete anos. Sete anos, dia e noite, que eu ou meus criados a temos escoltado. A senhora nunca foi... — mas deteve-se mudando de assunto.

— Miss Ardfern nunca foi à casa de Mr. Trasmere sem ser escoltada; isso era o que você ia dizer, não é verdade, Yeh Ling? — perguntou Carver sorrindo. — Você não tem necessidade de ser misterioso, porque estou inteirado de tudo, e Miss Ardfern o sabe.

Em vista disso, o chinês começou:

— Estive numa posição especial; eu era um homem rico e um homem pobre, segundo as grandes leis deste país interpretaram o convênio que eu tinha feito com Shi Sho. Shi Sho era conhecido pelos senhores como Trasmere. E este, é claro, era seu nome. Em rio Amur o chamávamos Shi Sho. Vim a este país há muitos anos, e trabalhei no restaurante do qual sou agora proprietário. Não me refiro ao Teto de Ouro, mas sim ao pequeno negócio primitivo de Reed Street. O homem que era dono dele perdeu todo o seu dinheiro em Fantan e então lhe comprei aquilo por uma bagatela. Eu estava progredindo lentamente, quando uma noite apareceu Mr. Trasmere. A princípio não o reconheci. Quando o vi pela primeira vez, era ele um homem forte, de muita saúde, e dele se dizia ser cruel para com seus empregados. Soube que tinha mandado queimar homens, até matá-los, para que revelassem onde tinham escondido o ouro roubado de suas jazidas. Falamos do tempo passado, e então ele me perguntou se seria possível fazer dinheiro com o negócio de restaurante. Disse-lhe que sim, e esse foi o começo de nossa sociedade, que durou até o dia de sua morte. As três quartas partes dos lucros do Teto de Ouro eram pagas a cada

segunda-feira a Mr. Trasmere, e esse era nosso contrato, o único que tínhamos, exceção feita a outro que eu mesmo escrevi, ditado por ele, e que consistia no seguinte: no caso de sua morte, toda a propriedade ficaria para mim. Foi firmado por mim com meu *hong* e por Mr. Trasmere com o dele, que ele levava sempre no bolso.

— O *hong* — interrompeu Carver — é um pequeno utensílio de marfim com caracteres chineses numa extremidade. Leva-se em um estojo fino de marfim, que mais parece um estojo de lápis, não é verdade?

Yeh Ling fez um gesto de assentimento. — Guardei o documento até uns poucos dias antes de sua morte, quando ele me pediu para mandar fazer uma cópia. Isso será para os senhores uma novidade, ainda que não o seja para a senhora, Miss Ardfern. Mr. Trasmere falava e escrevia o idioma chinês com mais facilidade do que eu, que tenho quase mais autoridade que um mandarim. Poucos dias depois foi assassinado. Minha única esperança de salvar-me da ruína foi encontrar esse contrato, que ele tinha guardado dentro de minha caixinha de laca.

— Encontrou o contrato?

— Sim, senhor — disse Yeh Ling. — Foi tirado da caixa dentro da qual o dei a Mr. Trasmere e posto em... alguma parte. Mas encontrei-o... e também outros documentos de menor importância. Ao vir aqui esta noite, além dessa carta, senhora, estava ansioso por encontrar o homem de negro. Sim. Ele tem me vigiado por muitos dias. Estou certo de que é ele mesmo. — Fez uma pequena careta e apalpou a cabeça machucada, acrescentando: — Encontrei-o.

Carver escreveu umas linhas em seu livro de notas e tornou a guardá-lo, voltando-se e olhando para o chinês fixamente.

— Yeh Ling — disse —, quem matou Jesse Trasmere?

— Não sei — respondeu o interpelado simplesmente. — Isso me espanta. Deve haver uma passagem secreta que dá para o sótão.

— Se essa passagem existe — disse o detetive rispidamente —, é então o segredo mais bem guardado que encontrei na vida. Certamente seria um segredo muito bem escondido pelos homens que construíram o edifício e o sótão; e pelo capataz que fiscalizou a

obra. Não, Yeh Ling, você deve tirar essa ideia da cabeça. O culpado é Brown ou Walters. Quando os prendermos, saberemos do método que empregaram.

— Brown não é culpado — disse Yeh Ling com calma —, porque eu estava com ele quando se cometeu o crime!

A declaração assombrou os ouvintes. A própria Ursula pareceu surpreendida.

— Sabe o que está dizendo?

— Sei o que digo, e seria melhor não ter dito — respondeu o chinês com um rápido sorriso. — Entretanto, é a verdade. Se o crime foi cometido à tarde, certamente estive a essa hora com o homem que se chama Wellington Brown, mas a quem nós chamamos "O Beberrão" ou "O Desocupado". Custa-me dizer-lhe como e onde, mas mais me custaria responder se o senhor me perguntar qual é agora seu paradeiro. A essa pergunta eu responderia *não sei*.

— E você mentiria — disse Carver com serenidade.

— Mentiria — foi a calma resposta. — Mas digo, Mr. Carver, que Wellington Brown esteve comigo, diante de meus olhos, desde a uma e meia da tarde do sábado em que mataram Jesse Trasmere até a noite.

Carver olhou para o chinês insistentemente. — Como estava ele vestido quando chegou a sua presença?

O outro deu de ombros.

— Pobrememente. Sempre se vestiu assim.

— Usava luvas?

— Não. Não tinha luvas. Essa foi a primeira coisa que notei, porque é um homem... Como dizem os senhores em inglês?... fora da etiqueta... Nos dias mais quentes era visto sempre de luvas.

Yeh Ling partiu logo, visto que era tarde. Viera de bicicleta e preferiu voltar à cidade a perder tempo ficando no cottage.

Era demasiadamente tarde para que Ursula fosse para o hotel, e eles permaneceram ali a noite toda; Carver jogando um interminável jogo de paciência, enquanto Tab e a jovens passeavam nas proximidades do jardim falando de temas banais, até que a aurora despontou.

Wellington Brown despertou na manhã sentindo-se bastante aliviado. Usualmente despertava com o cérebro embotado e a boca pastosa, com o único desejo de implorar que lhe dessem ópio, o que tinha arruinado sua vida física e moralmente, mantendo-o pobre. Mas agora abriu os olhos, lançou um olhar a seu redor e emitiu um puff! de desgosto. Conhecía-se tão bem e estava tão identificado com sua idiossincrasia e com o caráter dessas irritações que percebeu em seguida que saía de tais estados mórbidos. Algum dia não iria poder despertar mais...

Sentou-se na cama, esfregando o queixo e aspirando com gozo a brisa que entrava pela janela aberta. Pôs-se de pé e achou que seus joelhos vacilavam, o que lhe fez soltar um riso demente. Foi o próprio Yo Len Fo que entrou trazendo uma bandeja com um copo de água, uma garrafa meio cheia de uísque e o inevitável cachimbo.

Sem pronunciar palavra, Wellington derramou no vaso uma boa dose da bebida e atirou o restante para trás, por cima do ombro.

— Pode mandar esse cachimbo ao diabo — disse. Sua voz era trêmula mas decidida.

— Um cachimbo de manhã faz brilhar o sol — recordou Yo Len Fo.

— Um cachimbo de manhã não dura até as estrelas —replicou Wellington Brown, respondendo com um provérbio ao provérbio.

— Se sua ilustríssima fica, farei que lhe tragam o almoço — disse o chinês solicitamente.

— Fiquei aqui muito tempo — disse o outro. — Que dia do mês é hoje no calendário estrangeiro?

— Não conheço esse calendário — disse Yo Len Fo mas, se sua excelência se digna permanecer umas horas nesta cabana...

— Minha excelência não se dignará a ficar em nenhuma choça nem palácio — disse Wellington. — Onde está Yeh Ling?

— Mandarei chamá-lo em seguida — disse o velho ansiosamente.

— Deixe-o — replicou Brown com um gesto polido. Começou a procurar nos bolsos. Surpreendeu-se de encontrar intacto seu dinheiro, que não era muito. — Quanto lhe devo? — perguntou.

Yo Len Fo meneou a cabeça: — Nada.

— Estamos numa casa de filantropos? — perguntou o outro sarcasticamente.

— Tudo foi pago pelo excelente Yeh Ling.

Brown soltou um grunhido. — Suspeito que atrás disso tudo esteja o velho diabo do Trasmere — disse em inglês; e, vendo que o homem não o compreendia, afastou-se dele e desceu pela escadaria até a rua.

Sentia-se terrivelmente debilitado, mas seu coração estava alegre. Ao fim do corredor estreito deteve-se cheio de dúvida; resolveu seguir pela esquerda; de outro modo não evitaria cair nas garras do inspetor Carver, que naquela manhã tinha ido procurar o proprietário do Teto de Ouro.

Brown passou o dia sem complicações. Continuou a caminhar na direção do parque, sentou-se num banco, deixou-se ficar meditando horas a fio, a gozar do fulgurante sol de junho, sob cujo calor parecia esquecer-se de tudo.

Ao cair da tarde sentiu fome; dirigiu-se pois a um quiosque que havia por perto, à procura de jantar. Uma vez terminada a refeição, encaminhou-se ao banco mais próximo e ali retomou sua grata ocupação de *dolce far niente*. Wellington Brown era por índole um folgazão; e esse hábito, uma vez inveterado, pode prolongar a vida até uma idade avançadíssima.

Estavam aparecendo as estrelas no aveludado céu azul quando, com um estremecimento, o homem se pôs automaticamente de pé e procurou os lugares iluminados. Avançando cabisbaixo por um dos largos passeios que cruzavam o parque, alcançou um homem que caminhava devagar na mesma direção que ele. O homem lançou-lhe um rápido olhar e instintivamente caminhou com passo acelerado em direção contrária.

— Escute! — disse Brown vivamente. — Eu o conheço. Por que diabo se afasta de mim? Acaso sou um leproso?

O homem se deteve, olhando inquieto para a direita e para a esquerda. — Não o conheço... — replicou com frieza.

— Pois está dizendo uma mentira — falou Brown, sob a reação de seus excessos recentes e ansioso por brigar com quem quer que fosse. — Sei quem você é porque nos encontramos antes. — Fez vãos esforços de memória para identificar o estranho. — Na China, não é isso? Meu nome é Brown... Wellington Brown.

— Sim, sem dúvida, foi na China — respondeu o outro e, com um repentino gesto amistoso, tomou Wellington Brown pelo braço, afastou-se da estrada e levou-o através dos verdes canteiros. Um casal que estava sentado sob uma das árvores os viu passar; ouviu que Brown ia dizendo:

— Não diga que fui subordinado dele, ou criado, porque tal não aconteceu! Fui seu igual, um sócio da firma; o malvado velho explorador...

Assim passaram, o homem de negro e o embrutecido pensionista da China.



Àquela mesma hora, outra personagem, também muito interessada nos destinos do pobre Jesse Trasmere, estava fazendo os preparativos finais para sua partida.

Tinha se aventurado a sair à luz do dia, desafiando os olhares do patrão do Arak, e firmando um compromisso como mordomo do salão de segunda classe para uma viagem à África do Sul. O longo pesadelo chegava a seu fim. Walters precisava estar rio seu barco naquela madrugada, e de seu ponto de vista isso constituía um ajuste que reduzia ao mínimo o risco de ser preso.

Levara ele uma respeitável soma de dinheiro, produto de seus roubos em Mayfield: suas oportunidades tinham sido muitas, malgrado a sovinice do velho Trasmere.

Naquela tarde mandara para bordo sua mala e agora só liso faltava ir ele próprio. Foi caminhando pelas ruas menos frequentadas e, embora isso lhe representasse uma longa jornada, não sofreu nenhum perigo. Fazia um mês que tremia ante cada sombra e, à vista de um policial, quase se lhe paralisava o corpo. Mas agora o caso tinha sido esquecido. Já não se lia uma linha a respeito dele, mesmo nos jornais mais sensacionalistas; e foi com a maior confiança que atravessou o embarcadouro e caminhou pela prancha, percorrendo logo os mal iluminados corredores do navio.

— Apresente-se ao mordomo-chefe — disse-lhe o oficial de guarda na extremidade do barco. Walters pediu-lhe que indicasse o caminho. Desceu logo ao largo corredor onde ficava o escritório do mordomo-chefe e reuniu-se a uma dúzia de homens que, alinhados, esperavam sua vez para se apresentar.

Walters não teria lamentado se a espera lhe levasse todo o resto da noite. Mas, num espaço de tempo surpreendentemente curto, achou-se na cabina do chefe. Disse:

— Indique minha obrigação. Sou John Williams, mordomo... — Mas deteve-se.

Do outro lado da mesa estava o inspetor Carver.

Walters virou-se violentamente, mas o caminho da porta estava obstruído por um detetive.

— Muito bem! — disse. E ajuntou com desconsolo quando um par de algemas lhe prendeu os pulsos: — Mas não fui eu, Mr. Carver. Não sei nada do crime. Sou tão inocente como uma criança que ainda não nasceu.

— O que admiro em você — disse Carver em tom pouco amável — é sua originalidade.

Walters, para fugir à culpa maior, confessou a menor, e por escrito.

— Oh! O assassino! Não, não acho que este seja o cavalheiro que matou Trasmere.

DECLARAÇÃO DE WALTER FELLING

Meu nome é Walter John Felling. Às vezes tenho usado o nome de Walters, às vezes o de Mac Carthy. Cumpri três sentenças por furto e falsificação de identidade, e em junho de 1913 fui enviado à cadeia por cinco anos, em Newcastle. Fui solto em 1917 e servi ;70 exército como cozinheiro até 1919. Ao deixar o exército, fiquei sabendo por um "colega" que Mr. Trasmere necessitava de um mordomo, e, tomando conhecimento de que se tratava de um homem muito sórdido e muito rico, candidatei-me ao posto. Quando Mr. Trasmere me perguntou que salário pretendia eu ganhar, de propósito indiquei uma sonsa que era inferior ao ordenado comum em tais casos, e o velho me contratou em seguida. Não creio que tenha pedido referências a meu respeito; se o tivesse feito, Colegy teria dado o atestado.

Quando entrei em Mayfield havia ali outros dois criados, Mr. e Mrs. Green. Mr. Green era australiano, mas creio que a senhora dele nascera no Canadá. Ele fazia as vezes de despenseiro de Mr. Trasmere; não creio porém que o fazia bem. Parece que não era simpático ao patrão. Meu objetivo ao entrar a serviço da casa era o de levantar uma boa "féria". Imediatamente percebi que isso seria muito difícil por causa dos hábitos particulares da casa, mas arranjei tudo de modo a conseguir apoderar-me de algumas coisas insignificantes (um relógio de ouro e dois candelabros de prata). Quando Mr. Trasmere descobriu que Green dava à mulher sobras de comida, e que ela por sua vez os passava ao cunhado, despediu-os em seguida. Nessa mesma oportunidade deu pela falta do relógio de ouro e se pôs a revistar as maletas do casal. Senti muito por causa de Green, mas é claro que nada pude fazer...

Quando se foram os Green, tive de fazer as vezes de mordomo e de despenseiro.

Logo descobri que todos os valores estavam guardados num quarto do sótão. Nunca tinha entrado naquele quarto, mas sabia que ficava mais ou menos perto da passagem pela qual se chegava ao estúdio de Trasmere, pois uma vez encontrei a

porta aberta e, inclinando-me sobre a escada, divisei um longo corredor.

Esperava poder fazer algum dia uma cuidadosa inspeção no lugar, mas essa oportunidade nunca se apresentou; mas uma ou duas semanas antes da morte de Trasmere julguei que teria a ocasião de o fazer. Nessa vez o velho sofreu um desmaio e me dispus a pegar um molho de chaves que tinha pendente do pescoço; o desmaio foi de curta duração e tive de deixar a chave no lugar antes que o dono recuperasse os sentidos. Foi uma sorte para mim ter limpado de minha manga o sabão da chave, porque a primeira coisa que o velho fez foi pegar a corrente que lhe pendia do pescoço. Entretanto, tive de empreender um trabalho árduo para obter uma chave que copiasse fielmente as impressões do sabão. Isso é tudo que lhe posso dizer a respeito da casa-forte, a qual nunca vi.

Eu me deitava todas as noites às dez e Mr. Trasmere fechava à chave uma porta que me isolava do resto da casa, de modo que me era impossível ver o que se passava durante a noite. Queixei-me disso e então ele pôs uma chave dentro de uma caixa de vidro, no meu quarto, para que, em caso de emergência, eu pudesse me comunicar com o resto da casa. Não se decidiu a isso até que certa noite, em que se sentiu indisposto, viu-se privado da minha assistência porque me era impossível acudir em seu auxílio.

Abrir a porta que me fechava, mediante a abertura da caixa de vidro, foi a coisa mais simples. Usei essa chave várias vezes. A primeira vez que o fiz ouvi vozes na escada da sala de jantar e me assombrou que isso acontecesse a semelhante hora. Não tive a coragem de ir ver; detinha-me o temor de ser despedido. No hall havia luz. Mas noutra noite, ouvindo uma voz de mulher, descí (as luzes estavam dispostas de maneira que me protegiam) e vi uma jovem com uma máquina de escrever diante de si, batendo nas teclas à medida que Mr. Trasmere lhe ditava; o velho passeava de um lado para outro com as mãos às costas. Era a mulher mais formosa que já vi em minha vida, e tive a certeza de que já a vira antes. Não a reconheci senão

no dia em que caiu sob as minhas vistas um jornal com sua fotografia, e então me pareceu impossível que se pudesse tratar de Miss Ursula Ardfern, a atriz tão conhecida. Mr. Trasmere a chamava "Ursula" e me convenci de que eu não estava enganado. Ela costumava vir todas as noites do teatro e algumas vezes permanecia lá até as duas horas da manhã.

Uma noite, imediatamente depois de a moça chegar, desci a escada descalço e me aproximei de ambos. Ouvi que ele dizia: Ursula, onde está o alfinete? A jovem respondeu: Está por aí. O velho resmungou e depois confirmou: Sim, está aqui.

Eu tinha levado da casa muito mais do que imaginava. (Aqui, Walters enumerou minuciosamente a quantidade e a qualidade dos objetos que pôde recolher.) Quando Mr. Trasmere ficava só, costumava sentar-se à mesa com uma pequena tigela de porcelana diante de si e um pincel. Não sei o que pintava. Nunca vi nenhuma de suas pinturas. Sei que o fazia porque muitas vezes o espiei. Nunca usava tela; pintava sobre papel e sempre com tinta negra. O papel devia ser muito fino, porque uma vez, estando a janela ligeiramente aberta, uma folha voou para fora.

Para vê-lo, fingi que ia limpar a bandeirola da porta, através da qual, do alto da escada, se divisava parte do compartimento; se ele se sentava em determinado lugar, era-me fácil vê-lo.

Na manhã em que deixei a casa, eu estava ocupado na confecção da chave e podia fazê-lo sem perigo porque o patrão nunca vinha a meu quarto, cuja porta estava fechada a chave para casos de emergência. Servi-lhe o almoço. Ele me falou a respeito de Brown, o homem que eu tinha posto violentamente para a rua. Disse-me que eu fizera muito bem, que esse Brown era procurado pela polícia do país e que estava espantado de ele ter se atrevido a regressar à Inglaterra. Acrescentou que era homem indigno, beberrão e fumador de ópio. Depois do almoço me mandou para fora da sala e compreendi que ele se dispunha a ir ao sótão, o que fazia todos os sábados de tarde.

Eram mais ou menos dez para as três e eu estava em meu quarto trabalhando na chave, depois de ter trazido da cozinha uma xícara de café, quando soou a campainha da porta de fora. Atendi ao chamado. Um mensageiro me entregou um telegrama dirigido 'a mim. Eu nunca recebera telegramas na casa, e aquilo me surpreendeu. Ao abri-lo, li que me lembravam a condenação de que fui vítima oito anos antes em Newcastle, completando que a polícia viria procurar-me às três em ponto.

Fiquei em péssimo estado moral, porque em meu quarto eu tinha uma grande quantidade de objetos roubados e sabia que a próxima sentença me traria uma longa prisão. Corri ao quarto, recolhi minhas coisas e saí da casa poucos instantes depois das três. Quando abri a porta, vi Mr. Lander de pé ao lado do portão. Já o conhecia porque ele tinha permanecido na casa um certo tempo, um mês depois de eu ingressar nela. Sempre simpatizei muito com ele; é um cavalheiro pelo qual sinto um grande respeito.

Seu tio, o falecido Mr. Trasmere, não gostava dele. Uma vez me disse que Rex era extravagante e farrista. Ao ver Mr. Rex no portão, o coração me saltou, porque pensei que logo ele haveria de compreender que algo de anormal acontecia. Perguntou-me se o tio estava doente, o que deu tempo de me refazer do susto. Respondi que eu ia dar um recado muito urgente; ganhei a rua e tive a boa sorte de encontrar um táxi, que me conduziu à Estação Central. Não saí, entretanto, da cidade, mas sim me dirigi a um quarto que certa vez eu tinha ocupado numa casa conhecida de Reed Street, onde estive oculto desde então. E não vi Mr. Trasmere depois do lanche. Ele não saiu para perguntar quem chamava quando chegou o telegrama; havia chamadas frequentes e nunca eu lhe dava ciência disso, a não ser que se tratasse de algo importante, cartas e telegramas.

Faço esta declaração voluntariamente, sem nenhuma pressão, e respondi às perguntas feitas pelo inspetor Carver

sem insinuações de sua parte sobre como deveriam ser respondidas.

— Esta é a declaração — disse Carver. — Não deve divulgar-se nem uma linha. Só se pode publicar o fato de que foi tomada. Que pensa dela?

— Parece-me honesta e coerente — replicou Tab.

O inspetor fez um gesto de assentimento. Felling era inocente.

— As referências às visitas de Miss Ardfern são um pouco obscuras e em certo sentido importantes: sobretudo as palavras do velho referentes ao alfinete.

— Está pensando no alfinete que encontramos no corredor? — perguntou Tab depressa.

Carver sorriu levemente.

— Sim e não — disse. — O alfinete de que falava o velho era sem dúvida uma das joias do cofre, e é óbvio que estava fazendo um inventário das joias para ver se todas estavam ali.

Tab permaneceu um momento silencioso.

— Você quer dizer que as joias realmente pertenciam a Trasmere, que as emprestava à jovem, a qual as devolvia a cada noite? — perguntou com calma.

— Não há outra explicação — disse Carver. — Não há outra explicação também para suas atividades de secretária. Trasmere tinha empreendido uma série de negócios, e não duvido que ele fosse o homem que deu o dinheiro para a temporada de Ursula Ardfern. Era um lobo astuto e provavelmente tinha visto a atuação da moça. Minha impressão pessoal é de que fez uma fortuna à custa dela...

— Mas, como é que ela, sendo atriz de sucesso, consentia em servir-lhe de secretária? Por que, se sua teoria é a correta, ela se sujeitava a ser escrava em lugar de aproveitar os próprios lucros?

Carver olhou para o companheiro fixamente.

— Por que ele sabia algo de Miss Ardfern; algo que ela não queria que se divulgasse — disse o detetive pausadamente. — Não

quero sugerir que se trate de um fato que a desacredite — ajuntou com discrição ao ver que o rosto de Tab se ensombrecia. — Atrevo-me a dizer que algum dia ela nos há de falar disso. Por enquanto não tem importância.

Levantou-se da escrivaninha (estavam conversando no gabinete do detetive) e espreguiçou-se. — Com isso damos fim às diversões do dia — disse — e, se não está satisfeito, o valor da entrada lhe será devolvido na bilheteria.

Havia momentos em que Carver fazia pilhéria. — Não; não vou para casa. Tenho ainda trabalho para um par de horas. Não devo ser incomodado. Felizmente o telefone está com defeito; caiu neve sobre a linha, entre nós e o centro telefônico. Lembre-se, Tab, que acerca da prisão de Walters devem ser publicadas as notas mais leves, mais breves, sem uma linha sobre suas declarações. Pode, sim, dizer que ele fez uma declaração... Apenas...

Felizmente Jaques já tinha ido. Do contrário teria explodido de indignação ante os pobres detalhes que aquela noite Tab pôde proporcionar a seu jornal.



O jovem chegou a casa às onze e meia, com um estranho mal-estar no coração. Qual era o segredo de Ursula Ardfern? E por que esse mistério? Por que se enlaçava seu segredo com os maiores e os mais sórdidos da morte de Trasmere?

Ao abrir a porta da rua viu na sua caixa de correspondência um telegrama. O despacho tinha seu nome. Tab rasgou o envelope e leu. Fora expedido de Nápoles pelo amigo. Rex lhe dizia:

Vou ao Egito. Inteiramente restabelecido. Regressarei dentro de um mês.

O repórter sorriu, desejando que esse *inteiramente restabelecido* se referisse tanto à juvenil insensatez de Babe como

a seus nervos abalados. Deteve-se diante da porta do apartamento enquanto tirava a chave do bolso, e nesse momento lhe pareceu ouvir um ruído. Podia vir de algum dos andares superiores, e Tab não lhe deu importância. Quando introduzia a chave na fechadura, julgou ver uma réstia de luz no teto de sua salinha. Um segundo depois abriu a porta e a luz se tinha apagado.

Pensou que fosse uma ilusão óptica; mas, enquanto fechava a porta atrás de si, veio-lhe à memória a lembrança do ladrão. Hesitou um instante, depois abriu de repelão a porta do living e a primeira coisa que verificou foi que as cortinas estavam fechadas, não obstante ele tê-las deixado descerradas. Ouviu, então, o ruído de uma respiração ofegante.

— Quem está aí? — perguntou, ao mesmo tempo em que levava a mão ao botão da luz.

Antes que conseguisse comprimi-lo, sentiu-se golpeado, embora sem dor; percebia apenas que seus joelhos se afrouxavam e que ficava impossibilitado de pensar ou se mover. Na escuridão alguém passou depressa a seu lado. Ouviu-se a batida estrepitosa da porta, um rápido descer de escadas e, por fins, a porta da rua que se fechava com a mesma violência.

Ainda por algum tempo Tab permaneceu caído, retido ali por uma força superior a sua própria vontade. Um fio de sangue lhe escorria da testa até os olhos, e a sensação que o líquido neles produziu fê-lo recobrar os sentidos. Conseguiu erguer-se com dificuldade. Acendeu a luz.

Tinham-no golpeado com uma cadeira; esta se achava voltada com os pés para cima, perto da porta. Tab tocou a testa cautelosamente e foi em busca de um espelho. A ferida era leve, um pouco superficial. Deduziu que a cadeira bateu na parede, antes de tocá-lo — o que amorteceu de alguma maneira o golpe: uma das pernas do móvel estava quebrada e tinha deixado marcas na parede. Tab lavou o rosto para fazer uma ideia do que tinha originado a confusão que ali reinava. Sua escrivaninha fora totalmente revistada e também estava forçada a fechadura da gaveta onde guardava seus documentos particulares; esparramados os papéis, uns no solo e outros na mesa. Idêntica sorte teve uma

pequena secretária ao lado da parede e, diante dela, o chão achava-se coberto com os mais diversos objetos.

O dormitório oferecia quadro idêntico: todas as gavetas abertas, exceto as do guarda-roupa.

No quarto de Rex, a única coisa revistada fora a segunda maleta, a que o intruso desprezara em sua primeira visita. Agora se achava aberta sobre a mesa e o conteúdo espalhado em torno, na maior confusão.

O relógio de ouro e a corrente de Tab, que naquele dia tinham sido deixados ali, se encontravam em seu lugar. A tampa da caixa em que guardava dinheiro estava quase totalmente arrancada, e, se bem que tudo se achasse em desordem, não lhe faltava um vintém. Foi então que Holland fez uma curiosa descoberta.

Ele conservava numa gaveta da escrivaninha um álbum com fotografias suas que um ano antes tirara a pedido de várias tias solteironas. Pois bem: todos os postais tinham sido rasgados em quatro pedaços, os quais apareciam misturados com diversos papéis. Era este o único dano maior que a personagem misteriosa tinha causado. Que procurava? Tab fez esforços de memória para lembrar se tinha algo que pudesse interessar a um estranho. E quanto a Rex, que poderia seu ex-companheiro de casa ter que também merecesse tanto trabalho da parte do visitante desconhecido?

Foi ao telefone com intenção de se comunicar com Carver, mas então lembrou que o aparelho da delegacia de polícia não funcionava.

Passada a meia-noite, o inspetor Carver se dispunha a fechar o escritório para ir embora, quando Tab entrou, desganhado e contundido.

— Olá! — gritou Carver. — Houve briga?

— Quem brigou foi o outro sujeito — disse Tab. — Carver, vou processar o comerciante que me vendeu os móveis. Diz que as cadeiras são de caroba, e no fim das contas são de pau-ferro...

— Sente-se. Parece um pouco mal da cabeça... — Depois acrescentou depressa: — Teve outra visita do homem misterioso?

Tab fez um gesto afirmativo. — E, o que é mais importante, encontrei-o em casa...— acrescentou com um ar fatal, relatando a seguir o que acontecera no apartamento.

— Vou ver isso, embora não creia que nos seja de muito proveito — disse Carver pausadamente. — Então o homem lhe rasgou todas as fotografias, não é? Isso é interessante...

— Suspeito que ele não simpatize comigo — disse Tab. — Estive tratando de me recordar dos criminosos que incomodei. Não pode ser Harry Bolter, porque este ainda deve estar na cadeia; nem Low Sorki, pois, se não me engano, no cativeiro se converteu à religião e agora está chefiando uma missão num país selvagem. Essas as únicas duas pessoas que expressaram o amável propósito de encurtar minha vida...

— E não se trata de nenhum dos dois. — Carver foi categórico nesse particular. — Diga-me outra vez com exatidão, Tab, o que aconteceu desde o momento em que você abriu a porta até quando perdeu a noção das coisas. Primeiro: fechou a porta do apartamento?

— Sim — disse Tab, surpreso.

— E então entrou no quarto e o outro o golpeou com a cadeira? Não havia luz?

— Absolutamente nada.

— Nem na sala de espera diante da porta do apartamento? — perguntou Carver.

— Nem mesmo ali.

— E o homem correu, passando a seu lado, e saiu? Você se lembra disso muito bem, embora estivesse, suponho, quase sem sentidos...

— Lembro-me de sua saída e da batida da porta.

Carver tomava notas em sua caderneta com aqueles estranhos sinais taquigráficos cuja leitura era possível apenas para ele.

— Agora, Tab, pense bem antes de me responder. Na maleta de Lander não havia alguma coisa, algo referente a seu tio, qualquer documento, algo, enfim, que se relacione, ainda que remotamente, com Trasmere? Porque estou muito seguro de que o objetivo foi esse e que a revista aos quartos foi um pensamento secundário;

isto é provado pela circunstância de que, quando você chegou, o homem se encontrava no seu quarto, pois é evidente que o tinha deixado para o fim.

Tab concentrou o pensamento em Rex e em tudo o que a este pertencia.

— Não — confessou. — Não consigo me lembrar de nada.

Carver fez um gesto de assentimento. — Muito bem! — disse, erguendo-se. — E agora vamos ver aquele caos. Quando se deu o encontro?

— Há coisa de meia hora; talvez pouco mais. — Olhou o relógio da parede. — Sim, mais ou menos uma hora. Tratei de falar com você pelo telefone...

— O aparelho não funcionava; sempre está assim quando a gente precisa de fato dele — disse o fatalista Carver... — Na realidade, se seguisse meu impulso, duplicaria o pessoal da guarda cada vez que o telefone quebra...

Achavam-se à porta da delegacia de polícia e o carro que Carver chamou se aproximava do meio-fio, quando um segundo carro que vinha a grande velocidade se deteve bruscamente na frente deles. De seu interior lançou-se um homem desalinhado, cujo pijama era visível por baixo do casaco. Stott se vestira rápida e descuidadamente, porque pela primeira vez na sua vida não lhe preocupava a aparência...

Quase caiu nos braços de Carver, abrindo e fechando a boca como um peixe fora d'água. Quando conseguiu falar, sua voz era apenas um gemido:

— Lá estão eles outra vez! Lá estão eles outra vez! —terminou, gritando.

John Stott descobrira com regozijo que a associação de seu nome ao caso Trasmere tinha enaltecido, mais do que prejudicado, sua situação dentro da sociedade. Era certo que os jornais não mostravam a esse tempo o menor interesse pelo crime e evidenciavam um irritante esquecimento do papel que coube a ele, Stott, desempenhar e do maravilhoso descobrimento que, para seu bom crédito, tinha feito. Mas o mais importante círculo da opinião pública, a que se reunia Stott diariamente no Toby, para consumir pratos caríssimos e discutir todos os assuntos de interesse geral, aplaudira sem reserva sua decisão de pôr em mãos das autoridades policiais as informações que, até aquele momento, tinham sido mantidas em segredo por uns vinte cavalheiros do comércio, suas esposas, as famílias das esposas, os criados, os criados das famílias de suas esposas, as famílias dos criados, para não falar de amigos pessoais de todos e de cada um daqueles criados, e assim por diante...

— No que me diz respeito, o assunto está terminado — disse um dia Stott no Toby. — A polícia se portou mal. Não me agradeceu: nem a autoridade nem seus representantes.

Certo é que Stott nunca esperou agradecimento; não menos certo é que esperara uma boa condenação e que tremia cada vez que ouvia a campainha da porta, receando que aparecessem os representantes da lei com uma ordem de prisão. Era bem certo também que Elina fora despedida (e voltara no mesmo dia ao trabalho) por ter metido o patrão naquela situação tão pouco invejável. Havia esperado, enfim, a mais severa censura e a condenação de todos aqueles que tinham algo a ver com a administração da justiça; tudo, mas nunca um voto de agradecimento.

— Eu disse a esse moço, Carver... — contou Stott. — E ele, vou contar já que vem ao caso, é um desses cabeçudos sem

imaginação, que fizeram da instituição policial o que ela é. Disse-lhe: "Que não se espere de mim nenhuma outra informação. Se alguém espera, sairá logrado!"

— E que respondeu Carver? — perguntou um dos ouvintes, fascinado.

Stott encolheu os ombros.

— Que podia dizer Carver? — perguntou ele por sua vez, enigmaticamente. E ninguém pareceu animar-se a dar-lhe uma resposta num momento de tal gravidade.

— Na minha opinião — continuou Stott com um tom de voz impressionante —, caso se tivesse encarregado do assunto um homem de negócios, a esta hora já teriam agarrado o assassino pelos fundilhos da calça e já o teriam executado.

Nesse ponto, todos os presentes estavam de pleno acordo. Tinham certeza de que um homem capaz de fazer dinheiro vendendo açúcar, ou de lucrar com a especulação de títulos, necessariamente devia ser o tipo ideal para resolver quaisquer problemas, mesmo os mais obscuros. Era costume deles puxar desesperadamente os cabelos cada vez que a administração cometia um erro; e sabiam que tal coisa não aconteceria sob seu controle direto. Já se aceitava sem discussão que nenhum governo ou departamento de governo podia comparar-se a nenhuma companhia particular em matéria de métodos e organização.

— Eles tiveram a oportunidade e a desprezaram — continuou Stott — quando estavam na casa o chinês e a mulher. Denunciei estes últimos e a polícia os teria preso, se comparecesse a tempo. Na verdade deixaram que fugissem... Repugna-me dizê-lo, mas... a polícia poderia agarrá-los se quisesse...

— Na casa? — perguntou um.

— Não, homem! — explodiu Stott. — No jardim. Em todo caso, lavei as mãos no assunto.

Stott caiu no hábito de lavar as mãos no assunto duas vezes por dia: a primeira durante o almoço e a segunda quando jantava. Naquela noite lavou as mãos diante da plácida esposa, não só no que se relacionava com o caso Trasmere, mas também no que se referia a Elina.

Às onze Stott levantou-se da cama, tomou um banho e meteu-se no pijama. A noite estava quente, opressivamente quente, e a cama não o convidava. Abriu a janela do quarto de dormir e, ocupando a metade de sua reduzida varanda com uma cadeira dobrável, sentou-se nela para gozar a brisa que soprava de quando em quando. Sua digna consorte deitara-se para dormir, como lhe competia fazer. Stott permaneceu um instante contemplando a rua deserta e depois desceu a escada, voltando com a caixa de charutos.

Durante meia hora fumou placidamente, viu os Mander, que chegavam do teatro, e Mr. Trammin, ocupante de uma casa que estava a três portas da sua, regressando ao lar em estado de embriaguez e disposto a brigar com o motorista por causa do preço da corrida. Viu o carro do velho Pursuer, parado na frente do Flemington e, quando já perdia o interesse por esses detalhes e pensava em jogar fora o charuto, avistou dois homens que se aproximavam devagar. Faltou à sua obrigação de identificá-los, e perdera o interesse por seus movimentos, quando notou que se introduziam pelo portão de Mayfield.

Stott ficou alerta instantaneamente. Deviam ser oficiais da polícia... Chegou até ele o som de vozes altas.

— Permita-me dizer-lhe, meu querido amigo, que Wellington Brown é um bom amigo, mas um inimigo perigoso!

Stott quase desmaiou. Wellington Brown! O homem cujo retrato havia sido publicado pelos jornais; o homem que a polícia buscava!

O outro falou algo numa voz que ele não conseguia ouvir.

— Não estou ameaçando — disse a voz estridente de Wellington Brown.

Subiram as escadas até a porta de Mayfield e desapareceram.

Stott levantou-se com os joelhos trêmulos. Chegou ao telefone com muita rapidez. Sabia o número de Carver; falara-lhe várias vezes a propósito do desagradável assunto que tivera com a polícia. A telefonista disse que o operador da delegacia não respondia.

Forte era sua repugnância em auxiliar a polícia no cumprimento de seus deveres; dirigiu-se entretanto para o dormitório, pôs a calça sobre o pijama e abotoou-a com os dedos trêmulos. Não

havia tempo de calçar os sapatos, e foi de chinelos que se lançou para a rua em busca de um carro, olhando para trás a cada instante, com medo dos homens misteriosos que haviam entrado em Mayfield, decerto com a recordação dos próprios crimes no coração.

Depois de um tempo cuja duração não poderia precisar, passou um táxi e Stott entrou nele afobadamente.

— Chefatura de polícia — balbuciou. — Depressa! Dobre o preço se me levar em dez minutos!

Ele sabia que se devia dizer isso sempre em tais casos.

— Eles estão lá outra vez! — exclamou, caindo nos braços de Carver.

— Outra vez onde? — perguntou Carver depressa.

— Mayfield — balbuciou Stott. — Dois homens!

— Entraram dois homens em Mayfield? Quando?

— Não sei quanto tempo faz. Eu os vi. Um era Brown.

— Wellington Brown? Está certo disso?

— Ouvi-o falar — disse o agitado Stott. — Jurarei isso perante a justiça. Eu estava sentado à janela fumando um charuto, de uma caixa que um amigo me presenteou... Decerto os senhores o conhecem...Marrison, da Marrison Gold Corporation...

Mas Carver tinha entrado correndo no departamento para reaparecer poucos instantes depois.

Arrastou Tab para dentro do táxi e deu ao motorista um endereço. — Tive de voltar para apanhar nossa chave e... — disse e tirou algo do bolso, algo que produziu um ruído metálico. — A menos que esse homem não tenha sido vítima de uma alucinação, esta noite vamos ter revelações, Tab.

Olhou para trás pela vidraça do táxi. O outro carro os seguia a certa distância.

— Trago comigo todos os homens disponíveis — falou. — Terão dado carona a Stott? De qualquer modo, ele pode caminhar... — acrescentou com crueldade.

Quando o carro chegou ao portão, Mayfield estava sumida na escuridão. Carver desceu, correu pelo caminho de cimento e subiu depressa a escada, com Tab a seu lado. Focou uma lanterna na fechadura e abriu a porta de par em par, no momento em que se detinha na frente da casa o segundo veículo, do qual saiu meia dúzia de polícias à paisana.

— Oh! — exclamou Carver, pensativo.

Virou-se para dar instruções a seus homens e depois, seguido de Tab, se meteu na casa, desceu os degraus e foi pelo corredor até a porta do porão, que achou às escuras e fechada a chave. Carver

procurou nervosamente no bolso a chave duplicata que Walters fizera e por fim pôde abrir a porta. Um golpe de seu polegar e o local ficou iluminado.

Deteve-se na porta olhando. Wellington Brown jazia de carro no centro do quarto, banhado em sangue. Sobre a mesa, em no centro, havia uma chave do porão. Carver apanhou-a. Não havia dúvida; a chave tinha a relha manchada de sangue, e o detetive, pálido, olhou para o companheiro.

— Bem, que acha disso, Tab? — perguntou com voz débil.

Tab não respondeu. Estava de pé perto da porta, do lado de dentro, e entre seus pés viu algo que o deixou sem fala. Inclinou-se e devagar apanhou o objeto, exibindo-o logo na mão.

— Outro alfinete novo! — disse o detetive refletindo. — Dessa vez, do lado de dentro.

A minuciosa busca pela casa não permitiu descobrir o segundo homem. Devia ter fugido imediatamente antes de chegar a polícia, pois ainda flutuava no teto abobadado a fumaça do disparo de arma de fogo. Quando chegou o médico e o corpo foi retirado, Tab disse, expondo seu pensamento:

— Carver, fiz uma verdadeira tolice — disse com calma. — Teríamos previsto isso... se eu tivesse me lembrado.

— O quê? — interrogou Carver, afastando pensamentos que, a julgar pela expressão do rosto, não deviam ser muito agradáveis.

— Esta chave estava na maleta de Rex. Agora lembro que ele disse que a deixaria ali antes de partir.

Carver fez um gesto de assentimento. — Compreendo. Seguramente ambos chegamos a essa conclusão ao ver a chave na mesa. Ele foi lá da primeira vez por causa da chave e o inquilino de baixo o incomodou em seu trabalho, razão pela qual teve de ir embora, antes de encontrá-la. Ontem, a necessidade era urgente; aproveitou a oportunidade, obteve a chave e... Como pôde ficar em cima da mesa? A porta fechada de ambos os lados, e, entretanto, chave aqui... e o alfinete novo... — E acrescentou em voz, baixa: — O segundo alfinete novo...

Levantou e espreguiçou-se, como costumava fazer. Pôs-se a caminhar de um lado para o outro, pelo antigo escritório do velho

Trasmere.

— Nenhuma arma, nada mais do que o corpo... e o alfinete novo. Isso livra o amigo Walters, claro; depois desse segundo crime não restam dúvidas a respeito dele; podemos detê-lo como ladrão, de acordo com sua própria confissão; nada mais. Tab, vou descer ao porão, mas não me acompanhe. Há uma ou duas coisas que devo examinar.

Ficou lá uma meia hora. Tab, cuja cabeça latejava, alegrou-se ao vê-lo regressar.

Carver nada disse. Desceram ao hall, onde estava sentado um agente de polícia.

— Ninguém deve entrar nesta casa, a menos que venha em minha companhia — disse o detetive.

Acompanhou Tab até Doughty Street e subiu para ver o dano causado pelo desconhecido. Mas não se interessou tanto pelas malas de Rex quanto pelas fotos rasgadas. Aproximou-as da luz.

— Nenhuma impressão digital; usava luvas, é claro. Preciso ver se... ah! Aqui está! — Juntou os pedaços de uma mesma foto; sobre o resto se via riscada uma tosca cruz negra.

— Sim, eu esperava... Se eu fosse você, Tab, nesta noite poria a tranca na porta. Não é que pretenda alarmá-lo, mas acho meu dever preveni-lo. O homem de negro não se deterá diante de nada. Tem revólver?

Tab meneou a cabeça.

Carver tirou do bolso uma automática, deixando-a na mesa. — Use minha pistola — disse — e siga meu conselho desinteressado. Faça fogo sem pena sobre qualquer pessoa que encontrar nesta noite, neste apartamento.

— Está brincando?

— É melhor brincar... que morrer — disse o detetive.

E saiu, deixando o repórter intrigadíssimo.

O ruído das grandes máquinas chegava até o escritório de Tab, onde este se encontrava trabalhando. Todas elas imprimiam a história do mistério de Mayfield, fazendo vibrar o edifício. Folha por folha, o relato do jovem era levado para a sala das linotipos. Dali a pouco, as rotativas se deteriam e a última edição seria preparada.

Terminou por fim, arrancou a folha final do rolo da máquina e atirou-se para trás na cadeira.

Não dera a mínima importância à advertência do detetive. Estava perfeitamente satisfeito com sua crença de que o ladrão fora a sua casa em busca da chave. A ameaça não era contra ele, mas contra Rex. E em que consistia essa ameaça?, pensava. O velho tinha outros parentes que se sentiram prejudicados quando a herança passou totalmente às mãos de Babe. Ele estava certo de que a busca entre seus objetos obedecera ao desejo de achar algo que se relacionasse com Rex. Quanto a suas fotografias rasgadas..., terminou por pensar em voz alta:

— Jamais gostei desses postais!

— Que postais? — perguntou um repórter solitário que se achava por ali.

— Estava dando voz a meus pensamentos e uma amostra do estado de minha cabeça — disse Tab politicamente.

O repórter de plantão fez uma careta: — Você é um bicho de sorte — disse — para estar em todos esses casos. Há cinco anos que trabalho nesse jornal e o assunto mais excitante que tive foi o de uma chantagem que se manteve em segredo até que chegou à justiça. Que desenho é esse?

— Estou tratando de fazer uma planta do porão e do corredor — disse Tab. — O corpo foi encontrado exatamente no mesmo lugar? — perguntou o repórter, interessado.

— Mais ou menos — respondeu Tab. — E a chave?

Tab fez um sinal afirmativo.

— Há alguma janela no porão?

Holland meneou a cabeça. — Mesmo que o criminoso fosse uma pulga, não poderia entrar sem abrir a porta.

Enquanto dizia isso, entrou o chefe. Raramente visitava a sala dos repórteres e mais raramente ainda se achava na redação depois das onze da noite. Mas haviam lhe comunicado por telefone a notícia do crime, de sorte que resolvera voltar ao jornal. Era um homem vigoroso, de cabelos grisalhos. Nos escritórios do Megafone fazia as vezes de padre reitor e de padre confessor.

— Holland, venha a meu escritório — disse. Tab obedeceu docilmente. — Parece que o crime de Trasmere se repetiu em todos os detalhes — começou. — Vocês descobriram onde esteve o tal Brown?

— Soube que esteve em uma casa de fumantes de ópio — informou Tab. — Yeh Ling...

— O proprietário do Teto de Ouro?

— Esse é o homem. Ele nos insinuou que Brown devia ter estado ali. Era um opiômano notório.

— Dizem que na casa entraram juntos dois homens. Ninguém viu o outro?

— Ninguém, exceto Stott — disse Tab —, tão assustado que não pôde nos descrever nenhum dos sujeitos. Certamente ninguém viu o outro sair; quando chegamos, já tinha ido embora.

— E a chave na mesa? O que significa isso?

Tab fez um gesto de desespero.

— É claro que sei o que significa — falou o chefe pensativamente. — Essa é a defesa do criminoso, preparada com engenho diabólico. Observo que — prosseguiu ele ao ver que o outro resistia a semelhante teoria —, antes de poder acusar o homem que matou Trasmere, e que talvez matou também Brown, vocês devem provar que lhe foi possível entrar no porão, sair e fechá-lo a chave, e tornar a pôr esta sobre a mesa... E isso justamente é o que não poderão demonstrar.

Apresentava-se a Tab a nova probabilidade de que o assassino tivesse premeditado aquilo. Considerara o aparecimento da chave como um alarde de fantástica superioridade por parte do criminoso,

uma bravata, e não um gesto ditado pela intenção de salvar o próprio pescoço em caso de ser detido.

— Carver disse... — começou o repórter.

— Eu conheço a teoria de Carver — interrompeu o chefe. — Ele acha que o criminoso cometeu um erro na primeira vez e tentou deixar o revólver dentro, com a ideia de fazer crer que Trasmere se havia suicidado. Nesse caso seria muito mais hábil do que feri-lo pelas costas. Não, não pode ser. Ontem estive discutindo o assunto com um advogado e ele concordou comigo. O criminoso que matou esses dois infelizes se propôs evitar que ficasse qualquer prova contra ele. E não haverá mesmo provas até que vocês possam explicar como a chave voltou à mesa depois que o ferrolho foi puxado do lado de fora. Agora, Holland — ao dizer isto, a atitude do chefe era muito séria —, este crime dará um trabalho terrível, e alguém se verá muito prejudicado, a menos que o assassino seja preso. Esse alguém será seu amigo Carver. Simpatizo com Carver — prosseguiu —, mas suspeito que os outros o deixarão muito para trás, se ele continuar a expor teorias, apenas teorias. E você também está metido no assunto — acrescentou, tocando Tab no peito com o dedo indicador —, metido dos pés à cabeça. De meu ponto de vista, você deve demonstrar à polícia o ponto exato em que ela se acha equivocada, e tens para isso uma oportunidade excepcional. Não me proponho dizer que lhe acontecerá isto ou aquilo se tirar o corpo fora. E de maneira alguma você é homem que mereça tais ameaças. Mas devemos esclarecer esse crime, Holland.

— Eu o conseguirei, senhor.

— E esclarecerá — disse o diretor — quando tiver descoberto como a chave pôde voltar para cima da mesa. Não esqueça isso, Holland. Tome nota! Dê trabalho a esse jovem cérebro e traga-me a solução desse mistério, que todos os outros ficarão esclarecidos.



Tab soube que Carver estava ainda em Mayfield; tinha ido lá depois de inspecionar o quarto de Doughty Street visitado pelo ladrão. Tab se dirigiu para a casa do crime e, como esperava, verificou que o inspetor Carver não completara a investigação de maneira alguma.

— Os alfinetes são diferentes — foram suas primeiras palavras.

Os brilhantes e pequenos objetos foram colocados na mesa diante dele, e Tab de um relance percebeu que um era mais curto que o outro.

— Agora pergunto se nosso amigo terá percebido que os esqueceu — disse Carver. — Creio que nesta ocasião, sim, mas provavelmente não o percebeu quando do primeiro crime. De todo modo, o que é um alfinete a mais ou a menos? — falou em tom pilhérico. — Vamos ao porão, Tab.

Quando Tab desceu, a porta da caixa-forte estava aberta e a luz acesa. Olhou no chão a segunda mancha e, apesar de seu sangue-frio, estremeceu. — Não se encontrou arma alguma... Nem mesmo quis simular suicídio.

Tab lhe contou a seguir a opinião de seu chefe acerca do caso, e Carver escutou com respeitosa atenção e crescente interesse.

— Isso nunca me ocorreu — disse —, embora seja quase impossível mandar para a prisão um homem em tais condições, mesmo que o tivéssemos encontrado no corredor com um revólver fumegante nas mãos.

— Nesse caso — disse Tab —, nunca poderemos pegá-lo.

Carver ficou em silêncio. — Não quero levantar tal hipótese — falou por fim —, mas é certo que o assunto será dos mais difíceis. Não há impressões digitais — disse, quando Tab olhava atentamente uma das polidas gavetas negras que estava fora do lugar. — Nosso misterioso homem de negro usava luvas. De qualquer maneira, terei na casa da guarda um oficial durante um ou dois dias, para saber se o assassino regressa... coisa que não espero.

Apagou a luz e fechou a chave a porta do porão, voltando ao gabinete superior.

— Isso demonstra a inocência de Felling. Creio que já disse antes — prosseguiu o detetive. — Evidentemente assim acontece, porque ele no dia do crime se achava preso. Por acaso — acrescentou com uma careta —, isso demonstra a inocência de Brown. Enfim, Tab, as únicas duas pessoas que parecem metidas nisso somos você e eu...

— Também já pensei nisso — falou Tab com um sorriso.



Naquela manhã, ao se levantar, o repórter encontrou na sua caixa de correspondência um volumoso envelope. Não tinha selo e fora levado pessoalmente; reconhecendo a letra de Rex, abriu o envelope com uma exclamação de surpresa: estava datado do Hotel Vila, Palermo. Leu:

Querido Tab: Estou cansado de viajar e regresso ao lar. Formosos dias, os de Doughty Street! O correio daqui é muito irregular, e acabo de ouvir terríveis histórias dos roubos que se fazem nas repartições postais da Itália, assim é que peço a um dos camareiros do Paraka, o barco que me trouxe a Nápoles e *zarpa hoje daqui, que entregue esta por mim, com o que vai incluso, que é de algum valor. Obtive-o em sina loja de Roma, e sabendo que você se interessa por crimes e criminosos, estou certo de que o apreciará. É um anel de escaravelho. ex-propriidade autêntica de César Bórgia. Realmente, tenho certeza de que sua mão...*

Tab interrompeu a leitura e pegou o anel, que tinha caído do envelope. Examinou-o com curiosidade, vendo que era pequeno demais, mesmo para seu dedo mínimo. Mas se tratava de uma bela peça de joalheria, com a figura do inseto talhada em sólida turquesa. A carta continuava:

Não dê gorjeta ao portador porque já o faço eu como um Creso, dando-lhe dinheiro bastante para que ande direito toda a sua vida. Não tenho a menor ideia do que vou fazer quando estiver de volta, mas do que estou certo é de que não irei ao antro do tio Jesse; e como não quer ter-me com você, provavelmente me instalarei com todo o luxo no melhor hotel da cidade. Perdoe que não lhe tenha escrito antes, mas os prazeres são uma grande ocupação.

Rex.

Havia um pós-escrito:

Se o vapor chegar aqui na quarta-feira (não há segurança), penso estar em Londres muito breve. Se não receber notícias minhas é porque mudei de ideia. Em Palermo há garotas estonteantes.

Com um sorriso irônico, Tab deixou a carta e o presente sobre a escrivaninha e pôs-se a pensar se seria conveniente para Rex voltar a Doughty Street. Às vezes achava isso sem importância alguma. Aparentemente ele se havia curado de sua pretensão com respeito a Ursula, pois as referências às encantadoras garotas de Palermo não podiam vir de um coração despedaçado.

Tab combinara com Ursula tomarem chá juntos naquela tarde, mas não sabia com certeza se podia cumprir esse compromisso. O segundo caso estava absorvendo todo seu tempo e já começava a lamentar-se do segredo que prometera observar em seus trabalhos.

Quando viu Carver, falou-lhe com franqueza sobre esse ponto. Carver concordou com ele.

— Agora não há razão para que não possa falar de tudo isso... de tudo, Tab... de tudo, menos dos alfinetes —terminou.

Tab estava encantado. Até então não pudera publicar mais do que vagas notícias, e o levantamento da proibição lhe simplificava muito o trabalho; isso lhe deu tempo para ver Ursula.

— Pobrezinho, tão trabalhador! Parece que não dormiu durante uma semana... — disse ela.

— E é verdade — replicou Tab tristemente —, mas, se eu bocejar quando estiver com a senhora, dê-me uma xícara de café.

— Naturalmente, está trabalhando no novo crime... —disse ela.
— Espantoso! Brown é o pobre homem que procuravam, não é verdade? Não é aquele de quem Yeh Ling falava?

Tab fez um sinal afirmativo. — Pobre homem! — repetiu ela com suavidade. — Ele também era da China? Eu me lembro. E os senhores capturaram Walters. Nunca pensei que Walters fosse o culpado; esse homem não me agrada. Vi-o uma vez e instintivamente senti repulsa por ele, ainda que nunca tivesse acreditado que ele fosse o assassino de Trasmere.

Depressa mudou de assunto.

— Recebi uma oferta para regressar ao palco, mas claro que não o farei — disse. — Pergunto-me se o senhor acreditará que detesto o teatro. Na realidade, ele está cheio das mais tristes recordações para mim.

Repentinamente Tab teve um pensamento: — Nesta manhã recebi notícias de Rex — disse. — Em breve estará de volta. Não soube nada dele?

Ela mexeu a cabeça e seus olhos tornaram-se graves. — Não, desde que me escreveu aquela carta. Estou preocupada.

— Eu não ficaria, no seu caso — sorriu o repórter. —Creio que Rex se restabeleceu totalmente. Além disso, é prerrogativa da juventude enamorar-se das atrizes bonitas.

— Falando como homem maduro...— disse ela. — O senhor nunca é tão divertido como quando se mostra paternal. Será que se esquivou à experiência?

— Enamorar-me de atrizes? — perguntou Tab. — Sim, até certo ponto.

— E que ponto é esse?

— Bem. *Ponto* não expressa tudo o que quero dizer — explicou o rapaz com muito cuidado. — Poderia ter dito *até certa data*.

Os olhos de Ursula buscaram os dele e depois se desviaram. Afinal, ela disse:

— O que Rex se propõe fazer da vida? Nunca pensei que Mr. Trasmere lhe deixasse algo. Ele costumava queixar-se a mim da despreocupação de Mr. Lander. É estranho que seu amigo tenha herdado por direito de parentesco. Era o parente mais próximo de Mr. Trasmere, não é verdade?

— Creio que sim — disse Tab —, mas o estimado velho tinha feito um testamento, escrito de próprio punho, no qual declarava deixar tudo a Rex.

Ele ouviu o estalido da xícara no solo e olhou os cacos stupidamente, só então compreendendo que a deixara cair ao observar a atitude de Ursula, pois esta se havia erguido, pálida como a morte, os olhos fitos nele.

— Repita isso! — pediu ela com voz rouca.

— O quê? — interrogou Tab, confuso. — Que Rex herdou tudo? A senhora sabia...

A moça ficou com os lábios apertados, e depois:

— Oh! Meu Deus! — murmurou. — Oh! Meu Deus, que horrível!

Num segundo, o repórter se pôs ao lado da companheira, enlaçando-a pela cintura.

— Que se passa, Ursula? — perguntou ansiosamente. — Está se sentindo mal?

Ela mexeu a cabeça. — Não; sofri uma comoção. Acabo de me lembrar de algo...

A jovem se dominou logo e correu para fora da sala, deixando Tab presa de múltiplas emoções. Esperou a volta da artista durante um quarto de hora. Viu-a depois reaparecer pálida, mas já calma, e suas primeiras palavras foram de desculpas:

— A verdade é que — disse ela com um sorriso — estou com os nervos abalados.

— Será que minhas palavras a perturbaram?

— Não sei... o senhor falava acerca do testamento... e isso me perturbou — confessou ela apressadamente.

— Ursula, não está dizendo a verdade... por acaso disse eu algo que a horrorizasse? O que foi?

A jovem fez um gesto negativo.

— Estou lhe dizendo a verdade, Tab.

Sua aflição permitia-lhe tratar o rapaz por você. Mas reconsiderou em seguida.

— Creio que não devo tratá-lo por você, por Tab —proseguiu com alguma incoerência —, mas nós, artistas, somos mulheres atrevidas... Suponho que o senhor, com sua vasta experiência, deva saber disso. Venha ver-me amanhã... Tab.

O repórter tomou a mão da moça e beijou-a, sentindo-se tonto, imaterial.

— É unia amabilidade que agradeço — disse ela gentilmente. Tab saiu cheio de uma felicidade indizível.

Ao lado esquerdo da porta vermelha, na nova casa de Yeh Ling, via-se um pequeno letreiro sobre os ladrilhos, com aquelas palavras que para o velho chinês representavam o princípio e o fim da mais piedosa filosofia: Kuang tsung yu toa, que poderíamos traduzir por "Que seus atos reflitam glória sobre seus antepassados".

Agora estava sentado em um dos largos e baixos degraus que conduziam de terraço a terraço, observando o primitivo sistema pelo qual seu engenheiro obtinha o molde do segundo pilar de cimento; perto do lugar havia uma quantidade de cubas desmesuradamente grandes. Ao longo delas corria um canal em forma de grosso tudo, e a primeira seção do pilar estava já no lugar indicado. Sobre um andaime oscilante via-se uma grande tina de madeira ligada ao tubo por uma calha inclinada. Durante todo o dia e por uma sucessão de baldes que correspondiam a uma roda, movida a mão do alto da plataforma, o conteúdo se derramava dentro do tubo.

— Primitivo — murmurou Yeh Ling, mas de certo modo lhe agradavam as coisas e os métodos primitivos.

Pela calha deslizava um cimento semilíquido. Os dois infatigáveis operários, à força de pá e pequenos golpes, faziam afluir o cimento para dentro do tubo. Depois, ao primeiro molde se seguiria um segundo, e o pilar ficaria ereto. Então, quando o cimento tivesse endurecido, as junções seriam reenchidas, os tubos retirados, e a tosca superfície do Pilar das Gratas Memórias suavizada e polida. Yeh Ling olhou o frágil andaime que suportava o alto tanque e a estreita plataforma, e ficou admirado ante a quantidade de leis sobre construção que ele estava violando. O segundo tubo já estava cheio de cimento, e um terceiro e um quarto eram colocados naquele momento.

De seu lugar, nos degraus, divisava todos esses detalhes, com um charuto preso entre os dentes. Viu como os trabalhadores

desciam pela escada presa aos novos tubos, olhou o sol e abandonou a posição ,m que se encontrava. Um chinês de blusa azul veio correndo para ele, sem cessar de agitar ridiculamente o leque.

— Yeh Ling, devemos esperar quatro dias para que o cimento endureça. Amanhã reforçarei o muro do terraço.

— Está bem — disse Yeh Ling.

— Creio que o senhor se equivocou — disse o construtor sublinhando as palavras com movimentos de cabeça. — Parece-me que se gasta muito dinheiro. Quem não se ofende quando se lhe dá ciência de um equívoco é um homem superior.

— Quem teme corrigir uma falta não é homem de bem — replicou Yeh Ling, devolvendo, uma por outra, a sentença de Confúcio.

No caminho se achava um pequeno carro preto, excelente e ruidosa amostra da fabricação em série. Para ele se dirigiu Yeh Ling. Ali ficou imóvel longo tempo, sentado ao volante com a mente perdida em divagações. Em determinado momento dirigiu o olhar para o pilar e desde então seus pensamentos se voltaram apenas para ele.

Anoitecia já e por fim o chinês pisou o acelerador, desaparecendo entre as sombras, ao ronco do veículo.

Deixou o carro na frente da porta lateral do restaurante e entrou.

— A senhora está no número 6 — disse o criado. — Ela deseja vê-lo.

Yeh Ling não tinha necessidade de perguntar qual era a senhora. Somente uma tinha o direito de entrar no número 6. Foi direto para onde ela se encontrava, coberto de pó como estava, e encontrou Ursula Ardfern sentada na frente de uma refeição intacta.

Estava muito pálida e em seus olhos se adivinhava uma sombra.

Quando o chinês entrou, a jovem lhe dirigiu um olhar rápido.

— Yeh Ling, leu todos os papéis que achamos na casa? — perguntou.

— Alguns deles — respondeu o chinês prudentemente.

— Na outra noite disse que os havia lido todos — falou ela em tom de censura. — E então não me dizia a verdade!

O homem fez um gesto afirmativo.

— Há tantos... — desculpou-se — e alguns tão difíceis. Senhora, não viu quantos havia?

— Há algum referente a mim? — interrogou ela.

— Sim, há referências — disse Yeh Ling. — Muitos dos escritos têm caráter de um diário... e é tão difícil desenredar coisa por coisa...

A jovem percebeu que ele fugia a uma resposta concreta.

— Existe alguma referência a meu pai ou a minha mãe? — interrogou abertamente.

— Não — disse ele, e seus olhos fugiam aos de Ursula.

— Você não está dizendo a verdade, Yeh Ling — disse ela em voz baixa. — Parece-lhe que, se falar... se eu ficar sabendo de tudo, irei me lamentar... Não é verdade? Você mente para não me mortificar...

Ele não demonstrou embaraço.

— Senhora, como posso dizer o que há nos papéis que não li? Naqueles escritos as revelações estão de tal modo confundidas umas com as outras que não é possível desemaranhá-las. Não a engano. Shi Sho escreveu a respeito da senhora. Disse que era a única pessoa no mundo em quem confiava.

— Eu? Mas...

— Escreveu outras coisas... Estou aturdido. Não é assunto tão simples para falar dele com certeza. Algum dia lhe darei uma tradução de tudo. Conheço tudo isso, mas não compreendo exatamente... o que se deve fazer. Nós, os chineses, temos termos vagos. Literalmente significam uma coisa e logo depois outra. Devo muito a Shi Sho, Trasmere, e... como lhe poderei pagar? Ele foi um homem duro, mas nossos contratos foram mais do que papel escrito. Uma vez eu disse que por ele me deixaria matar. Essa é minha dificuldade, uma promessa que agora...

Aqui a emoção foi tanta que seu inglês falhou. Ursula viu a tristeza daquele rosto, as veias intumescidas, e alarmou-se.

— Terei paciência, Yeh Ling — disse com suavidade. — Sei que você é meu amigo.

Estendeu a mão ao homem, mas, recordando algo, retirou-a subitamente, apertando ela mesma uma contra a outra e soltando uma deliciosa e cristalina gargalhada.

Yeh Ling sorriu.

— Um bárbaro costume — disse ele amargamente —, mas, do ponto de vista higiênico, muito sábio. A senhora me perdoa, Miss Ardfern?

— Está claro que sim — concordou ela. — E agora, para falar a verdade, estou sentindo fome. Quer enviar-me alguma comida quente? Essa está fria.

Antes que a moça tivesse terminado o pedido, Yeh Ling já estava fora da sala.

Yeh Ling não apareceu quando ela saía.

Ursula achou que ia encontrá-lo, mas o chinês a esperava fora, semiculto, e, quando a jovem dobrou a esquina, ele julgou que passara despercebido.

Rex estava de volta! Um telegrama precedeu-o apenas de meia hora. Fortes golpes na porta e reiterados toques de campainha foram suficientes para Tab identificar o visitante impaciente, muito antes que este atravessasse o umbral e lhe apertasse com força a mão.

— Sim, estou de regresso — disse Rex afetuosamente, atirando-se sobre uma cadeira e sem parar de abanar-se com o chapéu. Parecia um pouco mais magro, as faces algo sumidas, mas tinha ainda a cor da saúde; brilhavam-lhe os olhos..

— Terá de recolher-me, meu velho — continuou dizendo. — Eu lhe direi simplesmente que não vou para o hotel enquanto houver uma cama disponível em sua casa; e, além disso, devo dizer-lhe algo a respeito de meus planos para o futuro.

— Antes de começar a sonhar — disse Tab —, vamos nos ater à mísera realidade. Você foi roubado, companheiro.

— Roubado? — exclamou Rex com ar de incredulidade. — Que quer dizer, Tab? Não deixei nada que pudesse ser roubado...

— Deixou um par de malas que foram inteira e cientificamente examinadas por alguém que tem contra você um velho rancor...

— Bom Deus! — disse Rex. — Encontraram a chave? Só ao desembarcar fiquei sabendo do segundo crime.

— Você tinha a chave na valise?

Rex fez um gesto afirmativo. — Deixei-a numa caixa; uma caixinha de madeira com tampa corrediça. Agora me recordo de que deixei duas caixas dessas, uma em cada valise.

— Esse foi o objetivo da visita. O que é difícil explicar é por que o tal ladrão me deu uma bordoadada. Pobre de mim!

Então o repórter contou a Rex Lander o que lhe acontecera por ocasião da segunda visita e ele escutou tudo atento e fascinado.

— Já perdi toda a minha alegria; deixei-a no estrangeiro... — queixou-se. — Então a vítima foi o pobre Brown, hein? E eu pensava

que ele era o criminoso. E Carver... que disse a respeito disso?

— Carver se mantém misterioso — disse Tab.

Rex mergulhou num mar de pensamentos.

— Vou mandar emparedar o porão — disse. — Já pensei nisso no navio. De qualquer maneira, não creio que alguém se interesse por esse funesto lugar; terei de conservá-lo durante anos. Mas farei o possível para que a tragédia número dois não seja seguida pela tragédia número três.

— Por que não mandar remover a porta? — sugeriu Tab.

Rex meneou a cabeça.

— Não quero converter a casa em exposição pública — disse com calma. — Além do mais, algum dia pode ser bem vendida. Mas minha vontade mesmo é demolir a casa e depois reconstruí-la; arrancar até os alicerces e levantar uma construção, totalmente nova. Mas não sei se ainda assim me decidirei a ir morar lá. O sangue do pobre velho surgiria do solo! Haveríamos de achá-lo por toda parte. Há uma maldição sobre aquela casa — continuou Rex num tom solene. — É como se nela andasse um espírito maligno que induz a cometer crimes tremendos...

Tab o contemplava, aterrado.

— Babe — disse o repórter —, você voltou poeta. Suspeito que se deva isso ao ar da Itália.

Rex ficou vermelho. — Aquela casa me preocupa muito — disse laconicamente.

E Tab viu que lhe havia ferido os sentimentos; mas a mortificação não durou muito tempo. Falou de sua viagem, das coisas interessantes que tinha visto, e depois acrescentou:

— Recebeu meu anel?

— Sim, Rex, obrigado; é uma beleza — falou Tab. — Parece ter custado um bom dinheiro.

— Não custou tanto — respondeu o outro descuidadamente. — Hoje em dia estou rico o bastante para não me preocupar com essas coisas. Mas às vezes me horrorizo...

Terminaram por discutir o domicílio do próprio Rex, e Tab persuadiu-o a se instalar num hotel. Para isso tinha uma razão: conhecendo a preguiça inata de seu antigo companheiro,

suspeitava que, uma vez no velho apartamento, ele não se mudaria mais dali. Então o viajante começou a indagar com grande interesse coisas relativas ao segundo assassinato, fazendo ao amigo inumeráveis perguntas.

— Sim, vou mesmo emparedar aquele lugar. Porei o assunto logo nas mãos dos construtores — disse.

— E como decidiu me colocar no olho da rua, espero que vá comer comigo frequentemente.

No dia seguinte mandou buscar sua bagagem e comunicou-se com Carver. Tab se inteirou mais tarde de que, sob a direção pessoal de Rex, haviam sido retirados todos os objetos da casa, e que se faziam preparativos para isolar a câmara sinistra.

O novo milionário tomou a seu cargo um trabalho inesperado, que lhe agradava. Carver contou a Tab, quando voltaram a encontrar-se, que Rex frequentava o escritório dos construtores, fazendo desenhar planos para uma nova casa, e que ele mesmo intervinha com entusiasmo nos mistérios do ladrilhamento e da preparação da argamassa.

— Na realidade — disse Tab —, o pobre Rex está complicando a vida. Ele costumava ter esses arroubos. Há coisa de três anos decidiu, em defesa dos interesses do tio, converter-se em um grande repórter policial e demorou-se tanto na biblioteca do Megafone que o chefe de reportagem terminou por dar murros no ar, de raiva. Cada vez que acontecia precisar de um livro, Rex estava lá; cada vez que precisava remexer em algum crime velho e esquecido, lá surgia Rex, em meio de um verdadeiro caos de papéis. Essa febre terminará dentro de exatamente três semanas.

Tab não viu Ursula durante uma semana; escreveu-lhe uma vez porque estava um tanto preocupado, mas recebeu da amiga uma mensagem tranquilizadora, procedente de Stone Cottage:

Estou aqui de volta e me entrincheirei contra todos os misteriosos homens de negro, provida de um criado velho mas ativo, que serviu no exército e está habituado ao uso de toda espécie de armas. Estão abrindo as últimas flores, que são uma glória. Não quer vir vê-las? E o Templo da Paz de Yeh Ling está

sendo coberto de telhas vermelhas muito brilhantes. Os aldeões estão começando a respirar livremente outra vez diante da perspectiva de que a vizinhança ficará livre dos trabalhadores "fabricantes" de poeira.

Ontem fui lá e encontrei Yeh Ling quietinho e melancólico, olhando os toques finais de uma coisa que parece ser uma grande barrica. Percebi, entretanto, que se trata do molde em que será feito o segundo dos grandes pilares, o Pilar da Grata Recordação, ou coisa que o valha, e será dedicado... a mim.

Sinto-me invadida de emoção. É difícil crer que Yeh Ling tenha recordado durante estes últimos anos o insignificante serviço que prestei ao filho. E não é mesmo sumamente curioso que em todos estes anos, apesar de me encontrar com ele tantas vezes, porque eu costumava jantar em seu restaurante (nesta semana comi lá), não é curioso, repito, que ele não tenha feito uma só referência àqueles velhos dias?

Estou aprendendo a atirar. Perdoe-me essa inconseqüência, mas meu instrutor é muito exigente, e todos os dias pratico no campo que há atrás da casa. As pessoas em geral não sabem como é pesado manejar um revólver; só percebem isso depois de apertar o gatilho! E que estouro desconcertante! O primeiro dia em que pratiquei quase me mato; mas agora estou inteiramente acostumada a essas armas, e Turner diz que ainda terei uma grande pontaria.

Se você vier, não lhe faltarão distrações. Pessoalmente eu teria preferido que Turner me desse lições de tiro com arco e flecha; é muito mais gracioso e feminino. Cada vez que a pistola faz um disparo (é uma automática), me enegrece as mãos horrivelmente... e é uma pena.

Antes de tomar o caminho de Hertford, Tab leu a carta toda várias vezes. Deteve-se para admirar o monumento que a prosperidade de Yeh Ling lhe permitia erigir. As raras linhas da casa e o encantador lugar em que ela se erguia, pois o jardim já tinha tomado forma, e o imponente obelisco formavam um quadro notável.

Os operários não se haviam retirado ainda, e naquele momento Tab viu Yeh Ling descendo os degraus do terraço mais alto.

Era aceitável que não o reconhecesse logo, porque o chinês vestia blusa azul e uma calça larga, como seus trabalhadores; mas Yeh Ling tinha visto o jovem, e foi direto para onde este se achava.

— Quase no fim — falou Tab, com um afetuoso sorriso. — Felicito-o, Yeh Ling.

— O senhor acha que isto é bonito? — disse Yeh Ling. — Consegui o melhor construtor da China e por certo que não regateei preço. Sem dúvida, algum dia o senhor há de entrar para ver o interior.

— O que os homens estão fazendo agora? — perguntou Tab.

— Em poucos dias terão terminado o segundo pilar — disse Yeh Ling — e então a obra estará concluída. Acredita que tenho o coração de um bárbaro? — Yeh Ling sorria raramente, mas agora seus pálidos lábios se pregueavam. — E pensará que estes pilares são uma prova?

— Não posso dizer tal coisa... — começou Tab.

— Porque o senhor é muito político, Mr. Holland — continuou Yeh Ling —, mas nós, conto vê, olhamos as coisas de um ponto de vista diferente. Penso que os campanários de suas igrejas são ridículos! Por que as reverências que os senhores fazem precisam rodear-se de tanta pedra superposta?

Procurou na blusa e tirou dela uma cigareira de ouro, oferecendo-a a Tab. Depois pegou um cigarro e aspirou largamente antes de lançar para o ar uma baforada de fumo azul.

— Meu Pilar das Gratas Memórias terá um significado muito maior que o dos campanários dos senhores — disse — e maior do que todos os vitrais que os adornam. É para mim o que para os senhores são as cruzes de guerra; um símbolo visível, verdadeiramente visível, de sentimentos intangíveis.

— É taoista? — perguntou Tab, interessado.

Yeh Ling encolheu os ombros. — Sou um crente em Deus... — replicou —, o Deus "x", sob qualquer denominação. As igrejas e as seitas, as religiões de toda espécie, são monopólios. Deus é como a água que surge das montanhas e forma os arroios e os rios. Lá vão

os homens recolher a água em garrafas, alguns em detestáveis garrafas, outros em belas garrafas, e depois as vendem dizendo: "Somente esta água aplacará sua sede". Mas frequentemente acontece que perderam já todas as suas boas propriedades. O senhor pode beber melhor no côncavo das mãos, ajoelhado junto do arroio. Aqui se engarrafa sem reparar em absoluto no conteúdo, mas com meticoloso cuidado quanto à forma do recipiente! Sempre vou ao arroio.

— Você é uma personagem incomum! — disse Tab, olhando para o interlocutor com curiosidade.

Yeh Ling não respondeu e, depois de uma pausa, fez uma pergunta: — Há alguma novidade referente ao assassinato de Brown?

— Não — disse Tab. — Por onde andava ele?

— Esteve numa casa de ópio — respondeu Yeh Ling sem vacilação. — Mantive-o lá a pedido de meu patrão, Mr. Trasmere. O homem tinha vindo incomodá-lo e Trasmere me pediu que o vigiasse e evitasse que ele lhe desse algum desgosto. Ao que parecia, Brown tomou algumas bebedeiras, depois recobrou os sentidos e, como acontece às vezes com esses fumadores de ópio, sentiu repugnância pela droga. É provável que ele tenha se restabelecido de forma repentina porque foi embora antes que eu pudesse detê-lo e também antes que o homem que o guardava pudesse me avisar. Procurei-o com empenho, mas ele já havia desaparecido. Não ouvi nada mais a seu respeito a não ser no dia em que soube de sua morte pelos jornais.

Tab ficou pensativo. — Ele tinha algum amigo? Você o conheceu na China?

Yeh Ling fez um gesto afirmativo.

— Havia alguém que tivesse alguma queixa séria contra ele... ou contra Trasmere?

— Muitos... — disse o outro. — Eu, por exemplo, não gostava de Brown.

— Mas além de você?

Yeh Ling meneou a cabeça.

— Então não tem a menor ideia de quem possa ter cometido o crime?

O inescrutável olhar do chinês pousou outra vez sobre o repórter.

— Tenho uma ideia — disse com firmeza. — Conheço o assassino e seria capaz de pôr-lhe a mão sem a menor dificuldade...

Tab teve um sobressalto.

— O senhor não está brincando?

— Não brinco — replicou Yeh Ling com toda a calma. — Repito que conheço o criminoso. Esteve a meu alcance muitas vezes.

— É um chinês?

— Repito que estive a meu alcance muitas vezes — continuou Yeh Ling. — Mas há certas razões pelas quais eu podia matá-lo — acrescentou, meditando. — Vai ver Miss Ardfern? — perguntou, mudando repentinamente de assunto. — Não vá ao anoitecer nem se aproxime da frente da casa. Miss Ardfern está tomando lições de tiro ao alvo, e um de meus homens, que se aproximou da casa pelos fundos, se salvou por milagre.

Tab riu.

— O senhor é um homem estranho, Yeh Ling — disse — e não sei o que pensar a seu respeito.

— Isso é um mistério oriental — replicou o chinês calmamente. — A gente fica sabendo de tantas coisas! "Pelos caminhos que são escuros e pelos caminhos que são estranhos..." Conhece o ditado?

Tab caminhou com uma suspeita remota de que Yeh Ling estava rindo a sua custa; mas era verdade que, ao falar no crime, ficara muito sério. Tab estava certo disso.

O repórter avistou Ursula muito antes de chegar à casa. A moça estava de pé no portão, no meio do caminho, saudando-o com a mão; uma figura elegante vestida de cinza, o rosto sombreado por um grande chapéu de jardim.

— Agora sou uma perita em matéria de tiro — disse ela jovialmente, quando o rapaz saltou do carro. — Tanto que estive tentada a fazer um disparo em sua direção, para intimidá-lo um pouco...

— Felicito-me por não ter feito isso, se é que a informação que Yeh Ling me deu é procedente — disse Tab, ao apertar a mão da

amiga.

— Viu Yeh Ling? E ele foi tão exagerado assim ao referir-se a minha habilidade de atiradora?

— Disse-me que você é perigosa para a vida e a roupa das pessoas — respondeu Tab gravemente.

A moça riu.

— Como pôde desperdiçar seu tempo vindo aqui? — perguntou, mudando de voz. — Não está muito ocupado?

Tab sacudiu a cabeça. — Recebi instruções e deveria estar mesmo ocupado — disse ele em tom de má vontade.

— Sobre o último caso?

— Não posso fazer mais do que a polícia — continuou. — E Carver parece ter perdido a esperança.

— Não se descobriu rastro de nenhuma espécie?

Tab fez um gesto de dúvida. Tinha prometido a Carver não falar do alfinete, mas sem dúvida essa promessa se referia às publicações do jornal.

— Os únicos indícios que temos — disse o rapaz no momento em que se sentava ao lado da companheira, sob um frondoso plátano —, são dois alfinetes muito novos e muito brilhantes que encontramos, um no corredor, depois do primeiro crime, e outro no lado de dentro da porta, depois do segundo. Ambos estavam um pouco encurvados.

Ela olhou para o jornalista pensativamente.

— Alfinetes? — repetiu devagar. — Que estranho! Tem alguma ideia do uso que se fez deles?

Tab não tinha ideia alguma, nem Carver.

— O assassino foi, sem dúvida, o homem de negro — disse ele.

— Sei algo do assunto, particularmente a informação de Stott... e é o homenzinho que correu espantado quando Yeh Ling e eu fomos à casa em busca de nossos papéis. Sim, disse *nossos* intencionalmente.

— Mas, de todo modo, Yeh Ling encontrou o que procurava?

Ursula fez um gesto afirmativo.

— E o que procurava ele?

A jovem mordeu os lábios.

— Não sei. Algumas vezes acho que ele quer esconder de mim essa particularidade. Jura que não tinha nada de interesse para mim, mas creio que Yeh Ling está... sendo bondosamente ambíguo. Algum dia hei de aclarar o mistério.

A mão que estava mais próxima do repórter brincava com um raminho sobre o banco. E Tab, recorrendo a toda sua coragem, a segurou, sem que Ursula opusesse resistência.

— Ursula, não é fácil. Acha que um homem de meu temperamento pode tomar a mão da mulher... que ele ama... sem que seu coração lhe dê voltas como uma hélice? Acha isso possível?

Ela não respondeu.

— Não é mesmo? — insistia ele.

Não sabia o que dizer. Só lhe ocorria perguntar isso.

— Não é mesmo?

— Assim suponho — disse a jovem sem olhar para ele. — E julgaria que uma atriz que andou representando o amor oito dias por semana, contando as matinês, durante anos, poderia suportar uma cena como esta sem cair... num desejo insensato de dar vazão a suas lágrimas? Se me beijar, Turner pode ver...

Tab nunca pôde recordar aquele momento com clareza. Conservou só a ridícula lembrança do nariz frio dela colado a seu rosto e de uma mecha de cabelo de forma maravilhosa que tinha caído entre seus lábios.

— O almoço está servido, senhora — disse Turner respeitosamente.

Era um homem já maduro, de expressão severa. Não se atreveu a olhar para Tab.

— Muito bem, Turner — disse Ursula, com extraordinária coragem e sangue-frio.

E, quando o criado se retirou, a moça acrescentou:

— Tab, você deve ter visto o temor de Turner; ele diz que eu sou a primeira artista a quem serve, e me parece que julga isso perigoso.

Tab sentiu-se um tanto desalentado, mas buscou o caminho para falar. — A única coisa que pode salvá-la de seu temperamento, Ursula, é um casamento imediato — disse ele audazmente.

A confusão das recordações do repórter a respeito daquele dia abarcava também as deliciosas horas que se seguiram.

Regressou à cidade numa corrida louca; estava doido por escrever à atriz. Escreveu, e o chefe da edição noturna do jornal foi em segredo avisar o chefe das oficinas que se estava preparando um substancioso relato sobre o crime, que entregaria logo (o chefe tinha contado claramente uma dúzia de páginas, à direita do cotovelo de Tab). Só às onze da noite é que descobriu estar enganado.

— Achei que trabalhava no crime de Mayfield. Onde está a reportagem? — perguntou o homem, indignado.

— Está caminhando... — disse Tab cruelmente.

Depositou no bolso de dentro a volumosa carta, ainda não terminada, e tratou de reconcentrar a mente no crime. Deteve-se num momento culminante para recordar uma doce visão daquele dia. Depois retomou, com um gemido, o fio da meada...

... a posição do corpo afasta toda dúvida a respeito da maneira como o homem encontrou a morte.

As características dos crimes são quase idênticas...

Assim escreveu durante cerca de meia hora com pressa pouco comum, e o chefe, ao cortar os supérfluos adjetivos "querida" que apareciam misteriosamente no texto, formou uma ideia aproximada do que Tab estivera escrevendo quando foi interrompido.

Tab colocou a carta no correio, foi para casa e começou outra.

Ao despertar, pela manhã, pensou que tudo fora um sonho, que não podia ser verdade. E, entretanto, ali estava o gordo envelope que continha a carta escrita de madrugada, esperando o correio...

Tab abriu a carta e juntou-lhe sete páginas de pós-escrito. Já ia avançada a manhã quando perguntou a Jaques, o diretor do noticiário, se acreditava nos compromissos longos. Perguntava isso por casualidade, para atender uma pessoa que pedira informações a respeito de negócios.

— Não — disse Jaques em tom decisivo. — Não creio neles. Penso que um homem, depois de ter estado num jornal dois ou três

anos, fica velho e merece ser aposentado.

Tab não se atreveu a explicar a espécie de compromisso a que se referia.



Naquele dia o tempo mudou. A chuva caía copiosa das nuvens baixas e a temperatura desceu alguns graus. Mas ele continuou a pensar no jardim de Stone Cottage, que oferecia um refúgio abrigado sob as árvores, e um maior abrigo ainda naquela salinha dela, ampla ode' teto baixo.

Tab suspirou profundamente e lançou-se à rua, como quem sai a vagar, com o propósito de cumprir a promessa feita a Rex.

Rex estava dedicado inteiramente a seu novo projeto. Arrastou o visitante até o dormitório, onde por todos os cantos havia papéis, planos, mapas e um mundo de coisas.

— Já conheço a colina ideal para a construção — disse Tab com repentino interesse. — Mas desgraçadamente já se anteciparam, Rex.

— Você se refere a Yeh Ling? — disse o outro com indiferença. — Vou comprar-lhe o terreno. De resto, foi só por um capricho de sua parte que se propôs a levantar uma casa lá.

Tab sacudiu a cabeça. — Vai ter alguma dificuldade para convencê-lo a ceder o terreno — disse com calma. — Soube que ele está tão encantado com a casa como você com a sua.

— Tolices! — disse Rex, rindo. — Parece esquecer que estou com dinheiro!

Tab tornou a sacudir a cabeça. — Não esqueci — disse —, mas repito que conheço Yeh Ling.

Rex coçou a cabeça com irritação. — Seria uma vergonha se eu não o conseguisse. Você poderia persuadi-lo... Tenho aquele lugar no meu coração. Vi-o uma vez nos velhos tempos, muito antes mesmo de imaginar que Ursula Ardfern pudesse ir morar por lá.

Disse para mim mesmo: "Algum dia construirei uma casa naquela colina". E, a propósito, como está a minha adorada?

— Sua adorada é a minha adorada — respondeu o repórter com calma. — Vou me casar com Ursula Ardfern. — Era a oportunidade que Tab esperava.

Rex deixou-se cair na cadeira mais próxima, abrindo desmesuradamente os olhos e a boca. — Cão infiel! — disse, por fim, erguendo-se na ponta dos pés e levantando as mãos. — Vou dar um passeio e você me rouba a namorada! — continuou, tomando a mão de Tab. — Não, não devo pensar mal disso .. É um homem de sorte. Temos que beber uma garrafa em comemoração a isso.

Tab se sentiu consolado, muito mais do que esperava, porque na verdade temia o momento em que tivesse de dizer ao apaixonado jovem que Ursula tinha consentido em casar-se com o melhor amigo dele.

— Vai me dizer tudo a respeito do assunto — falou Rex — e é claro que serei seu padrinho e farei com que se realize o casamento mais brilhante que este povoado tem visto nos últimos anos — continuou, troçando, diante da complacência de Tab.

Logo voltaram ao tema da casa. Rex não dissimulou sua contrariedade diante do fato de aquele lugar ideal estar tomado. — Eu lhe daria de presente, velho — disse impulsivamente. — Que presente de casamento para um amigo! Como arquiteto, sou uma calamidade — insistiu — porque meus pontos de vista são muito excêntricos. O pobre Stott desmaia diante de alguns de meus projetos — disse rindo. — Vou fazer uma tentativa para levar a cabo minha grande ideia; procurarei Yeh Ling na primeira oportunidade e o induzirei a efetuar a venda.



Naquela tarde Tab foi para Hertford.
— Conteí tudo a Rex — balbuciou ele.

E viu que o rosto da jovem se enevoava.

— Não ficou aborrecido — disse Tab, ansioso por vê-la mudar de expressão. — Na realidade, ele não sabe amar! Ficou muito preocupada por eu ter contado a Rex?

— Não — disse ela com calma. — Ele não se zangou?

Tab riu.

— Isso pode lhe parecer um absurdo, mas estou certo de que Rex sofreu uma ilusão passageira.

Viu o leve sorriso da jovem.

Tab tomou-lhe as mãos. — Se eu fosse Rex — falou ele —, detestaria Tab Holland.

— Rex é mais forte de espírito — disse ela. — Vamos ao jardim. Estive pensando que está na hora de você saber algumas coisas. Por isso vou contá-las.

O repórter a seguia, levando consigo certo número de almofadões que acomodou no assento para a jovem; e, quando se acharam sentados, ela, com voz indiferente, como que não dando importância à grave declaração que ia fazer, disse:

— Matei Jesse Trasmere.

Tab deu um salto.

— O quê?

Foi apenas o que pôde dizer.

— Matei Jesse Trasmere — repetiu ela. — Não pessoalmente, não com minhas mãos, mas sou a responsável por sua morte quase tanto como se eu mesma tivesse feito fogo contra ele. — Tomou a mão do rapaz e a reteve entre as suas. — Que inocente você é! Fui brutal para chegar a isso. Em nossa profissão amamos o dramático. Não, não quero dizer isso, Tab.

— Mas então o que quer dizer?

Ursula lhe indicou com um gesto que se sentasse no braço da poltrona.

— Eu lhe direi alguma coisa... Mas acho que nada mais acrescentarei a respeito do crime — continuou ela — e essa "alguma coisa" é o que devia saber, o que lhe vou contar. Não tenho o menor prazer em me referir ao que fiz. O espírito da tragédia me persegue — disse ela com os olhos fitos na distância. — Fui criada nessa atmosfera de maldade e violência. Uma vez lhe disse, Tab, que desempenhei funções de criada, e creio que você ficou assombrado. Estive primeiro em um orfanato, onde ensinam os pequenos a transformar-se em velhos. Tab... minha mãe foi assassinada; meu pai foi enforcado por esse crime.

Em seus olhos não havia nenhuma dor, mas certa dureza. O rapaz tomou as mãos da jovem.

— Nada recorde disso — prosseguiu ela. — Minha lembrança mais antiga é de um longo dormitório onde costumávamos dormir umas quarenta meninas, uma matrona muito gorda e duas governantas de feições duras; mais tarde, na vida, soube o porquê de minha estada no Parkington's Institute. Uma das meninas tinha ouvido a matrona dizer a uma das serventes c, emendando pedaços de conversas, fiquei sabendo que eu era uma órfã por culpa de meu

próprio pai, e que, depois de sua execução, fui enviada àquele lugar para que me educassem na profissão que seguem todas as boas meninas, profissão que logo tive, como uma libertação suprema: a de auxiliar de cozinheira. Não fui muito feliz. Meus conhecimentos eram ínfimos, pelo que, ao sair do instituto, fui ocupar um lugar como ajudante de cozinha da casa de uma grande personalidade. Essa pessoa destinava à caridade milhares de libras esterlinas; mas na verdade pesava-lhe o pão que comiam as criadas. Fazia apenas três meses que estava ali, quando Mr. Trasmere apareceu. Foi numa tarde ventosa e fria (lembro-me disso tão claramente como se fosse ontem), veio uma criada e me disse que subisse à sala principal. Encontrei Mr. Trasmere só e, ao vê-lo, fiquei um tanto assustada, porque, sem falar, e com expressão severa, ele me olhou dos pés à cabeça. Naquela época eu tinha doze para treze anos, e era uma criatura sensível, a quem a vida tinha sido até então um verdadeiro inferno. Ao que parecia, ele estivera com as autoridades do instituto, porque me permitiram ir viver fora. Instalou-me em uma pobre casa de apartamentos sob o cuidado de uma mulher que era a proprietária, ou que alugava a casa e subalugava quartos mobiliados aos tipos mais diversos e estranhos que até então eu tinha visto reunidos sob um mesmo teto. Conhecendo já Mr. Trasmere muito melhor, suspeitei de que ele era o proprietário da casa, e a mulher sua representante. Não tornei a vê-lo durante quase dois meses. Tive um quarto somente para mim e recebi livros escolares que Mr. Trasmere me enviou; e foi nessa casa que conheci Yeh Ling, que, como já lhe disse, era um pobre criado de um restaurante chinês. Ao fim de dois meses, Mr. Trasmere veio procurar-me, precedido por uma imensa caixa de vestidos, cujos modelos eu nunca tinha visto. Deixou uma mensagem dizendo que eu devia me vestir e estar preparada para ir com ele. Naquela tarde passou para apanhar-me e me levou a uma escola. Depois de eu ter passado tanto tempo no instituto, a nova escola me pareceu um paraíso. No caminho de ida ele me disse que alguns amigos seus lhe tinham falado de mim, e que ele se propunha a me dar uma educação que me permitisse ocupar a posição que me estava reservada. Os três anos que transcorreram em St. Helens me

parecem, ainda agora, um verdadeiro sonho. Fui feliz, fiz muitos amigos e minha visão da vida mudou por completo. No ano em que saí de lá, Mr. Trasmere apareceu na data do aniversário da escola e me viu representar em uma peça. Como sabia o que fazia, compreendi que ele não estava de todo desinteressado. Costumava ajudar pessoas de futuro. Certa vez me disse que pretendia radicar-se neste lugar e viver uma vida de cavalheiro, para usar suas próprias palavras, mas que se encontrava tão entediado que, para poder interessar-se, ia executar o mais extraordinário dos projetos. Você soube alguma vez que ele financiava doze salões de chá e que recebia sua parte dos lucros todos os dias? Sabia que ele estava atrás de três médicos e recebia seu lucro de cada um deles? Foi ele quem ajudou Yeh Ling e, com o tempo, também a mim. Estive seis meses com ele, como sua secretária, num pequeno escritório que o velho alugava para esse fim e no qual nunca aparecia antes das cinco da tarde. Foi então que sugeri que me dedicasse ao teatro e me enviou para o interior com uma companhia ambulante. Claro que esse giro era financiado por ele e tive a obrigação de mandar-lhe diariamente notícia da importância da renda de cada noite. Nos sábados eu pagava os salários e as despesas e lhe remetia o que sobrava. Quando terminou a viagem, regressei à cidade, verificando que, com seus furtivos e peculiares métodos, ele tinha ajustado as coisas para realizar uma temporada com meu nome como atração principal. Meu salário! Se lhe conto isso, vai rir. O velho não se desculpou por sua mesquinhez, alegando que esse salário vinha ser a metade dos lucros, até certo limite... Ante meu assombro e o dele próprio, transformei-me não apenas num êxito artístico respeitável, mas também em um êxito financeiro. Os lucros foram enormes e excederam de forma incrível a importância a repartir que ele tinha fixado. E naturalmente o velho me pagou. A palavra de Jesse Trasmere valia mais que um contrato. Era seu juramento. Seu código era o dos negociantes chineses. Quando souber o que isso significa, Tab, compreenderá como era escrupuloso em seus negócios. Com Yeh Ling, tinha feito os mesmos ajustes. Existia também o curioso contrato que encontramos, Yeh Ling e eu... Entre ele e mim jamais houve

contratos. No caso de Yeh Ling existia um, como sabe. Mas o detalhe mais curioso de meu êxito foi que Mr. Trasmere me obrigou a continuar como sua secretária. Cada noite, ao fechar o teatro, eu ia de carro a casa dele, abria a correspondência e respondia às cartas. Algumas vezes estava tão fatigada depois das noites de teatro que mal podia subir a escada de Mayfield. Mas Jesse era inexorável. Nunca permitiu que quebrássemos a norma nem que não se cumprissem os termos do ajuste. Quando comecei a falar-lhe daquilo, ele insistiu para que eu fizesse o que chamava "exposição", e comprou uma quantidade de joias, dizendo-me que, por ocasião de sua morte, seriam de minha propriedade. Ninguém poderia dizer com exatidão se essas joias, que não me pareceram novas, foram compradas ou adquiridas mediante um desses negócios tão peculiares a ele. Eram bonitas... mas não me pertenciam enquanto o velho fosse vivo. Todas as noites ele jantava comigo na casa de Yeh Ling e me entregava o porta-joias, que tirava do bolso, e todas as noites eu levava essas joias de volta a casa e as deixava a seu cuidado.

— O velho lhe disse alguma vez por que a tirou do orfanato? — perguntou Tab.

Ela fez um gesto de assentimento, mostrando ao mesmo tempo um sorriso fugaz e pálido.

— Jesse Trasmere era muito franco. Disse que conhecia minha história. "Você subirá tanto quanto eu quiser", disse-me ele. "E quanto mais alto chegar, e quanto mais êxito adquirir, tanto mais deverá evitar que se saiba que seu pai foi um criminoso." E é curioso: nunca se opôs a que em minhas atividades profissionais eu usasse meu próprio sobrenome, Ardfern. Não creio que alguém, naquele tenebroso instituto, tenha ligado minha fama àquela menina que lá passava os dias, da manhã à noite, rabiscando lições e dando o que fazer às governantas.

— De que se ocupava seu pai? — perguntou Tab com um esforço, porque supunha que qualquer referência dessa natureza pudesse ferir a moça.

Mas, para sua surpresa, ela respondeu sem vacilar:

— Foi ator, e creio que um bom ator, até que se entregou à bebida. Foi embriagado que matou minha mãe. Isso eu soube no instituto, e não tratei de perguntar mais. Que está pensando, Tab? — perguntou, vendo que o rapaz franzira o sobrolho.

— Estou tentando recordar a execução de alguma pessoa chamada Ardfern nos últimos vinte anos; conheço todas elas de nome — disse lentamente. — Você tem telefone?

A moça respondeu afirmativamente. Em três minutos, Tab se comunicou com o chefe de reportagem do Megafone.

— Jaques — disse —, preciso de uma informação. Lembra-se de alguma pessoa chamada Ardfern executada por assassinato? Há coisa de dezessete ou dezoito anos...?

— Não — foi a resposta imediata. — Houve um homem de sobrenome Ardfern acusado de homicídio por imprudência, mas fugiu do país.

— Qual era seu primeiro nome? — perguntou Tab ansiosamente.

— Não estou certo se era Francis ou Robert. Não, era Willard. Willard Ardfern. Lembro-me até de que havia dois "ards" no nome — informou o rato de biblioteca.

— Em que cidade ocorreu o crime?

Jaques respondeu sem titubear, dando o nome de uma pequena vila do interior que Tab conhecia muito bem. Pendurou o fone e voltou-se para a jovem.

— Qual era o nome de seu pai? — perguntou.

— Willard — respondeu ela.

— Opa! — exclamou Tab, enxugando a testa perolada de suor. — Seu pai não foi enforcado.

Viu que a jovem mudava de cor.

— Está certo disso? — perguntou. — Perfeitamente certo. O velho Jaques nunca se engana. Além disso, quando lhe perguntei o nome, disse sem vacilar: "Willard Ardfern". Diz que foi acusado de homicídio por imprudência. Mas nunca foi preso nem executado.

A jovem empalideceu intensamente e Tab a sustentou nos braços.

— Graças a Deus! — sussurrou ela. — Oh, Tab, isso foi sempre um pesadelo para mim! Algo terrível! Você não pode saber o quanto sofri.

— Eu disse algo — perguntou Tab, atrapalhado — que Ihe fizesse mal, quando falei do testamento de Trasmere?

Ursula Ihe dirigiu um olhar profundo, mas nada disse.

— Eu odiava esse empréstimo noturno de joias — falou, voltando ao assunto de suas relações com Jesse Trasmere. — Eu tinha dinheiro bastante para comprá-las para mim, embora nunca me sentisse inclinada por elas, mas o velho Trasmere não queria ouvir falar disso. Repelia com rudeza qualquer tentativa minha para me tornar independente. — De repente se deteve, abrindo a boca minúscula num "oh!" de surpresa. — Teria sabido de tudo... na China? Sim, deve ter sido isso! Provavelmente encontrou meu pai lá. Eis como teve referências minhas! Estou certa de que Yeh Ling sabe, porque Trasmere tinha o hábito de escrever... Desconfio... — continuou como que falando consigo mesma. Impulsivamente estendeu as mãos e segurou as do rapaz.

— Tab, na noite em que você entrou no meu camarim, senti de forma instintiva que seria um fator importante em minha vida. Nunca teria sonhado com a parte importante que nesse sentido você ia desempenhar.

Pela primeira vez em sua vida Tab não achou uma resposta apropriada.

Na chefatura de polícia entrou um homem alto, de pele curtida e meia-idade. Usava um traje que, evidentemente, não tinha sido cortado para ele, e parecia um tanto constrangido por isso.

— Tenho uma entrevista com o inspetor Carver — disse, depositando uma carta sobre a mesa do funcionário da polícia, que fez um gesto afirmativo, depois de lê-la.

— O inspetor Carver o espera — informou, chamando um ordenança.

Quando a porta se abriu, Carver olhou de relance, reconhecendo dissimuladamente o visitante.

Então se ergueu: — Homem! Entre! — disse. — Sente-se.

— Espero — começou o homem — que não haja nenhum incômodo...

— Para o senhor, não — disse Carver —, mas me ocorre que talvez haja para alguém.

O ordenança fechou a porta, deixando-os a sós.

Meia hora mais tarde, o inspetor Carver pediu pelo telefone que o estenógrafo fosse ao escritório e, quando o visitante de rosto curtido e vestimentas estranhas deixou a sala, depois de um interrogatório de três horas, o detetive teve material para refletir por longo tempo.

Tab chegou para recolher as informações policiais comuns, como fazia diariamente, e, como diariamente acontecia, começaram a discutir sobre o último crime, mas Carver não fez referência ao visitante da manhã. Era esse seu segredo, necessário nas circunstâncias atuais. Nada por ora devia transpirar.

Dirigiu-se à prisão onde estava Walters, que esperava a hora da audiência judicial. Carver teve com ele uma longa conversa.

Depois, Yeh Ling. Quando Carver foi anunciado, o chinês se achava em sua salinha escrevendo a longa carta semanal que

dirigia ao filho. Deixou o pincel e, olhando impassivelmente para o criado, pegou o cartão do inspetor.

— Esse homem está só? — perguntou.

— Sim, Yeh Ling. Ninguém veio com ele.

Yeh Ling tamborilou nos dentes com as bem cuidadas unhas.

— Que entre — disse laconicamente.



No rosto de Carver havia algo que fez o chinês compreender tudo que o inspetor desejava saber. Mas ainda tinham de travar uma batalha. Esperava ajustar tudo quanto se referia à morte de Trasmere e à tragédia que se lhe seguiu, de uma maneira que estivesse em perfeita consonância com seu profundo sentido da obrigação moral.

O inspetor não mencionou o assunto de imediato. Aceitou um cigarro oferecido pelo chinês, falou jocosamente da carta interrompida, fez uma ou duas perguntas a respeito de Ursula Ardfern e por fim aludiu ao objetivo de sua visita.

— Yeh Ling — disse —, creio que o caso Trasmere está prestes a ser esclarecido.

A resposta do chinês consistiu num agitar de pálpebras.

— Realmente — continuou o inspetor, aspirando com gozo o aroma de seu cigarro — encontrei o assassino.

Yeh Ling nada disse.

— Para pôr ante o verdugo o homem que matou Jesse Trasmere necessito apenas de uma pequena prova confirmatória.

— E o senhor vem a mim para consegui-la — disse Yeh Ling com um tom de leve ironia.

Carver sorriu e meneou a cabeça. — Não sei... Creio que o senhor, talvez... — e então acrescentou rapidamente: — Onde estão os documentos que tirou da casa de Trasmere na noite em que foi lá com Miss Ardfern?

O chinês, sem se perturbar, levantou-se do banco, abriu uma pequena caixa-forte e tirou dela um grosso envelope contendo papéis.

— Estão todos aí? — perguntou Carver, dirigindo-lhe um olhar desconfiado.

— Todos, exceto dois — foi a fria resposta. — Um deles se refere a meus interesses no Teto de Ouro e está em poder de meu advogado...

— E o outro? — interrogou o detetive. — Refere-se a assunto de natureza sagrada — disse Yeh Ling naquela linguagem tão preciosa que em sua boca tinha um efeito singular.

Carver apertou os lábios. — Sabe que é esse o documento de que mais necessito?

— Eu desconfiava — foi a resposta. — Entretanto, Mr. Carver, não posso entregá-lo; e, se o senhor sabe tanto — por um segundo pairou em seus lábios uma espécie de sorriso —, deve saber também por que ele não aparece.

— Miss Ardfern sabe?

Yeh Ling abanou a cabeça. — Ela é que não deve saber — disse enfaticamente. — Se não fosse por causa dela — acrescentou, encolhendo os ombros —, o senhor podia vê-lo...

Carver percebeu que à sua frente estava um indivíduo de vontade mais forte que a sua, e que nem ameaças nem promessas podiam fazê-lo mudar de atitude.

— Que importa que o senhor veja ou não esse papel? — perguntou Yeh Ling. — Diz que tem em seu poder prova suficiente para levar o assassino ante o verdugo... Não é assim?

A atitude do outro parecia conter um desafio.

— O senhor não pode acusar um homem baseado em suposições. Deve provar sem dar lugar a dúvidas que ele foi capaz de matar Jesse Trasmere, entrando e saindo por aquela porta fechada e deixando a chave sobre a mesa. Não basta dizer: "Tenho certeza de que este homem é o assassino". Não basta expor os motivos. Deve apresentar as provas! Enquanto o senhor não puder dizer que o criminoso entrou no porão por esta ou aquela porta, desta ou daquela forma, ou empregando tais ou quais meios para

fazer voltar a chave até a mesa através da porta fechada, o que parece impossível, enquanto isso, repito, lhe será impossível acusar. Essa é a lei. Estudei-a em Harvard, e tenho as regras da prova na ponta da língua. — Aí sorriu. — Bem vê, Mr. Carver, que não me é possível fornecer a prova confirmatória de que o senhor necessita.

Carver reconheceu que o outro tinha razão; viu que havia esbarrado num muro. Se algum olho humano tivesse sido testemunha do crime e do método pelo qual o assassino escapara, tudo se arranjaría. Do contrário...

A crítica do chinês era a mais lógica que se podia conceber, e Carver sentia-se como que logrado.

— Então, diga-me o senhor! — exclamou. — Sei que em várias ocasiões o senhor foi perseguido pelo homem de negro. Tem alguma ideia de quem seja ele?

— Sim — respondeu o outro sem vacilar. — Mas qual é o valor de minhas ideias? Eu não poderia fazer juramento a respeito de fatos; e os fatos são a única fonte em que se inspiram os juízes, Mr. Carver.

Carver se levantou, fazendo uma careta, o que fez Yeh Ling rir interiormente.

— Certamente não recorrerei aos ídolos pagãos — disse Carver de bom humor. — Por enquanto. O que me agrada, em você, Yeh Ling, é seu juízo sereno. Não creio que possa chegar a discutir, ou lutar, quase diria, com um homem cujo trate me proporciona tanto prazer.

O chinês fez uma profunda reverência e seu gesto de humildade divertiu Carver até muito depois que ele deixou o Teto de Ouro.



Yeh Ling, que nunca se preocupava em proporcionar comodidades a seus hóspedes, dedicou naquela noite particular atenção aos preparativos que se faziam no número 6. Os garçons italianos, que quase não conheciam o patrão, se achavam nervosos

e aborrecidos, porque nada parecia bastante para Yeh Ling. Tinha mudado as flores uma dúzia de vezes, tirado toalhas novas, e no último instante insistiu para que o serviço de mesa fosse substituído. Para adornar a sala trouxera os jarrões mais raros, e desenterrara insuspeitados tesouros de porcelana chinesa, com a qual logo substituiu a louça ordinária do restaurante. Isto feito, fez comparecer ante sua presença o maître, e escolheu o cardápio com extremo cuidado.

— Yeh Ling pode sentir-se orgulhoso! — disse Tab, admirando a mesa.

A jovem fez um gesto de assentimento. Esperava que Yeh Ling escolhesse outra saleta, mas na realidade não se importou. Além disso, já tinha estado ali depois da morte de Jesse Trasmere.

— Na verdade é emocionante jantar a sós com um jovem — disse ela, enquanto deixava o casaco nas mãos do camareiro. — E só espero que este escândalo não vá aos jornais.

— Veremos Yeh Ling? — perguntou Tab no meio do jantar.

Ela fez um gesto negativo.

— Nunca aparece. Lembro-me de tê-lo visto apenas duas vezes nesta saleta.

— Este é nosso primeiro aparecimento em público — disse Tab solenemente. — Com nossos rapazes posso contar, mas, se algum desses do Herald nos ouvir e der uma olhadela para seu valioso anel, irá correndo falar do noivado a esse pasquim... O Herald, que não tem medida nem decência.

A jovem riu suavemente e olhou para o "valioso anel" que brilhava sob a luz fraca. — Perguntei a Carver se viria encontrar conosco depois do jantar — disse Tab —, mas o homem está ocupado. Envia-lhe a mais poética e florida das lembranças... Realmente, Carver é uma pessoa surpreendente; sob sua aparência desagradável há um mundo de romance, se me perdoa esta frase de jornal.

Mas, se Carver não viria, não lhes faltou um visitante. Ouviu-se uma pequena pancada e abriu-se a porta.

— Por Maomé! — exclamou Tab, levantando-se como que impelido por uma mola.

— Como diabo soube que estávamos aqui, Rex?

— Eu os surpreendi — disse Rex Lander em tom de censura — escapulindo para cá como duas almas culpadas! Posso oferecer-lhe minhas congratulações, Miss Ardfern, e deixar a seus pés os fragmentos de um coração despedaçado?

Ante essa brincadeira, ela riu nervosamente.

— Não, não posso ficar — disse Rex —, tenho uma reunião e, mais ainda, estou perseguindo um homem com terríveis questões de arquitetura. Não é estranho isso? Agora que estou sem compromissos, contraí uma verdadeira paixão por essa profissão profana. Até o próprio Stott está se tornando diante de meus olhos uma personagem admirável. A senhorita me perdoou, Miss Ardfern?

— Oh, sim! — disse ela tranquilamente. — Há muito tempo que o perdoei.

Os olhos infantis de Rex tiveram uma expressão bondosa e suas faces cheias se contraíram em amável sorriso, sem dúvida ante a ideia que lhe tinha acudido à mente.

— Quando a fantasia de um moço... — começou a dizer, mas deteve-se ao vislumbrar algo no espelho. Tab e a jovem não podiam ver nada de onde estavam.

Rex viu refletidas no cristal a folha da porta aberta e uma figura imóvel detida ao umbral.

— Bom Deus! Que susto você me deu! Que bom bicho rasteiro.

— Vim ver se o jantar foi agradável — disse o chinês suavemente. Suas mãos desapareciam sob as amplas mangas; o negro casquete de seda que lhe cobria a parte posterior do crânio, a túnica de seda com exóticos bordados ofereciam um estranho contraste naquele ambiente moderno.

— Tudo foi um grande sucesso, Yeh Ling — disse Tab. — Não é verdade?

Virou-se para a jovem, e ela fez um gesto de assentimento, ao mesmo tempo em que seu olhar se encontrava com o de Yeh Ling.

— Creio que me vou — disse Rex com embaraço. — Boa noite, meu velho; você é um bom pirata...

Apertou a mão de Tab e retirou-se.

— Gostaram do vinho? — inquiriu Yeh Ling em voz baixa.

— Tudo estava excelente — informou Ursula.

Em suas faces via-se um colorido que antes não se havia mostrado.

— Muito obrigado, Yeh Ling; você nos brindou com um festim maravilhoso. Tab, chegaremos tarde ao teatro — disse ela, levantando-se apressada.

Enquanto um carro os levava ao Atheneum, a jovem se manteve silenciosa e Tab sentiu que em meio daquela festa havia caído certa melancolia.

— Yeh Ling é um tipo que sabe caminhar com pés de seda, hein?

— Sim, creio que sim... — Foi tudo quanto ela disse.

Dez minutos mais tarde estava instalada num camarote, dando a impressão de que concentrava toda a atenção no mesmo palco que, fazia tão pouco tempo, adornara com sua figura. Tab chegou à conclusão de que Ursula era uma mulher de forte temperamento e amou-a ainda mais por isso.

A jovem insistiu para que ele saísse para fumar. Tab assim o fez, depois do segundo ato, encontrando Carver no vestíbulo. O detetive contemplava com ar displicente um cartaz. Dando pela presença de Tab, o detetive lhe fez com os olhos um sinal quase imperceptível.

— Nesta noite vou com você para casa — disse, diante da surpresa do repórter. — A que horas vai deixar Miss Ardfern?

— Vou acompanhá-la ao hotel logo depois do espetáculo.

— Não irão jantar em algum lugar? — perguntou o outro com indiferença.

— Não —, disse Tab. — Por que pergunta?

— Então eu o esperarei no Hotel Central. Tenho de lhe falar a respeito de um sobrinho meu que deseja ingressar em algum jornal como repórter. Espero que me auxilie nisso...

Tab olhou para o amigo com ar desconfiado.

— Acho que já descobri em você algumas fraquezas, mas nunca a do nepotismo — disse. — Há algumas semanas me disse que não tinha no mundo parente nenhum.

— Pois agora arranjei um sobrinho — explicou o outro com toda a calma, olhos postos ainda no objeto de sua atenção.

— É um pobre investigador que não pôde fazer nada como tal. Estou em sérias dificuldades na minha profissão, mas até há pouco ocupei nela um lugar predominante. Você me encontrará perto do Hotel Central.

Tab não viu o detetive senão depois que deixou a jovem no hall do hotel. Ao sair para a rua, Carver, fiel a sua palavra, retirou-se da sombra e pegou seu braço.

— Iremos a pé para casa. Você não faz exercício o suficiente. A falta de exercício é ruim para os velhos, mas para os jovens é fatal.

— Nesta noite você está muito conversador — disse Tab. — Diga-me algo a respeito de seu pequeno sobrinho.

— Não tenho tal sobrinho — explicou o detetive descaradamente —, o que há é que nesta noite a solidão está me pesando. Tive um dia de contrariedades, Tab, e preciso desabafar.

— Oh! — exclamou Tab.

Carver não demonstrou realmente tal necessidade, nem mesmo quando se acharam no apartamento, sentados diante de um

modesto uísque com soda.

— A verdade — disse por fim — é que tenho motivos para crer que estou sendo vigiado.

— Por quem? — interrogou Tab, assombrado.

— Pelo assassino de Trasmere — respondeu o detetive com calma. — Esta é uma confissão humilhante para um homem de experiência e coragem comprovadas, mas temo voltar esta noite a minha casa porque tenho o pressentimento de que nosso desconhecido amigo está me preparando uma cilada.

— Então, realmente precisa ficar aqui esta noite? — perguntou Tab.

Carver fez um gesto de assentimento.

— Você tem um instinto maravilhoso — disse. — Isso é precisamente o que necessito fazer, se não há inconveniente. O fato é que até agora não tive a coragem moral de dizer... Não é muito agradável confessar...

— Diabo! — exclamou Tab desdenhosamente. — Você está mais alarmado do que eu com o assassino.

— Na minha casa estou mais à mercê desse homem — disse o detetive com um acento de verdade. — Se fico num hotel estarei à disposição dele mais ainda, de modo que devo recorrer a você. O que acha disso?

— Pode trazer suas coisas e ficar aqui até que o caso termine — convidou-o Tab. — Não sei se a antiga cama de Rex está arrumada.

— Prefiro o sofá, de qualquer modo. O luxo vicia os homens, como as nações...

— Se você se sente profeta, recolho-me à cama — disse Tab.

Saiu do quarto e voltou com um acolchoado e um travesseiro, que atirou no sofá.

— Tenho o gosto de dizer — continuou o detetive, quando Tab ia se retirar — que você se torna surpreendentemente bondoso nestas circunstâncias. Para combinar um repórter com um cavalheiro há dificuldades insuperáveis, mas você consegue um êxito que coroa todas as minhas esperanças.

Tab sufocou uma risada. — Nesta noite você está um péssimo humorista.

Os sonhos de Tab foram felizes, mas estranhamente confusos. Cinco minutos depois de ter posto a cabeça no travesseiro, estava levando Ursula através do jardimzinho, com um coração cheio de gratidão com a Divina Providência, que tal prêmio lhe havia conferido. Mas então começou a passar no sonho por um enorme mal-estar. Olhou por cima do ombro e divisou a figura de Yeh Ling, que o espiava, e já não se sentiu mais no jardim, mas sim no declive de uma colina flanqueada por dois grandes pilares; Yeh Ling estava de pé na entrada de sua estranha casa, envolto em brocado de ouro.

— Pan! Pan!

Dois disparos de arma em rápida sucessão.

Levantou-se de um salto. Houve um ruído de corrida procedente da salinha, e logo depois uma batida seca de porta.

Num segundo, o jovem achou-se no living. Carver devia estar ali, e Tab viu desenhar-se nas sombras a porta do apartamento, aberta de par em par. Pôs a mão no botão da luz. Mas uma voz o deteve.

— Não toque na luz! A ordem vinha do vestíbulo e partia de Carver.

De baixo chegava o ruído surdo da porta da rua que se fechava.

Carver correu para a janela, passando por perto de Tab. Abriu a janela e olhou para fora.

— Agora pode acender — disse o detetive.

Pelo seu rosto corria um fio de sangue. Carver tocou a cabeça com a mão para ver se estava ferido.

— Foi uma escapada difícil — continuou. — Sim, fugiu; eu o teria seguido pela escada, mas me detive, achando que ele podia estar emboscado.

Todo o edifício já estava alarmado. Tab ouviu o ruído das que se abriam e das vozes que vinham de baixo e de cima.

— O charuto lhe indicou minha posição — continuou Carver num tom queixoso. — Fui um insensato em ter fumado. Na escuridão ele decerto viu a brasa e, antes que eu pudesse prever, fez fogo.

Ao lado da janela se achava pendurada uma estampa de Médiçi. O vidro tinha saltado e um buraquinho redondo manchava o ombro branco de Beatrice d'Este.

Carver observou detidamente o orifício.

— Parece de uma automática — disse. — O homem está se modernizando. Na última vez que matou um homem, usou um tipo de revólver que o governo chinês mandou fabricar para seus funcionários há quinze anos. — Olhou a porta com indiferença. —

Alguém está aí, Tab. Será melhor que vá explicar que sofremos outro assalto de ladrões.

Tab ficou fora durante dez minutos, tranquilizando os inquilinos. Ao regressar, achou Carver examinando a trajetória do segundo disparo, que tinha atingido a parte inferior da janela.

— Possivelmente foi bater na parede oposta — disse Carver, deixando o lugar.

— O homem de baixo achou isto na escada — disse Tab, exibindo uma pequena faca de cabo verde e bainha primorosamente trabalhada.

— Pseudochinesa — disse Carver. — Ele podia usar artigos legítimos. — Tirou a faca e experimentou-lhe o fio, delgado como o de uma navalha.

— Está afiada! Acho que o homem não tencionava usar a pistola.

— Agora — disse Tab, olhando de repente o companheiro — vamos deixar de rodeios e falar a verdade. Você esperava este ataque. Por isso veio esta noite com a história do sobrinho...

— Sim e não — conveio Carver francamente. — Quando lhe disse que o ataque seria contra mim, não tinha certeza, mas não podia encontrar uma desculpa para levar você comigo, e além disso, como não tenho em casa comodidades para um homem de seus hábitos, resolvi aproveitar a oportunidade para ficar aqui. — Olhou o relógio. — Duas em ponto — disse. — O homem esteve aqui há coisa de quinze minutos, e devo confessar que não o vi abrir a porta. Por sorte, atrás da porta há um gancho para roupas e você costuma pendurar ali um chapéu velho. Foi ao ouvir cair esse chapéu que percebi a furtiva personagem que deslizava pelo assoalho. Ele deve ter visto primeiro o charuto e depois minha silhueta desenhada na janela, porque cometi a loucura de não retirar o sofá desse lugar. Ele deslizou até o corredor e, antes que eu pudesse perceber o que acontecia, fez fogo duas vezes, bateu a porta e fugiu. Quando saí para o hall, o homem estava ainda lá, mas a escuridão era tanta que não o enxerguei.

— Pareceu-me ouvir a porta primeiramente.

— Porque estava dormindo — sorriu o detetive — e ouviu o último ruído. Não, posso garantir que ele fez fogo primeiro, antes de bater a porta. Desconfio...

— O quê?

— Que seu antigo vai sofrer um assalto análogo. Onde está ele?

— De todo modo devemos preveni-lo — sugeriu Tab. — Nosso visitante veio em primeiro lugar revistar as maletas de Rex, e provavelmente não sabia que ele não morava aqui. Está no Pitts Hotel.

Carver pegou a lista telefônica. Transcorreu bastante tempo antes que conseguisse resposta, pois os empregados do hotel não estavam acostumados com chamadas a tais horas. Por fim se comunicou com o porteiro.

— Não sei se ele se hospeda aqui. Vou verificar. Dez minutos depois, veio a resposta:

— Sim, está no quarto 180. Quer que ligue para lá?

— Faça esse favor... — disse Carver.

Ouviu o ruído da ligação e da chamada, e, depois de uma apreciável demora, respondeu-lhe a voz sonolenta de Rex.

— Olá! Quem fala? Que diabo você quer?

— Escute! — disse Tab, e tomou o fone das mãos do detetive.

— É Rex quem fala?

— Olá! Que é que há? Tab? Que ideia é essa?

— Tivemos um visitante — disse. Tab. — Não se lembra de que lhe falei num ladrão noturno? Bem, esta noite ele voltou.

— Que o diabo o carregue!

— O apartamento se converteu numa galeria de atiradores — disse Tab — e Carver teme que você tenha uma visita semelhante.

— Não a temo — foi a resposta jovial. — Seria difícil para ele me acordar...

— Conserve a porta bem fechada.

— E você o telefone desocupado — disse o outro. — Se alguma coisa acontecer, eu comunicarei. Carver está aí?

— Sim.

Carver foi ao telefone. — Ele quer lhe falar.

Carver fez um sinal e pegou o fone.

— Lamento que o senhor tenha sido incomodado, Mr. Lander — disse —, mas achei conveniente avisá-lo de que neste apartamento fomos vítimas de um atentado às... bem, há alguns minutos. — E continuou, como que falando consigo mesmo. — Que horas seriam?

— Terá sido às quinze para as duas, suponho — disse Rex. — Obrigado, inspetor, pelo seu aviso. De qualquer modo, creia que não me assustou.

Carver pendurou o fone e esfregou as mãos.

— Acha que eles irão lá? Por que diabo está tão satisfeito? — perguntou Tab num tom de irritação. — Estou muito satisfeito, concordo — disse Carver pelo erro singular, simples e trágico que cometeu nosso criminoso.

De manhã cedo, Carver foi ao Pitts Hotel e entrevistou pessoalmente Rex, achando-o com olhos de sono, sentado na cama e com um pijama de cores berrantes. O jovem começou a censurar em tom amistoso a interrupção da noite passada.

— Sou uma dessas pessoas — disse em tom um tanto sério — que requerem um descanso de pelo menos doze horas. O céu me gratificou de forma que posso satisfazer essa necessidade e é quase um ultraje que Tab e o senhor me tenham despertado àquela hora para me dizerem que acabavam de receber uma nova visita desse sujeito.

Ao voltar ao apartamento de Tab e contar o resultado da entrevista, Carver fez algumas dissertações a propósito de modas masculinas, particularmente com referência a pijamas, e sua conversa se desviou dos sérios acontecimentos das últimas vinte e quatro horas.

— Creio que nesta noite devemos tomar precauções — disse. — De nenhum modo o deixarei entregue a seus próprios recursos. Ponha um novo ferrolho; depois um par de cadeiras e um trinco duplo.

— É um absurdo! — disse Tab. — Ele não voltará esta noite...

Carver coçou o queixo. — Que dia é hoje?

— Sábado.

— O sábado fatal, hein? — continuou. — Não, talvez não. Que vai fazer hoje?

— Vou levar uma amiga ao campo, ou melhor, ela é que vai me levar — disse Tab prontamente. — É meu fim de semana, mas esta noite voltarei à cidade. — Quando voltar deve me ligar. Promete?

Tab riu.

— Claro que sim, se isso lhe dá prazer.

— Se não me telefonar, eu o chamarei de tempos em tempos durante toda a noite — ameaçou Carver. — Já avisei Lander. Ele, principalmente, não deve dormir nesta casa.

— Não acha que já terão descoberto a ausência de Rex da casa? — perguntou Tab.

— Pode ser que sim e pode ser que não — foi a resposta. Hesitou por um instante. — Penso que não devemos falar disso a Miss Ardfern. Na realidade é conveniente que nada lhe diga.

Tab não tinha nenhuma intenção de alarmar Ursula; pôde, portanto, fazer a promessa sem reserva alguma.

Ela veio a Doughty Street para buscar Tab, e chegaram a Stone Cottage a tempo para o almoço. O dia estava ainda incerto, mas Tab não teria percebido nada, mesmo que chovesse torrencialmente. Falou à moça de seu sonho, mas não fez referência ao sensacional acontecimento da noite anterior.

— Ursula — perguntou —, você simpatiza com Yeh Ling, não é verdade? Eu também, em consequência disso; mas confia absolutamente nele?

A jovem refletiu antes de responder.

— Sim, assim penso. Ele foi o mais fiel dos amigos. Lembra-se, Tab, dos cuidados que ele teve comigo durante tantos anos, sem que eu soubesse?

Tab achou que poderia haver alguma outra explicação da devoção de Yeh Ling, mas prudentemente nada disse.

— Sabe — perguntou ela — que tenho noite e dia um homem guardando esta casa? Descobri isso por casualidade, quando me dedicava aos exercícios de tiro. É possível que Yeh Ling já tenha contado que quase feriu uma de suas sentinelas...

— É um homem extraordinário — concordou Tab — mas meu sonho me deixou profundamente impressionado.

— A primeira parte de seu sonho ainda não se realizou — sugeriu ela em tom solene.

Ouvindo isso, o jovem a enlaçou e começou a andar de um lado para outro. Felizmente Mr. Turner, tão fácil de se escandalizar, estava ausente. Ao deixar a noiva naquela perfumada penumbra, o coração de Tab transbordava de amor. O rapaz montou na motocicleta, que tinha trazido presa na parte traseira do carro, e lentamente tomou o caminho da casa.

No meio do trajeto, o motor enguiçou, o que o fez demorar um pouco. Quando deixou a máquina na garagem, já eram cerca de dez horas. Ao chegar a Doughty Street estava inteiramente

molhado, pois a segunda parte do caminho tinha sido percorrida sob uma chuva copiosa. Tomou um banho quente e mudou de roupa. Apanhou a cigareira com a intenção de sair para comer, quando soou o telefone. Achou que fosse Carver que o chamava. Quem falava, porém, era Rex, com voz ansiosa e inquieta.

— Está aí, Tab? Menino, fiz a mais maravilhosa das descobertas!

— De que se trata? — perguntou o repórter interessado.

— Não diga nada a Carver, compreende? É a mais extraordinária das descobertas! — A voz do jovem arquiteto estava trêmula. — Descobri como se cometeu o crime!

— O assassinato de Trasmere?

— Sim. Sei como o homem entrou e saiu do porão. Esta tarde entrei nele para inspecionar o trabalho que se fez e descobri tudo por acaso. Tudo é tão simples, Tab! A chave que voltou para cima da mesa e... tudo, tudo! Pode encontrar-se comigo em Mayfield?

— Em Mayfield?

— Eu o espero do lado de fora. Não quero que nenhum dos homens de Carver nos veja.

— Por quê? — inquiriu Tab.

— Porque — disse a voz, de Rex deliberadamente — com este crime periga o pescoço de Carver...

Tab quase deixou cair o fone das mãos. — Está louco?

— Eu? Você mesmo julgará... E Yeh Ling também está envolvido...

Tab correu à dispensa e pôs no bolso um punhado de biscoitos, vestiu uma capa e saiu à rua na noite tormentosa com a cabeça feito um caos.

Carver!

E Yeh Ling também implicado!

Levantara-se forte vento que varria a deserta Peak Avenue. O repórter dirigiu-se apressadamente para a casa do mistério. Não viu Rex senão depois de transpor o portão. Próximo do caminho de cimento, Tab viu um carro.

— Faremos nosso caminho no escuro. Tenho uma lanterna — sussurrou Rex. Tab entrou no deserto e tenebroso vestíbulo que

cheirava a mofo. A voz de Rex tremia de excitação.

— Acenderemos a luz do quarto com o auxílio da lanterna. Uma vez lá, abriu a porta que dava para o corredor.

— Feche essa porta, Tab — murmurou.

E, quando o amigo obedeceu, acendeu todas as luzes. Perto do fim do corredor, Tab viu uma pilha de ladrilhos e um recipiente com argamassa. O trabalho de emparedamento do porão havia começado, e a primeira fileira de ladrilhos dificultava a entrada para a caixa-forte. Rex transpôs a parede começada e iluminou o interior.

— Ali! — disse Rex triunfalmente, apontando para a mesa.

— O que é isso? — interrogou Tab estupefato. — Segure os dois lados da mesa e puxe com força.

— Mas a mesa está presa ao solo... Já tínhamos notado isso antes — disse o jornalista.

— Faça o que lhe digo — insistiu Rex com impaciência.

Tab se inclinou, segurou ambas as bordas e puxou com força.

Teve a sensação de uma forte dor na nuca e de que se achava entregue a uma impotência total. Estava sentado contra a parede e, quando tentou levar a mão à nuca dolorida, percebeu que não podia se mover. Abriu os olhos e olhou em torno. A primeira coisa que notou foram seus pés, presos numa armadilha. Olhou-os com ar estupefato e procurou novamente mover as mãos; tinha-as, porém, numa posição curiosa; estavam às costas, presas por um par de algemas, de cujos punhos partia uma corda que, passando-lhe pelo meio das pernas, ia terminar na armadilha.

— Quê... — balbuciou.

Alguém soltou uma risada surda. Tab olhou para cima e viu Rex. O jovem estava fumando, sentado na borda da mesa.

— Sente-se bem? — perguntou em tom cortês.

— Que significa isso, Rex?

— Isso significa que, como lhe prometi, encontraria o assassino do querido tio Jesse — disse Rex, com olhos cintilantes. — Eu matei Jesse Trasmere! Também matei essa besta ébria do Brown. Minha intenção não era matar Brown — prosseguiu em tom pensativo. — Desgraçadamente não tive outra alternativa. Ele me reconheceu no parque quando todos supunham que eu estava em Nápoles.

— Você não viajou? — murmurou Tab, aumentando muito seu estupor.

Rex meneou a cabeça. — Não fui além do cais — disse. — Voltei com o prático. Os cabogramas e radiogramas que enviei foram despachados por um empregado de bordo a quem paguei para isso. Nunca deixei a cidade.

Tab não podia pronunciar palavra.

— Se tivesse procedido como eu desejava — disse Rex com um estranho tom de censura na voz —, eu o faria rico, Tab; mas, como ficou enamorado, como se fez vil, tomou a mulher que estava

predestinada a ser minha esposa! Seus odiados lábios tocaram os dela...os da minha deusa! — Sua voz se fragmentava.

Tab, olhando para o outro fixamente, reconheceu que estava na presença de um louco.

— Pensa que estou louco, não é? — disse Rex, adivinhando o pensamento do repórter. — Talvez eu esteja, mas a verdade é que adoro Ursula. Matei Jesse Trasmere porque precisava de Ursula, porque não podia esperar mais, e, para possuí-la, era preciso ter dinheiro.

De súbito vieram à memória de Tab as palavras de Ursula: *Matei Jesse Trasmere. Fui a causa indireta de sua morte.* Então ela sabia de tudo! Agora se explicava a estranha atitude da jovem quando Rex entrou na sala do restaurante de Yeh Ling. E Yeh Ling sabia, e dirigiu-se cautelosamente para a porta do reservado, pronto a lançar-se sobre o visitante se este desse algum sinal de hostilidade. Yeh Ling, o chinês, o homem dos pés suaves, o eterno guardião...

Tab sentiu o coração cheio de gratidão por Yeh Ling. Rex saiu do quarto e ficou ausente durante uns cinco minutos. Voltou trazendo tinta e papel, que pôs na mesa. Aproximou desta uma cadeira e sentou-se. — Tab, vou dar-lhe o maior prazer de sua vida — disse. Em sua voz não havia ironia, mas, ao contrário, um tom de seriedade e cortesia. — Vou deixar escrita uma confissão integral de como matei vocês três.

Tab nada disse. O capricho daquele homem estava de acordo com a teoria da loucura intermitente. Durante meia hora observou como corria a caneta e como o papel escrito ia sendo, folha por folha, cuidadosamente empilhado. Qual seria seu fim? Rex o mataria; não era possível duvidar disso. O prisioneiro não sabia implorar; pedir socorro era insensato. Sua voz não transporia aquelas paredes. Carver e ele tinham feito uma experiência depois da morte de Trasmere. Tab fizera fogo com um revólver no interior do porão, enquanto o detetive permanecia atento no lado de fora da casa; não ouviu o menor ruído. Tab procurou com os olhos alguma arma, mas, se Lander a tinha trazido, não estava visível.

— Aqui digo tudo e isto ficará sobre a mesa; quando encontrarem seus ossos, ficarão sabendo por que foi assassinado.

Olhando-o, Tab viu como o outro firmava sua assinatura, a velha assinatura que tanto o tinha divertido em outros tempos...

— O que propõe fazer, Lander? — perguntou com calma.

Rex sorriu. — Não tenha medo — disse —, não vou desfigurar seu corpo atlético nem fazer violência alguma. Você vai permanecer aqui até morrer. Tab dirigiu-lhe um olhar indecifrável. — Não pense... — começou. Mas julgou melhor calar-se.

— Não creio que seu amigo Mr. Carver venha buscá-lo; isso era o que ia dizer; mas, acredite, Carver jamais o encontrará. Em primeiro lugar, ninguém virá aqui, porque ninguém sabe que está aqui. Ele nunca suspeitará de que fui eu seu visitante da noite passada.

— Seu quarto tem um relógio de parede? — perguntou Tab, com uma ideia súbita.

O outro franziu o sobrolho. — Meu quarto do hotel? — perguntou com surpresa.

— Não tem! — falou Tab triunfalmente. — Bom e velho Carver! Quando falaram pelo telefone, ele lhe perguntou a hora, não é verdade? Ele sabia que você era o homem que penetrou no apartamento. Sabia que, quando o fez levantar, você estava inteiramente vestido e tinha um relógio no bolso!

— Oh! — disse o outro, pálido. — Ele foi me procurar hoje de manhã... Maldito seja! Então foi para ver se eu tinha relógio de parede, hein? — continuou Rex, mostrando os dentes. — De qualquer modo, ele não sabe que está aqui. Adeus, Tab. Lembra-se de como tratou de me transformar em repórter e como eu costumava me dedicar aos livros que tratavam de crime? Bem, nesse assunto achei um novo estratagema e esperei anos para poder colocá-lo em prática.

Não acrescentou palavra, mas tirou do bolso um compacto rolo de barbante, que desenrolou. Depois tirou do casaco um alfinete novo que amarrou com grande cuidado e ar solene, na extremidade do fio. Por último envolveu a cabeça do alfinete e o nó em torno dela com uma porção de algodão, que alisou cuidadosamente. Enquanto se achava assim ocupado, trauteava uma canção, como quem está todo votado à mais inocente das ocupações. Feito

aquilo, cravou o alfinete no centro da mesa e puxou o cordel, experimentando-lhe a resistência. Dava mostras de estar satisfeito. Juntou ao barbante um novo pedaço e passou a extremidade pelo buraco da chave; levou esta para fora do quarto e deixou-a no corredor com uma apreciável quantidade de cordão; depois voltou ao quarto com a ponta do cordão, passando-o para o lado exterior da porta por um dos buraquinhos do ventilador. Saiu e fechou a porta cuidadosamente. Tab ouviu o clique da fechadura e seu coração bateu com força.

O cordão começou a correr pelo ventilador, puxado do lado de fora, e de súbito apareceu a chave por baixo da porta, seguindo o fio seu caminho até que, diante dos olhos fascinados de Tab, a chave ficou no alto e deslizou suavemente para a mesa, terminando o percurso no centro dela, ao lado do alfinete. Tab viu como o brilhante e minúsculo alfinete era arrancado de seu lugar e atraído para a porta, desaparecendo através do ventilador.

Era aquele o segredo do alfinete! Na última vez em que o fio deixara cair o alfinete, este tinha batido na madeira da porta e caído logo no lugar onde fora encontrado. No assassinato de Trasmere, o alfinete foi deixado na parte exterior e tudo aquilo apenas para juntar um mistério a outro.

— Viu? — falou com orgulho a voz de Lander. — Simples, hein? Rápido...

Tab não respondeu. — Sou um arquiteto fracassado, Tab, mas, por Belzebu, sou um homem habilidoso! Já me viu assentar ladrilhos, Tab? Sei tanto disso que nesta tarde despedi os operários e lhes disse que eu mesmo terminaria o trabalho.

Tab cruzou as mãos e tentou pegar as correntes que uniam as algemas, mas não conseguiu. Estava tão bem manietado que não lhe era possível fazer senão um pequeno movimento. Sua cabeça começou a doer terrivelmente. O repórter percebeu a causa disso: uma das primeiras coisas que viu ao recuperar os sentidos foi a bolsa de areia que Rex Lander usou quando ele se inclinou sobre a mesa, com a descabelada ideia de que, puxando-a, descobriria alguma passagens oculta.

Rex estava cantando em voz baixa e, misturado a sua voz, chegava o ruído dos ladrilhos e da colher de pedreiro; era um som de fricção e tap, tap, tap particular da colher que batia nos ladrilhos para fazê-los entrar no alinhamento. Lander interrompeu a canção para dizer, com a boca colada ao ventilador: — Possivelmente trabalharei a noite toda. Devia ter apagado essa luz, mas já é tarde.

— Cretino! — disse Tab, com desdém. — Você não passa de um louco. Nem posso me indignar contra você, besta desprezível.

Ouviu a respiração ofegante do outro; reconheceu que lhe tinha tocado as fibras mais íntimas.

— Não compreende — continuou Tab impiedosamente — que a primeira coisa que Carver fará é vir aqui a este porão e, ao ver a porta emparedada, colocará tudo abaixo? Suas explicações não o deterão. E, então, o que encontrará ele? A confissão que você escreveu, dominado por sua louca vaidade. E, além disso, minhas declarações.

— Você morrerá! — bradou Lander, retomando freneticamente o trabalho.

O cérebro de Tab se desanuviava; o jovem já podia fazer com frieza a análise das coisas. Rex Lander estava louco... até certo ponto. A vaidade lhe havia inspirado aquela bravata: deixar ali a declaração escrita que, uma vez encontrada, poderia mandá-lo diretamente à forca. Aquele ato temerário era filho da vaidade e do orgulho feridos; essa vaidade e esse orgulho que já antes o tinham feito revolver os papéis de Tab em busca de supostas cartas de amor de Ursula e o haviam também induzido a mutilar o retrato do homem que conquistara o amor de sua bem-amada.

Rex era o visitante noturno. Quem senão ele poderia encontrar facilmente o caminho em meio à escuridão? E Carver sabia de tudo!

Tab sentia-se fascinado por tudo que se relacionasse à loucura criminosa. Em seus ingênuos primeiros anos de atuação, escrevera uma monografia sobre esse tema; o trabalho, entre outras especulações improdutivas, continha uma longa série de conclusões a que tinham chegado os estudiosos da matéria.

Muitos atos que se reputam como sinais de loucura (manias de perseguição etc.) não têm relação com a mania destruidora, embora revelem anormalidade em outro sentido. O fato de um homem insistir em calçar um par de sapatos de cores diferentes ou de costumar sair à rua sem calça é um indício de tendências homicidas.

A esse respeito Rex era sã.

Assim pensava Tab com a metade do cérebro; a outra metade estava empenhada em descobrir se sua esperança de fugir tinha fundamento. Ele se achava manietado nas costas; ao redor das pernas havia uma armadilha que se encontrava fora do alcance de seus dentes. Dos punhos das algemas corria uma corda muito

esticada que ia terminar no objeto que lhe rodeava as pernas. Se ele pudesse se mover, teria a chave a seu alcance. Mediante um grande esforço tratou de esticar as pernas e libertar os pés, o que lhe produziu uma dor tão intensa que quase o fez desmaiar. Pareceu-lhe que os ombros haviam se deslocado. Sentia a corda, tensa...e talvez com unhas e dedos pudesse desfiá-la, fibra por fibra, ou cortá-la aos poucos com a unha do polegar...

Uma vez que a nova parede estivesse levantada, sua vida seria curta, a menos que existisse outro respiradouro que nem ele nem Carver tivessem descoberto. E ainda que conseguisse romper a corda, devia esperar que Lander terminasse sua obra, pois para ele seria fatal cair nas mãos do assassino, algemado como se achava. Sua única possibilidade de salvação era libertar-se da corda quando a parede que se erguia do lado de fora chegasse ao fim. Então, contorcendo o corpo, apanharia a chave e trataria de correr a fechadura, derrubando a seguir os ladrilhos com sua força, que era considerável. Tudo isso duraria um curto espaço de tempo...Mas a corda era forte.

Tab conseguiu rolar de lado e, pegando com os pés uma das pernas da mesa, apoiou-se contra a parede, conseguindo por fim ajoelhar-se. As ligaduras o mantinham um tanto encolhido e seus olhos ficaram no nível da mesa. Estantes, estantes de aço... Talvez algumas delas tivessem as bordas ásperas. Começou a saltar sobre os joelhos e viu por fim um lugar apropriado.

Deixou-se cair novamente sobre um ombro e, levantando os pés, fez com que a corda ficasse contra uma das bordas. Entrementes chegava até ele, sem interrupção, o ruído da colher de pedreiro e da canção que Rex Lander cantarolava. Tab percebeu que a manobra era impossível. A borda áspera estava do lado inferior da estante e ele podia alcançar apenas a borda superior. Cruzou as pernas um pouco e sentiu que o laço deslizava para cima. Repetiu o esforço e ele aproximou-se dos joelhos. Quase gritou de alegria, pois a corda ficou completamente frouxa e por fim Tab julgou poder erguer-se sobre os pés.

O ruído que fazia o pedreiro amador cessou de repente. Rex se aproximou da porta. — Está perdendo seu tempo, com essas

cômicas contorções — disse com um acento de sinceridade. — Experimentei esse método toda uma noite: não pode sair daí.

— Fora daí, idiota! — gritou Tab. — Ainda vão pegá-lo, imbecil! Rex riu entredentes.

— Descobriu o velocino, hein, Tab?

— Longe de mim! — disse Tab. — Farsante! Nem todo o dinheiro que ganhou bastará para fazer de você um cavalheiro...

Foi interrompido por uma torrente de injúrias que o outro, na impotência em que se achava atrás da porta, lhe arrojou com furor.

— Eu o mato! — vociferou Rex. — Meu Deus, se eu pudesse entrar!

— Mas não pode — replicou Tab — e é por isso que minha situação não é desesperadora. Carver sabe... não esqueça. Carver o entregará ao carrasco... ele prometeu a si mesmo. Não sei como poderão enforcar um louco como você!

Lander arranhava a colher de metal, fazendo recrudescer os insultos.

— Não estou louco, não estou louco! — vociferou. — Estou são! Ninguém poderá duvidar!... Não estou louco, Tab, você sabe que não estou louco!

— Você é o mais demente de todos os representantes da espécie humana — continuou dizendo Tab, inflexivelmente..

— Graças a Deus salvei Ursula... — Mas de súbito se deteve, lamentando ter deixado escapar dos lábios essas palavras. Tinha levado ao cérebro daquele homem a última ideia que desejaria sugerir-lhe.

— Ursula é minha! Ouviu? Agora ela é minha... Tab percebeu o ruído da colher, manejada freneticamente. E esse som se foi fazendo longínquo; depois, ouviu uns passos quase imperceptíveis que se afastavam.

O jovem ergueu-se sobre os joelhos, atirou o corpo para trás e conseguiu pôr-se em pé. Era terrível manter-se assim com aquelas ligaduras, mas conseguiu. Dobrado grotescamente, conseguiu mover os pés uns poucos centímetros de cada vez. Com dificuldade chegou à mesa e, inclinando-se sobre ela, puxou para si a chave com o queixo; pegou-a com os dentes e se dirigiu para a porta. Mas

a fechadura estava colocada tão perto do ângulo que a porta fazia com a parede que a cabeça de Tab não pôde se mover de modo a permitir-lhe introduzir a chave no buraco. Tentou isso uma vez, duas vezes e depois aconteceu o que temia. A chave soltou-se dos dentes e caiu ao chão com um ruído surdo.

Tab estava de joelhos quando lhe pareceu que do lado de fora algo se movia. Rex estava abrindo a porta do estúdio e gritava; Tab não podia distinguir as palavras do criminoso, mas a seu ouvido chegou um ruído idêntico ao que produz a madeira quando se quebra. Craque! Craque! O jovem teve um sobressalto. Sentia-se um cheiro semelhante ao de gasolina queimada. Então o repórter percebeu o que acontecia: Mayfield estava em chamas.

— Não respondem — disse a telefonista.

Carver esfregou o nariz e olhou o relógio da parede. A seguir pegou novamente o aparelho.

— Ligue-me com Hertford 906 — disse.

A comunicação foi obtida em cinco minutos.

— Miss Ardfern... Fala Carver... Sinto muito, muito... tê-la feito sair da canta... repito, lamento-o... A que horas Tab a deixou? Oito e meia... não foi? Oh! Sim, ele está bem... foi à redação... Oh! sim, é o que costuma fazer aos sábados à noite. Não se preocupe... de maneira alguma. Só que ele prometeu chamar-me... Não se pode confiar nesses jovens apaixonados... Claro que a avisarei se aconteceu algo.

Pendurou o fone e olhou novamente para o relógio. Depois tocou uma campainha. O sargento que entrou na sala estava vestido como se esperasse lançar-se de um momento para outro na noite tormentosa.

— Homens prontos... Bem. Pitts Hotel; dois homens em cada entrada, um no -ultimo andar, caso ele procure essa saída. Quatro dos melhores para o quarto dele... Que os homens estejam alertas para responder aos tiros dele... Porque ele vai fazer uso da arma! Notem bem!

— Quem é o homem, senhor?

— Mr. Lander. Está sendo procurado por crime e fraude. Se não está no quarto, será fácil... Poderemos prendê-lo quando ele voltar ao hotel. Um dos porteiros noturnos do hotel está pago por ele, provavelmente. É o tipo que na outra noite me entreteve ao telefone e deu tempo a Lander para chegar ao quarto para de lá atender a meu chamado. Assim, será melhor estar lá antes que, o encarregado das chaves saia E não se esqueça de avisar claramente aos homens que Lander fará fogo! Se o porteiro noturno estiver em seu posto, havemos de apanhá-lo. Não o deixem

aproximar-se do telefone... Deem-lhe uma bordoadada na cabeça se ele tentar fazer isso. Estarei com vocês dentro de cinco minutos.

Fez outra tentativa para comunicar-se com Tab, mas não teve êxito. Então veio-lhe uma ideia. Recordou que Tab lhe falara do inquilino esportista que ocupava o andar inferior. Mas Tab tinha acrescentado que esse cavalheiro raramente se achava em casa. Ainda havia uma possibilidade. Esperou com o fone ao ouvido.

— É o senhor, Mr. Cowglin? Lamento incomodá-lo,... Sou o inspetor Carver, um amigo de Holland, que mora acima de seu quarto. Acha que ele está em casa? Tentei comunicar-me com ele... o senhor deve ter ouvido o toque do telefone, não é mesmo? Sim, era eu.

— Ele entrou há coisa de uma hora — disse a voz do inquilino — e então alguém o chamou. Pude ouvir o telefone muito bem de meu quarto, Bex ou Wex, um nome parecido.

— Rex? — perguntou o inspetor rapidamente. — Sim! Sim! Então ele saiu? Obrigado!

Sentou-se e permaneceu um minuto olhando um objeto de sua escrivaninha e depois se ergueu de um pulo e apanhou a capa. Quando saía do departamento, sua patrulha subia nos táxis. Carver entrou no primeiro deles. Teria demorado o processo?, perguntava a si mesmo. A ordem de prisão fora obtida imediatamente depois de ele ter conseguido a declaração oficial de Green, o primeiro criado de Jesse Trasmere. Trouxera essa testemunha da Austrália; telegrafara-lhe no mesmo dia em que Trasmere foi achado morto. As respostas de Green tinham confirmado suas suspeitas.

Agora era demasiado tarde para lamentar o atraso. Acompanhado pelo sargento, começou a vagar pelo hotel. O amplo vestíbulo estava deserto, a metade das luzes apagadas como presumia, o encarregado das chaves fora embora, deixando em seu posto um imponente porteiro noturno.

— Mr. Lander, senhor? Não, creio que não está. Ligarei para o quarto dele.

— Não toque nesse telefone! — disse o inspetor. — Sou oficial de polícia. Leve-me ao quarto dele.

O homem teve um instante de hesitação. — Se continuar brincando com o comutador, vou pôr você num lugar em que os ratos o entretenham — disse Carver num tom incisivo. — Saia daí!

O homem obedeceu imediatamente — Eu não o desacatei — murmurou. — Só estava...

— Cuidem desse homem — disse Carver. — Agora dê-me a chave do quarto de Lander.

O empregado tirou uma chave do gancho e jogou-a no balcão. Os aposentos de Rex Lander estavam desertos, como Carver esperava.

— Quero que neste quarto se faça uma busca minuciosa — disse ao sargento. — Deixo um homem para ajudá-lo. Todos os postos devem ser guardados até novo aviso. Ele pode vir mais tarde. Durante meia hora esperou dentro do hall, mas, embora aparecesse uma verdadeira procissão de automóveis e táxis conduzindo as pessoas que regressavam dos teatros, não se teve a menor notícia de Rex.

O porteiro se tornou comunicativo.

— Tenho mulher e três filhos. Não quero me meter em encrenca. Para que os senhores precisam de Mr. Lander?

— Não lhe diremos para quê — respondeu Carver laconicamente.

— Se se tratar de algo muito sério, não sei nada a respeito — disse o porteiro. — Poderia, sim, dizer-lhe que ontem lhe fiz um favor.

— Ontem?

— Sim. Ele estava no hall, quando alguém o chamou. Ele me pediu que eu distraísse a pessoa que falava até que ele chegasse ao quarto. Disse que era uma senhora amiga com quem não estava agora em muito boas relações. Isso é tudo o que sei. É um homem muito simpático — acrescentou, como que para se justificar.

— É um canalha! — disse Carver sardonicamente.

Através do hall vinha correndo um dos homens que ficara revistando o dormitório. Chegou junto de Carver e tirou do bolso um revólver de modelo antigo. — Encontramos isso em uma das gavetas — falou.

Carver examinou a arma com curiosidade. Logo viu o que era, antes mesmo de perceber os caracteres chineses gravados no aço do cabo.

— Já presumia... — disse. — É de fabricação chinesa e serviu aos oficiais de lá há uns doze anos. Creio poder demonstrar que foi propriedade de Trasmere. — Abriu-a, vendo que estava carregada: quatro balas e dois cartuchos vazios. — Conserve isso com cuidado. Envolvam em papel e depois mandem tirar as impressões digitais — ordenou. — Encontrou alguma coisa mais?

— Há uma fatura de Burbridge, de um anel com pedra — disse o homem.

Carver sorriu levemente. O presente que Rex comprara "em Roma" para seu amigo tinha sido comprado a poucos metros de Doughty Street: o objetivo era reforçar a suposição de que Rex estava no estrangeiro.

Era perto da meia-noite quando Carver recebeu chamado da delegacia. O detetive atendeu.

— É o senhor, Carver? Mayfield está pegando fogo... os bombeiros acabam de ser chamados.

Carver jogou longe o fone como se este lhe tivesse queimado a mão. Voou para a porta. Naquele momento, um carro deixava alguns passageiros na frente do hotel e o detetive se introduziu no veículo, passando entre eles sem nenhuma cerimônia.

— Peak Avenue! — gritou.

Que loucura não ter pensado antes em Mayfield! Seus pensamentos se sucediam rapidamente. E o fato de se haver inteirado da chamada de Rex Lander a Tab e da saída imediata deste! Era claro que aquele era o lugar para onde se teriam dirigido os dois homens... para Mayfield. Tab teria ido inocentemente, sem nenhuma suspeita do amigo... Carter estremeceu.

Ele compreendia com clareza o significado das fotos ragadas. O homem estava loucamente ciumento; e não se deteria ante coisa nenhuma. Com dois crimes na consciência, mais um seria assunto simples...

Muito antes de chegar à Peak Avenue viu no céu um reflexo vermelho. Lançou um gemido. Entre aquele inferno ardente Rex

Lander teria destruído não apenas seu amigo, mas também quase toda a prova de seu crime.

O carro chegou até o cordão policial estendido na avenida, agora repleta de vizinhos em trajés de dormir e de caras vermelhas sob o clarão das chamas que se elevavam da casa maldita. O teto desmoronou quando o detetive saltava do carro. Subia para o céu uma grande coluna de chamas e Carver não pôde articular palavra, quedando-se ali com, uma expressão pasma.

Naquele momento alguém lhe bateu no cotovelo. O inspetor viu um homem vestido com um roupão sujo e molhado. No primeiro momento não o reconheceu, porque o rosto do homem estava enegrecido e chamuscado; no meio dele brilhavam dois olhinhos selvagens.

— Meu pai foi um grande bombeiro! — disse Stott solenemente. — Nós, os Stott, somos uma raça desconhecida mas forte. Todos somos heróis!

Carver olhou para o homem, estupefato.

Stott naquela noite estava mesmo muito embriagado...

Elina Simpson, com um grande lenço atado em redor do rosto, revolvía-se na cama com dor de dente. Era, sob todos os pontos de vista, um infortúnio que o dormitório de Elina ficasse em cima do que ocupavam o sr. e a sra. John Stott, embora seus gemidos não produzissem grande impressão na dama. Stott chegara a um tal ponto de expectante agonia que esperava a cada instante um novo grito de dor; quando este não vinha, ele ficava furioso; quando o queixume estremecia as paredes do quarto, o homem se sentia enlouquecer.

Elina não sabia se lamentar; fazia-o muito irregularmente.

— Elina vai embora amanhã! — rugiu.

Neste ponto foi ouvido pela esposa.

— Já tirou o dente — disse ela, meio dormindo. — Suba a escada e diga à moça que se mude... não, que não vá embora, que fique por enquanto. — Hum... — grunhiu a sra. Stott, lançando logo um suspiro de felicidade. Stott mirou-a e naquele instante chegou de cima um novo gemido. Então o negociante saltou da cama, enfiou o roupão da noite e subiu escada acima.

— Elina!

— Senhor! — respondeu uma voz patética.

— Que inferno!...Por que está armando semelhante... semelhante berreiro?

— Oh! Meu dente... senhor!

— Besteira! Corno pode doer se está nas mãos do dentista? Não seja criança! Levante-se e tome algo... venha aqui embaixo... vista-se decentemente.

Desceu até a sala de refeições e de um esconderijo secreto tirou uma garrafa que ostentava um pomposo rótulo. Derramou num copo uma porção generosa. Elina desceu vestida com uma bata de flanela. Mal parecia um ente humano.

— Beba isto — ordenou o patrão.

Elina pegou o copo com timidez e examinou o conteúdo.

— Nunca! Nunca beberei isto, senhor! — respondeu por fim, angustiada.

— Beba! — ordenou o homem ferozmente. — Não é nada.

Para provar que não era nada, ele próprio bebeu uma quantidade maior ainda. E, na verdade, o uísque quase o derrubou. De qualquer modo, Stott resistiu ao choque, cambaleante. Elina não se preocupava com outra coisa que não fosse a própria sufocação, porque lhe parecia ler tomado uma colherada de chumbo derretido.

Assim, não viu Mr. Stott que abria e fechava a boca como um peixe, levando a mão à garganta.

— Oh! Senhor... o que é isso? — perguntou.

— Uísque! — disse Stott com voz estrangulada. — Uísque puro. Não é nada!

Até então Elina não bebera uísque puro. Ela agora devia olhar para o patrão com maior respeito.

— Isso não é nada — disse Stott outra vez.

Agora que tudo havia passado, a coisa parecia fácil. Também nunca havia bebido uísque ao natural. Tinha feito um exagero, mas não se lamentava.

— Como está seu dente?

— Magnificamente, senhor — falou Elina agradecida, pois experimentava uma forte sensação de alegria. O mesmo acontecia a Stott.

— Sente-se, Elina! — disse, apontando-lhe com gesto largo uma cadeira. Sempre fui um bom bebedor — continuou Stott gravemente. — Meu pai o foi antes de mim. Não sou desses que se conhecem por homens "de meia garrafa".

À medida que falava convencia-se a si mesmo. Seu pobre pai tinha sido apenas um ministro de Deus.

— Credo! E em cima da lareira há duas garrafas!

Stott olhou.

— Há somente uma, Elina — disse severamente, olhando outra vez.

— Sim, talvez tenha razão. — Fechou primeiro um olho e depois outro.

— Apenas uma.

— Duas — murmurou Elina em tom de desafio.

— Nós, os Stotts, fomos sempre rapazes endiabrados — continuou o homem caprichosamente. — Saíamos de uma e entrávamos noutra. Fortes bebedores, fortes comilões... Gente de peso, Elina!

— Agora há três garrafas! — exclamou Elina, deliciada.

— Meu pai combateu com Kid McGinty, em vinte e cinco rounds. — Stott sacudiu a cabeça. — E deixou-o... feito... uma gelatina! Grandes lutadores, todos nós! Pelos céus! — exclamou. O espírito pugilístico lhe trazia certas recordações. — Se eu ponho as mãos naquele palhaço... Franziu o sobrolho, levantou-se e foi até o vestíbulo em grandes passadas. Elina imitou a atitude do patrão. Seus passos não eram tão largos, mas ela ficou surpresa com a medida que eles alcançavam. Stott se deteve diante da janela, com as pernas separadas e as mãos nas cadeiras, e pôs-se a olhar desdenhosamente para Mayfield.

— Venham daí, fantasmas de uma figa! Venham e vão ver! — desafiou.

Elina levantou um braço com ar de espanto. — Oh! Senhor!... Há alguém lá! Sim, sem dúvida havia alguém lá: no quarto da frente aparecia uma luz incerta e avermelhada. Uma porta se fechou com estrépito.

— Alguém lá?

Stott desceu os degraus bem depressa. Quando quis pisar num degrau que não existia, quase perdeu o equilíbrio, mas manteve-se em pé. Recordou confusamente que o preguiçoso jardineiro tinha o hábito de abandonar a foice sob o teixo que adornava a frente da propriedade.

— Vai morrer de frio! — lamentou Elina.

Mas Stott não fez caso da advertência da mulher, nem da chuva que o encharcava, nem do vento que ameaçava carregar-lhe o roupão. Procurou penosamente a foice e saiu com ela no momento preciso em que um carro atravessava o frágil portão de Mayfield.

— Ei! Você! — gritou com fúria. — Que diabo significa isso?

Ficou no centro da calçada, brandindo a foice e roçando com ela o para-lama do carro. Stott se voltou e contemplou a casa...

— Que contrariedade... nenhuma luz — disse.

Mas em Mayfield havia luzes, brancas, vermelhas e amarelas, que começavam a erguer-se em retorcidas línguas.

— Fogo! — disse Stott com voz pastosa.

Dirigiu-se cambaleante para a porta de Mayfield e bateu com a foice na vidraça, que saltou. Introduzindo a mão, alcançou o trinco, abriu a porta e ganhou o corredor.

— Fogo! — bramiu Stott. Tinha ideia de que algo acontecia... e um sentimento de que devia salvar alguém. O corredor estava envolto em chamas e, à luz delas, viu uma porta aberta. Abaixo resplandecia um forte clarão.

— Há alguém aí? — gritou Stott.

E então um calafrio lhe correu pela espinha, porque uma voz distante dizia: — Aqui!

— Fogo! — continuou ele, bramindo. Começou a descer a escada aos tropeços. A voz vinha de uma porta.

— Espere... eu lhe passarei a chave...

Ouviu-se um ruído metálico e algo caiu-lhe aos pés. Stott olhou. Uma chave.

— Abra a porta — disse a voz imperiosamente. Stott se agachou e recolheu a chave, fez três tentativas e no final conseguiu metê-la na fechadura. Um homem, dobrado ao meio, apareceu-lhe diante dos olhos.

— Afrouxe as cordas — pediu ele.

— A casa está queimando! — disse Stott impressionado.

— Já vi... Rápido!

Stott cortou as cordas e o homem se ergueu.

— Pegue esses papéis... sobre a mesa — disse o repórter ao estranho indivíduo. — Não posso apanhá-los, estou algemado.

O salvador obedeceu. O corredor estava cheio de fumaça. Repentinamente se apagaram todas as luzes.

— Vamos correr! — gritou Tab. Stott, brandindo ainda sua arma, seguiu-o com dificuldade. Nos primeiros degraus se deteve. O calor

era sufocante e as chamas cobriam já o último andar. — Bata no chão... no tapete, com sua foice. Não se preocupe comigo.

Stott fez uma corrida espetacular escada acima, golpeando freneticamente o assoalho, até chegar em cima. A fumaça o cegava; estava chamuscado e sentiu que suas roupas se enrugavam sob a ação do calor. E então Tab Holland o empurrou com o ombro.

Stott teve a impressão de que entrava num forno quente. Emitiu um grito prolongado e saltou. Numa fração de segundo se achou no corredor... respirando e com vida.

— Para fora!

Tab aplicou novamente um ombro contra o pesado indivíduo, o qual correu sob a chuva no momento preciso em que o primeiro carro de bombeiros desembocava na rua.

— Há um incêndio aqui — disse Stott com satisfação. — Venha e tome um trago.

Tab precisava de algo mais do que um trago. Viu um policial que corria e chamou-o aos berros. — Oficial... pode abrir estas algemas? Sou Holland, do Megafone. Grandes notícias!

Uma volta de chave e o repórter ficou em liberdade. Tab esticou os braços doloridos.

— Venha tomar algo — insistiu Stott, e Tab achou que a ideia não era de todo absurda. Foram à varanda de Stott. Elina lá estava, cantando em voz de falsete; uma voz que tinha feito levantar a própria sra. Stott, em deshabillé. A lírica Elina ficou muito envergonhada. Ao ver aparecer o marido, a boa senhora tremeu. — Que significa tudo isto? — perguntou ela, com lágrimas nos olhos.

— Houve um incêndio! — murmurou o esposo.

Dirigiu a Elina um olhar severo e apontou para a porta. — Para cima, depressa! Para a cama, moça! Você está feito um verdadeiro incêndio, o segundo incêndio da noite.

Tanta graça lhe provocou a própria espirituosidade e ela soltou uma gargalhada que parecia interminável. O ruído de um novo carro de bombeiros lhe deteve o riso. Saiu de casa depressa.

— Parece-me que Stott não está bem — gemeu a senhora.

— Eu... Fique quieta, Elina! Cantando salmos a esta hora da madrugada!

E então Stott entrou como um fantasma. E, atrás dele, Carver. O detetive custou a recuperar a fala.

— Graças a Deus! Meu rapaz... Nunca eu esperaria...

— Eu o salvei! — gritou Stott, engolando as sílabas.

Seu rosto estava negro; os restos de seu roupão, empapados. Levantou para o ar a arma de combate. — Eu o salvei! — repetiu Stott com dignidade. — Nós, os Stott, somos uma raça invencível. Meu pai foi bombeiro... Salvou milhares de pessoas do fogo!

E aqui, dizendo isso, não se afastava muito da verdade, porque Mr. Stott pai fora missionário.

Quantas almas salvara ele das chamas... do inferno!

— Devemos prevenir Miss Ardfern imediatamente. Esta noite falei com ela pelo telefone para saber notícias suas, e o que consegui foi alarmá-la. Espero que Deus a tenha protegido.

Em hora menos avançada teria sido fácil comunicar-se com Hertford 906, mas agora isso era impossível. O operador de Hertford, depois dos chamados, informou que havia uma interrupção. Carver voltou à sala de jantar de Stott com o rosto grave. Já se podia falar sem dificuldade porque a sra. Stott e a delirante Elna tinham desaparecido. Stott, com as mãos enlaçadas sobre o ventre, estava recostado numa cadeira, fechados os olhos e com um leve sorriso nos lábios. Possivelmente sonhava com seus heroicos e invencíveis antepassados.

— Tab — disse Carver —, você conhece Stone Cottage. Sabe algo a respeito da instalação do telefone? É um fim de linha ou a ligação é feita da rua?

— Creio que vem da rua — disse Tab. — O fio está estendido na direção da casa através do jardim. Lembro-me disso porque Ursula me disse que aquilo enfeiava o lugar.

Carver fez um gesto de assentimento. — Então ele está lá — disse — e o cabo foi cortado. Verei o que se pode fazer da delegacia de polícia mais próxima. Mas temos de achar alguém que tenha carro. Vá procurar, Tab.

Tab cumpriu o encargo com rara felicidade. Na casa vizinha havia um jovem cuja paixão era exceder com seu Span todos os limites de velocidade; com grande entusiasmo aceitou o pedido que a polícia lhe fez de violar suas próprias posturas. Quando Tab voltou, Carver o esperava no portão do jardim.

— Está pronto o carro? — perguntou. — Nosso amigo conhece o caminho?

— Eu podia seguir por ele de olhos vendados — respondeu o chofer amador.

Foi uma corrida selvagem. O próprio Tab, a quem os diferentes regulamentos de velocidade inspiravam desprezo, verificou com admiração que o condutor chegava à temeridade. Correram a tal velocidade sob a densa chuva que o barro salpicou e quase cobriu os poderosos faróis dianteiros, isso não fazendo, entretanto, que a marcha diminuísse. Dobraram a toda velocidade curvas perigosas, lançaram-se por estreitos becos... Em certo momento, Tab julgou ver a um lado do caminho um carro escuro parado, mas passaram velozes por ele antes que pudesse distingui-lo bem. Quando Tab desceu do carro, o portão do jardim de Stone Cottage estava aberto. Ao passar por ele, o rosto do rapaz tocou num fio suspenso no ar... A porta estava aberta de par em par. Ao entrar no silencioso hall, seu coração bateu violentamente e até ele chegou apenas o sereno tique-taque do grande relógio. Riscou um fósforo e acendeu uma das velas que, como sabia, Ursula tinha sempre pronta sobre uma mesa lateral. À fraca luz, viu no vestíbulo uma cadeira tombada sobre o tapete. Parecia caída durante uma luta. Tab teve de se apoiar na parede...

— Irei eu sozinho — murmurou roucamente.

Subiu a escada com lentidão. Cada movimento lhe exigia um esforço inaudito. No aposento superior brilhava uma luzinha velada. Era um compartimento largo, com um tapete quadrado, e mobiliado com duas cômodas poltronas e um pequeno canapé. Ursula lhe havia dito uma vez que costumava ler ali, porque havia uma larga claraboia que abria nas noites de calor. Ali, também, o tapete estava em desordem e, sobre o canapé azul... Fechou os lábios para conter o grito. Sangue! Ali havia uma grande mancha. Tocou-a com as pontas dos dedos e olhou. Sangue! Seus joelhos se dobraram e o repórter teve de sentar-se durante uns momento. Depois, com tremendo esforço, ergueu-se e foi até a porta do quarto de Ursula. Levou a mão ao trinco. Tomou o candelabro nas mãos e entrou no quarto. Na cama jazia um corpo; o cabelo castanho esparso sobre o travesseiro, o rosto oculto... Seu coração quase parou de bater...

— Que é isso? — perguntou uma voz sonolenta. Ursula se havia erguido sobre o cotovelo, levando a mão aos olhos para evitar o

resplendor da vela.

— Ursula! — respirou Tab.

— Mas o quê? É você, Tab?

O jovem percebeu um reflexo de aço no momento em que ela introduzia debaixo do travesseiro um objeto que dali começara a tirar. — Tab! — exclamou Ursula, sentando-se na cama.

— O que há, Tab, o que aconteceu?

O candelabro vacilou em suas mãos. O rapaz colocou-o sobre a mesa.

— O que aconteceu, querido? — perguntou Ursula.

Ele não pôde responder. Caiu ajoelhado junto da cama afundando a cabeça nos braços da noiva.

Rex Lander sorria enquanto dirigia o carro sob a chuva, porque achava que por sua mente passara também uma borrasca. Milagrosamente acabavam de solucionar-se todas as suas dificuldades. Não sentia pressa, porque o êxito estava agora assegurado. A mulher que tinha perturbado seus pensamentos durante quatro anos, cujas fotos ele guardara secretamente às centenas, cujo rosto não se apagava de sua mente e cuja voz o tinha deleitado noite após noite até se transformar numa obsessão que excluía todo e qualquer outro pensamento ou fantasia, essa mulher, por fim, era sua.

Rex tinha abominado o amigo desde o instante em que este zombara de sua paixão; e mais ainda quando comprovou o fato incrível de que Tab, sem dar lugar a dúvidas, lhe havia roubado o coração da jovem, aproveitando-se de sua ausência.

Nunca duvidou de que, uma vez milionário, Ursula Ardfern se renderia a suas pretensões, e já planejava seu futuro baseado nessa suposição. Riqueza! Os meios de poderio a possibilidade de brindar o objeto de seu amor com tudo o que a vaidade e a fraqueza humanas podem desejar!

Tab já morreu, pensava ele com prazer, e sua confissão estava em cinzas. Lamentava o impulso que o fizera escrever aquilo. Quando levara Tab a Mayfield, não tinha intenção alguma de fazê-lo, e agora se achava um tanto confundido ante a própria estupidez. Sem dúvida cometera uma loucura. Loucura? Franziu o sobrolho. Ele não era um demente. Sim, desejava uma mulher da graça e da beleza de Ursula, estava bem são. Fora suficientemente são para apossar-se do dinheiro e do tio... Muitos eram os homens que matavam os que se atravessavam no seu caminho. E esses homens não eram considerados loucos. Ele não cru um louco! Nunca tinha sido. Pois se havia traçado um plano definido! Os dementes nem os traçam nem os cumprem.

Naquela noite, Ursula consentiria em ser sua esposa; e, se recusasse, não deixaria de reconsiderar logo seu gesto do primeiro momento. Rex seria aceito antes de deixar a casa e esse pensamento o fez lançar um suspiro.

— Estou louco? — perguntou em voz alta, quando deixava o carro no mesmo lugar onde certa vez quase fora aprisionado por Carver.

Os dementes não tomavam tais precauções. Um demente não teria previsto que a criada de Ursula poderia telefonar à polícia, nem levaria no bolso uma grossa corda para lançá-la por cima do fio telefônico e com o auxílio dela poder soltá-lo. Um louco não teria comprado uma corda de semelhante comprimento... que servisse tanto para atar Tab Holland como para puxar o fio do telefone...

— Não estou louco — disse Rex Lander. E entrou no jardim.

A casa estava envolta na escuridão; na janela do quarto superior, onde a moça dormia, não se via luz alguma.

Ele já tinha feito um minucioso reconhecimento da casa e conhecia todos os seus pontos vulneráveis. Abriu a janela da sala e se achou caminhando suavemente dentro do quarto, muito mais depressa do que se um criado o tivesse atendido para lhe abrir a porta.

Já estava nos aposentos dela! Na sua salinha! Parecia gozar da presença da moça. Lander se sentiria feliz somente em sentar-se ali e respirar aquela atmosfera dos objetos em que ela pousava as mãos, vivendo dos sonhos que tão amiúde acudiam a sua mente nas noites de insônia de Doughty Street, nas ocupações quando estava trabalhando, e no solitário caminho que levava a sua casa, cada noite que deixava o teatro depois de se deleitar com a voz maravilhosa da atriz.

Tirou do bolso uma grande lanterna e passou o feixe de luz em torno. Sobre o pequeno piano se via uma floreira com rosas; reverente, pegou uma delas, cortou-lhe o talo e a colocou na lapela do casaco. Rosas tocadas pelas mãos dela! Ursula as apanhara no jardim, talvez as tivesse beijado... Ele inclinou a cabeça e seus lábios roçaram as pétalas aveludadas.

A porta não tinha chave. Já estava no amplo hall. Num canto se achava o antigo relógio de pêndulo batendo seu grave tique-taque.

O dormitório se achava na frente da casa; ele não podia se enganar no caminho; mas teve de se deter na salinha ao pé da escada, num êxtase antecipado. Pousou a lanterna sobre o canapé e alisou o cabelo com gesto mecânico. Depois continuou caminhando na ponta dos pés. No instante em que punha a mão sobre o trinco da porta, um braço rodeou-lhe o pescoço, um braço que lhe estrangulou o grito na garganta.

A força do braço misterioso era tal que o corpo de Rex estremeceu e caiu ao chão, retorcendo-se. Uma perna de Yeh Ling o continha. Rex Lander conseguiu libertar a mão, que levou rapidamente ao bolso. Yeh Ling viu brilhar uma automática.

— Sinto muito... — murmurou.

Rex Lander sentiu nas costas, do lado esquerdo, um espasmo de dor.

— Você — murmurou.

Tossiu profundamente. Yeh Ling o levantou até o canapé. O chinês se manteve de pé; depois inclinou a cabeça, atento. Nenhum ruído chegava até ele, exceto o cla-cloque, cla-cloque que vinha do vestibulo. Levantou as pálpebras de Lander e tocou suavemente a córnea. O homem estava morto.

Yeh Ling tirou da manga um lenço de seda azul e enxugou o suor do rosto, guardando logo o lenço com cuidado. Depois, curvando-se, pegou o braço de Lander, passou-o pelo pescoço e, fazendo um esforço, suspendeu o corpo aos ombros lenta e dolorosamente, começou a descer a escada com sua carga. Ao chegar embaixo esteve a ponto de deixar cair o corpo. Tratou de encontrar uma cadeira, mas não o conseguiu. Sentando-se ao solo, ao lado da vítima, respirou fundo, levantando-se a seguir silenciosamente para abrir a porta de par em par.

Não obstante o negrume daquela noite, havia luz suficiente para distinguir vagamente os objetos. O chinês não poderia levantar o homem outra vez; só lhe seria possível arrastá-lo através do hall. Enquanto fazia isso, chocou-se contra uma cadeira, que rolou por terra, felizmente sem ruído porque o chão era atapetado. Seguiu

pelo jardim, ao longo do caminho pavimentado, e depois ganhou a rua. A respiração de Yeh Ling era um fio... Teve de se deter outra vez para respirar. Tentou novamente levantar o corpo e teve um êxito medíocre. Seguiu pela estrada, fazendo curvas com os joelhos que ameaçavam dobrar-se, mas sua vontade triunfou; e, quando se achou a certa distância da casa, deixou o pesado fardo ao lado do caminho e foi em busca do carro de Lander. Achou-o sem dificuldade; teria sido difícil não achá-lo, porque o chinês virá Rex chegar. Pôs o motor em movimento e fez retroceder o carro ao longo do caminho, até ficar ele ao lado do cadáver. Desceu e levou o corpo até a parte traseira do carro, acendeu um cigarro e depois as luzes, e sem pressa dirigiu na direção de Sterford.

Uns oitocentos metros antes de chegar a sua casa, apagou as luzes e cobriu a distância sem auxílio delas. Deixando o carro a um lado do caminho, pôs o corpo nos ombros e caminhou com dificuldade por entre o barro até chegar aos pilares que sustentavam o arcabouço de cimento. No horizonte zigzagueou um relâmpago. À sua luz, Yeh Ling viu (como já o sabia) que seu Pilar das Gratas Memórias não tinha feito nenhum progresso; os moldes estavam em seu lugar e as vasilhas de aço, como delgados ramos de árvores, se inclinavam e entrechocavam ao impulso do vento forte.

Depois de muito buscar, achou uma corda amarrada a uma das peças da plataforma e com ela amarrou o corpo, dirigindo-se logo à máquina que usavam para levantar grandes pesos. Novos trovões e mais prolongados relâmpagos. Olhando para cima, Yeh Ling viu o vulto suspenso no ar e começou a girar a manivela.

O vento soprava feroz, agitando o corpo que pendia da extremidade da corda, e Yeh Ling olhava para o alto, procurando seguir atentamente seu trabalho. Então vieram novos relâmpagos, e outros, e outros mais. O corpo alcançara a borda do molde. Yeh Ling voltou a manivela a seu lugar primitivo, e o corpo despencou. O chinês tirou do bolso uma lanterna que tinha encontrado no sofá e dirigiu um feixe de luz para a parte superior do pilar. Sim, o cadáver desaparecera...

Apoiada na cobertura de madeira havia uma escada, e por ali Yeh Ling começou a subir, encontrando do lado interior outra sucessão de degraus. Desceu os dois metros e meio até a base de concreto e, sem perder a corda, puxou o corpo até o fundo do recipiente que ali havia, afundando-o no pedregulho. Depois trepou até em cima, voltando-se para olhar, na obscuridade, o corpo que jazia no fundo do pilar. Os relâmpagos eram agora quase contínuos e os trovões cresciam em intensidade. Yeh Ling viu . e ficou satisfeito. Retirando a escada interior, desceu num instante e achou-se no solo, ao ar livre.

Então fez outra busca. Precisava encontrar o controle da queda de cimento, e por fim o achou. Puxando-o com cautela, ouviu o ruído do viscoso concreto que ia se derramando dentro do molde. Abriu a comporta o quanto pôde e ouviu o característico ruído do cimento ganhando volume. Depois de abandonar o Controle, pegou uma pá e subiu novamente pela escada. O concreto se elevava quase até a borda do molde. Não havia vestígio de Rex Lande, Com o instrumento que levava nas mãos nivelou a superfície desigual, e desceu definitivamente.

A tormenta passara, mas, mesmo que se desencadeasse o mais formidável dos cataclismos, Yeh Ling não o teria percebido. Sentou-se ao volante do carro de Lander, com a pele molhada e as mãos gretadas e ensanguentadas, e com todos os ossos doloridos; pôs-se a pensar enquanto fumava um cigarro. De súbito ouviu o rumor de um carro que se aproximava e correu a esconder-se sob um teixo. O carro passou num voo...

Quando despontava o dia, Yeh Ling tomava um banho de imersão em seu apartamento que dava para Reed Street. Suas mãos, fora da água, seguravam um volume dos poemas escolhidos de Browning; estava lendo *Pippa Passes*.

— Nos degraus há gotas de sangue — disse Carver — e também no caminho do jardim. Além disso, veem-se as marcas de rodas que evidentemente vieram retrocedendo desde o lugar onde Lander costumava deixar seu carro; mas, a partir daí, o rastro se perde.

Carver olhou para Tab e este para Carver.

— Que acha disso? — perguntou calmamente. — Não vou traduzir meus pensamentos em palavras — disse o inspetor —, mas honestamente lhe direi, Tab, que temos em nosso poder a confissão de Lander, selvagem e incoerente, mas dificilmente teremos o próprio Lander.



O dia apontava e Ursula, silenciosa mas atenta ao que se dizia, desceu para dar-lhes café.

— Não há dúvida de que Lander esteve aqui — disse Carver. — Destruí a ligação do telefone, introduzi-me pela janela da sala e subi a escada. Não ouviu nada, Miss Ardfern?

— Nada — respondeu ela meneando a cabeça. — Não tenho o sono muito leve, mas posso afirmar que, se tivesse havido luta diante da porta do meu quarto, eu ouviria.

— Tudo isso depende de quem estivesse dominando na luta — disse Curvar em tom firme. — Minha crença, entretanto, é... que nada mais haja a fazer neste caso. Está provado que o chapéu achado no caminho é de Lander, que ele esteve aqui, sendo indiscutível que os rastros lá fora foram deixados por seu carro. Turner nada ouviu?

— Nada — disse ela. — E não é de estranhar; ele dorme no fundo da casa em um quarto que dá para a cozinha. A confissão lhe será útil?

— Muitíssimo! — disse Carver enfaticamente. — E, com a explicação de Tab sobre a volta da chave à mesa, a coisa está mais clara do que a luz do dia. Parece que Lander andou planejando durante anos a forma de obter o dinheiro do tio e seu projeto se acelerou quando soube, provavelmente dos lábios do próprio velho, quando esteve com ele, que Trasmere pretendia deserdar a família. Rex Lander apoderou-se do revólver ao passar uma temporada em Mayfield, pois a arma era sem dúvida de propriedade de Trasmere; tenho ideia de que o rapaz se apoderou de algo mais.

— Posso dizer-lhe o que é — explicou Ursula com calma. — Ele levou de Mayfield alguns documentos.

— Por que diz isso?

A moça não respondeu de imediato, porque Carver interpôs uma pergunta.

— Desde quando a senhora sabe, Miss Ardfern, que Lander foi o assassino de Trasmere?

Tab esperava que ela dissesse ignorar isso e que a notícia acabava de lhe produzir um abalo.

— Soube que era o criminoso no dia em que Tab me disse ter achado o testamento de Trasmere.

— Mas por quê? — perguntou o repórter.

— Porque — respondeu Ursula — Trasmere não sabia ler nem escrever em inglês!

O profundo significado dessa explicação simples foi mais claro para Carver do que para Tab.

— Compreendo. Desde o primeiro momento suspeitei que o testamento fosse falso, mas achava que Lander tinha imitado a caligrafia das cartas que usualmente recebia do velho.

— Elas nunca foram enviadas pelo tio. O próprio Lander as escreveu — disse a jovem. — Suspeito que o fez com a intenção de sugerir autenticidade ao testamento quando este fosse descoberto. Ele devia conhecer o segredo do velho. Mr. Trasmere era muito sensível nesse ponto. Costumava queixar-se de que podia escrever e ler o chinês sem nenhuma dificuldade (eu soube que era um mestre nessa matéria) e de que não lhe era possível traduzir duas palavras em inglês. Essa é a principal explicação para me empregar

como secretária e por que necessitava de alguém em quem pudesse confiar e ao mesmo tempo exercer uma espécie de tirania.

— Quer dizer que Rex andou escrevendo cartas a si mesmo? — perguntou Tab com um tom de incredulidade.

Ela fez um gesto afirmativo. — Não posso ter dúvida... Quando me disse que Mr. Trasmere tinha deixado um testamento de próprio punho quase desmaiei. Então entendi o que tinha acontecido e quem era o assassino, e por que Mr. Trasmere foi assassinado.

Carver coçou a barba crescida.

— Eu desejaria achar Rex Lander — disse, como que falando consigo mesmo. — Desde quando Lander teve essa ideia?

Tab rompeu o silêncio. — Há muitos anos; desde que... — disse, interrompendo-se de súbito.

— Desde que me viu pela primeira vez... acrescentou a jovem, trêmula.

— Ainda antes. Houve outra moça a quem ele deu o coração — replicou Carver. — Lander, como digo, precisou apressar os acontecimentos ao descobrir que o dinheiro tomava outro caminho. Só esperava a oportunidade; o plano tinha sido meditado até nos menores detalhes. Praticou assiduamente o estratagema da chave e por fim resolveu pôr tudo em prática. Sabia que o tio costumava passar a tarde de sábado no porão, cuja porta permanecia aberta. Seu primeiro trabalho foi afastar o criado. Por algum meio descobrira que Walters era um ex-presidiário; se não me engano, houve uma época em que Lander se transformou em estudioso de crimes, e creio também que alguém me disse que ele gastava horas inteiras na biblioteca do Megafone, motivo por que se tornou ali muito antipatizado.

Tab fez um gesto de assentimento.

— Foi assim, decerto, que ficou sabendo da história de Walters, ou Felling, se bem que não haja necessidade de fazer afirmativas categóricas a esse respeito. É suficiente dizer que ele se inteirou da personalidade de Walters e de que se tratava de um ladrão confesso e, por conseguinte, foi ele, Rex, quem dirigiu ao primeiro o telegrama na tarde do crime. Graças a esse telegrama, pude achar

a pista. Rex dizia nele que a polícia iria buscar Walters às três horas. Provavelmente ficou espiando nos arredores da casa e, quando o telegrama foi entregue, originando a fuga de Walters, que deixou a porta aberta, ele surgiu, introduzindo-se na casa. Desceu a escadinha e descobriu que o tio, como esperava, se achava trabalhando à mesa, talvez contando e recontando o dinheiro recolhido durante a semana... Era essa a ocupação favorita do velho. Sem titubear, Rex Landes fez fogo contra o tio. A seguir procurou a chave da caixa forte, a qual, como ele supunha, estava presa ao pescoço de Trasmere por uma corrente. Arrancou a corrente e separou dela a chave, que nessa manobra se manchou de sangue. Tirou um alfinete, a que atou o cordão, cravou-o no centro de mesa e depois procedeu da maneira que revelou a Tab. Na primeira vez em que inspecionei a abóbada — continuou o detetive — notei perto da porta uma gota de sangue, mas não consegui chegar a qualquer conclusão; também não compreendi a aparição de uma partícula de areia na chave, como aconteceu. Ambos os mistérios foram desvendados. Quando a chave voltou à mesa, o assassino puxou o alfinete e depois tirou o algodão, que guardou no bolso. Por uma fatalidade o alfinete caiu no corredor.

Houve outra longa pausa, ao cabo da qual Carver, irritado, perguntou:

— Onde estará ele agora?

O único homem que podia dar informação a esse respeito, informação exata, dormia naquele momento, placidamente, numa cama dura e estreita.

Yeh Ling escreveu:

Estimada Miss Ardfern:

Segunda-feira próxima vou celebrar o que chamam "inauguração" de minha casa. Quer vir também?

Ficarei muito agradecido. Se possível, convença Mr. Carver e Mr. Holland para que apareçam também à minha festa.

A jovem respondeu imediatamente, aceitando o convite em seu nome e no de Tab.

— Eis uma grande ideia — disse o chefe da redação. —A casa já tem sua história, Tab. Agora, rapaz, veja se por uma vez em sua vida consegue encher uma coluna realmente informativa! No material que nos trouxe nesses últimos dias havia muitos erros... O chefe da edição noturna queixou-se amargamente porque nos esforços literários que você faz encontrou muitas mancas. Como pode você supor que, referindo-se a um ministro do governo, a gente possa qualificá-lo de "encantador"? Também não se usa chamar de "querido" um juiz.

Tab ficou vermelho até as orelhas. — Eu fiz isso, Jaques? — perguntou, com remorso.

— Fez, sim. E ainda pior... Agora... uma reportagem substancial a respeito desses pilares de Yeh Ling. Ponha em suas frases um pouco de fantasia oriental, sim?

Tab prometeu solenemente que o faria.



Na casa inaugurada, teve o prazer inesperado de encontrar Mr. Stott, a quem apresentou Ursula. Mr. Stott tinha no assunto um interesse particular, como explicou uma dúzia de vezes. Ele havia colaborado nos trabalhos iniciais.

— Devo muitíssimo ao senhor, Mr. Stott — disse Ursula. — Tab... Mr. Holland me contou a grande coragem que o senhor demonstrou na noite do incêndio.

Stott tossiu. — Andam dizendo pela cidade que vão me dar de presente um troféu de prata — respondeu o homem com ar compungido. — Fiz todo o possível para evitar. Não gosto que se faça um alvoroço tão grande por semelhante insignificância. O curioso é que toda a minha família sempre detestou o exibicionismo. Nossa família teve sempre horror à publicidade. Meu pai, que aliás foi o mais destacado dos pastores no movimento batista, poderia ter sido bispo. Na realidade, o bispado lhe foi oferecido... mas ele fez o mesmo que eu. Lembro-me de que...



Yeh Ling os conduziu pela casa, mostrando seus tesouros de arte, acumulados com tanto amor e que agora estavam vendo à luz do dia. Ursula sentia-se muito feliz; demonstrava um entusiasmo infantil ante cada pintura que Yeh Ling lhe mostrava.

— Yeh Ling — disse ela quando se achou a sós com o chinês, por um instante —, teve alguma notícia de Mr. Lander?

O chinês fez um movimento negativo.

— Acha que ele foi para o estrangeiro?

— Não creio — disse Yeh Ling.

— Você sabe, Yeh Ling? — perguntou a jovem, desconfiada.

— Só posso assegurar — respondeu o chinês, abanando-se com um leque pintado — que nunca mais vi o rosto de Rex Lander depois da noite em que o encontrei no Teto de Ouro.

A moça pareceu satisfeita com a explicação, mas...

— Quem era Wellington Brown? — perguntou com voz estranha.

— Senhorita — disse Yeh Ling gentilmente —, esse homem morreu; é preferível que tenha sido assim... e não da maneira que a senhorita temia.

A moça passou a mão nos olhos e fez um gesto afirmativo.

— Nós, os chineses, perdoamos muito nossos pais... — disse Yeh Ling, deixando a atriz a sós com sua dor.

Da casa, levou os hóspedes até os jardins da frente e desceram todos à ampla avenida amarela, seguindo depois até a frente dos pilares maciços e cinzentos que pareciam ser os imponentes guardiães daqueles domínios.

— Você teve uma boa ideia com isso, estou certo... — disse Stott, dirigindo para o alto um olhar de entendido.

— Com um deles, sim... — disse Yeh Ling.

Seu leque se movia languidamente de um lado para outro.

— Com o Pilar das Gratas Memórias tive uma dificuldade. Alguém veio aqui numa noite chuvosa e derramou cimento dentro do molde, cortou a corda dos baldes e fez alguns outros danos sem importância. Meu construtor pensou que o pilar não ficaria bem... mas aí o temos.

Olhou a lisa superfície do cimento. — Este pilar eu dediquei a todos os que me ajudaram: ao velho Shi Sho; à senhora, Miss Ardfern... a todos os deuses, orientais e ocidentais; a todos os que amam e são amados.



Quando seus hóspedes partiram, Yeh Ling, vestido com sua túnica de cerimônia, em cetim dourado, voltou ao pilar, levando na mão um pequeno livro. Seu dedo marcava as páginas, bem no meio.

— Creio — disse Yeh Ling — que serei mais feliz...

Deteve-se, olhando para o pilar. Fez uma reverência e, depois, abrindo o livro, começou a ler com sua voz profunda e rica. Quando terminou, acendeu três velas perfumadas que tinha diante de si,

deixadas ali por um criado momentos antes; colocou-as à frente do obelisco e se ajoelhou, tocando o solo com a fronte. Depois tirou da ampla manga três tirinhas de papel dourado que mostravam primorosas inscrições e pôs fogo nelas.

— Penso que estes são todos os deuses que conheço... — disse Yeh Ling sacudindo com cuidado o pé que se grudava em seus dedos.

FIM

C